



Tatiane Demaria Grova

**Do mesmo à surpresa: um percurso pelo
conceito de repetição em Freud e Lacan**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientador: Marcus André Vieira

Rio de Janeiro
Março de 2008



Tatiane Demaria Grova

**Do mesmo à surpresa: um percurso pelo
conceito de repetição em Freud e Lacan**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^o. Marcus André Vieira
Orientador

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof^a. Lúcia Grossi dos Santos
Centro Universitário FUMEC, FCH - FUMEC

Prof^a. Maria Silvia Garcia Fernández Hanna
Sem Vínculo

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade
Coordenador Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 14 de março de 2008.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Tatiane Demaria Grova

Graduou-se em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2005. Dedicou-se aos aspectos teórico-clínicos da psicanálise tal como transmitida por Jacques Lacan a partir dos escritos de Sigmund Freud. É vinculada à Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Rio.

Ficha Catalográfica

Grova, Tatiane Demaria

Do mesmo à surpresa : um percurso pelo conceito de repetição em Freud e Lacan / Tatiane Demaria Grova ; orientador: Marcus André Vieira. – 2008.

100 f. : Il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Psicologia)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Psicanálise. 3. Repetição. 4. Simbólico. 5. Surpresa. 6. Objeto a. 7. Real. I. Vieira, Marcus André. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Para Rosane e Afonso.

“Que mistério é uma dedicatória, uma entrega de símbolos!”

J. L. Borges

Estes são para vocês com amor e um céu de verão, bolo na boca, palavras
na mão e moedas caindo, brigas brincadas em revoltas de algodão,
grito e música e eu.

E para P.V., que, com escrita corpo-litoral, fez marca.

Agradecimentos

A Marcus pelo percurso.

A Romildo pelo impulso.

Aos amigos de sempre, de horas, de todas: Rodrigo M., Helena, Teresa, Joana, Pedro, Vânia, Rodrigo L., Sílvia, Maria, Renata, Tuila, Ana Raquel, Isabel e Márcio.

E por tanto carinho, por tantos livros, a Maricia e Lourenço, pela presença e pela Subversos.

Resumo

Grova, Tatiane Demaria; Vieira, Marcus André. **Do mesmo à surpresa: um percurso pelo conceito de repetição em Freud e Lacan.** Rio de Janeiro, 2008. 100 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A partir de esquemas freudianos elaborados em 1895, nosso percurso primeiramente intenta circunscrever a concepção de memória com a qual lida a psicanálise – noção que, segundo Jacques Lacan, sofre a incidência do registro simbólico desde seus primórdios. Em uma articulação ao que aí aparece como excedente, como o que não é encampado pelo significante, mas que surge como resto desta operação que o inscreve no aparelho psíquico, procuramos entrever o que se coloca como presença paradoxal que retorna e não se sujeita ao princípio do prazer. Para vislumbrar o que se articula neste ponto, percorremos a conceituação freudiana de pulsão de morte, os comentários de Lacan acerca de *das Ding*, assim com a encarnação deste resto, o objeto *a*.

Palavras-chave

Psicanálise, repetição, simbólico, surpresa, objeto *a*, real.

Abstract

Grova, Tatiane Demaria; Vieira, Marcus André. **From what is the same to the surprise: a journey through Freud and Lacan's concept of repetition.** Rio de Janeiro, 2008. 100 p. MSc Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Based in three freudian similes, our path intents to circumscribe the concept of memory with which psychoanalysis deals. This notion, according to Jacques Lacan, bears the incidence of the symbolic register since it's beginnings. In an articulation with what seems an excess, with what is not embodied by the significant, but that appears as the rest of this operation that inscribes it in the psychic apparatus, we try to foresee what puts itself as a paradoxical presence that returns and does not subject itself to the principle of pleasure. To have a notion of what is being articulated, we turn to the freudian concept of death instinct, Lacan's comments about *das Ding* and the incarnation of this rest, the object *a*.

Key-words

Psychoanalysis, repetition, simbolic, surprise, object *a*, real.

Sumário

1. Introdução	12
2. Considerações sobre a repetição em Freud	18
2.1. No início eram as lembranças	18
2.2. As lembranças e seu núcleo	20
2.3. No encaicho de um método	23
2.4. Sobre a memória	26
2.5. Traços e estrutura	28
2.6. Um princípio e seu além	32
2.7. O sonho traumático e o fort-da	37
2.8. A pulsão de morte	41
3. Os possíveis e o impossível	46
3.1. Caminhando às cegas	46
3.2. O inconsciente estruturado como uma linguagem	49
3.3. Breve referência ao estruturalismo	51
3.4. Da determinação	53
3.5. Surpresa e saber	56
3.6. Descoberta versus produção	57
3.7. Do acaso à lei	59
3.8. Os possíveis e impossíveis da estrutura	63
3.9. O real como ruptura	67
4. Encarnações do impossível	72
4.1. Um sonho freudiano	74
4.2. A realidade e seu avesso	77
4.3. Ponto zero da representação	79
4.4. Entre couro e carne	80

4.5. Um encontro impossível	83
4.6. Um encontro com o impossível	84
4.7. De soslaio	87
4.8. A repetição na experiência de uma análise	89
5. Considerações finais	92
6. Referências bibliográficas	97

Lista de figuras

Figura 1 – Grafo das combinações possíveis	63
Figura 2 – Grafo das combinações impossíveis	64

Carrego comigo há dezenas de anos
Há centenas de anos o pequeno
embrulho.

[...]

Não ousou entreabri-lo.
Que coisa contém, ou se algo contém,
nunca saberei.

[...]

Guardar um segredo em si e consigo,
não querer sabê-lo ou querer demais.
Guardar um segredo de seus próprios
olhos,
por baixo do sono, atrás da lembrança.

[...]

Vem do mar o apelo, vêm das coisas
gritos.

O mundo te chama: Carlos! Não
respondes?

[...]

Perder-te seria perder-me a mim próprio.
Sou um homem livre mas levo uma coisa.
Não sei o que seja. Eu não a escolhi.
Jamais a fitei. Mas levo uma coisa.
Não estou vazio, não estou sozinho,
pois anda comigo algo indescritível.

Carrego comigo

Carlos Drummond de Andrade

Introdução

O que, de fato, podemos chamar sob o nome *repetição* na experiência analítica? Qual seu fundamento? O que este conceito articula? Estas são algumas perguntas fundamentais que motivam nosso percurso. Subjaz a elas outra, a que talvez mais nos tenha colocado este objeto conceitual como pesquisa. A experiência de uma análise não concerne somente a uma retomada histórica em prol da busca de respostas em figuras e/ou experiências arcaicas que poderiam esclarecer o presente e talvez até chegar a prever o futuro. A análise concerne principalmente à experiência de aproximação do que tem contornos inéditos para alguém, que extrapolariam os fatos de sua história e a de seus antepassados. Assim, a primeira vista, poderia haver uma certa dissonância: como uma teoria que tem no rol de seus conceitos fundamentais o da repetição compreende uma prática que testemunha que do mesmo se pode extrair o surpreendente? Cabe-nos montar um percurso que possa circunscrever como essa pergunta se colocou em alguns textos e o que dela puderam situar Sigmund Freud e Jacques Lacan, nossos guias.

Para esta empreitada, começamos com o que podemos considerar um achado: precisamente três símiles de 1895, pertencentes ao texto “A psicoterapia da histeria”. Freud elabora três imagens complementares que constituem uma sofisticada hipótese sobre o funcionamento da memória. Mesmo sendo parte ainda de sua publicação com Breuer, tal texto testemunha aspectos surpreendentes que não se coadunavam mais com o método catártico. Para citar alguns: a hipótese da etiologia da histeria vinculada à neurose passa a ser cada vez mais incontestável; o conceito de defesa se mostra em seu vigor inicial. Essas e outras nascentes premissas teórico-clínicas já valeriam a qualquer psicanalista a leitura deste texto. Entretanto, o que chamamos de achado, de especial serventia para nosso percurso, são esses símiles que fornecem o começo do que Freud estabelece acerca das cadeias de pensamento e sua articulação com aquilo que marcará sua trajetória sob diferentes nomes: sexual, traumático, pulsional. Ver nascer, já de modo pertinente

e virulento, o que neste momento ele chama de “núcleo patogênico”, assim como acompanhar a concepção de cura, vinculada diretamente a este centro, nos inspira a perseguir esta meada em diversos fios. Acompanhamos também Freud em seu *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, no sentido de prosseguir nossas perguntas acerca do que se pode estabelecer nesse momento como memória, como as histórias que se contam e recontam em análise, disponíveis no arsenal de lembranças, e daquilo que responde pela presença de uma novidade que traz um efeito de surpresa diante deste arsenal.

Freud desde então se viu, em alguns pontos, tocado pela questão da repetição, principalmente com relação ao que não aparecia como repetição a ser narrada, mas a ser atuada e que contava, nessa atuação, com a própria cena da análise. Se tais atuações traziam principalmente o que o sujeito tinha de pior¹, de desprazível a seu próprio ego sem que necessariamente se impusesse como tentativa de obtenção de prazer do recalado, de onde adviria esta insistência em reviver tais tipos de situações?

Desembocamos com Freud em “Além do princípio do prazer”, texto de 1920 que testemunha uma torção. Com a noção de pulsão de morte, Freud faz a tentativa de se aproximar de alguns quadros que pareciam mobilizar algo que não se adequava à concepção de conflito psíquico. Iremos nos deter em dois exemplos utilizados neste texto: os sonhos traumáticos e a brincadeira com o carretel, no *fort-da*. Ganhamos então, com Freud, alguns passos a fim de depreender o que está em causa com a noção de repetição: aquilo que escapa à representação e que se cria a partir da articulação entre as redes associativas e o núcleo patogênico, entre a instauração do simbólico e um estado de coisas anterior que só podemos supor, posto que só se poderá lidar com isso a partir da incidência simbólica, ou seja, das próprias palavras.

Aportamos com Lacan no segundo capítulo. Neste, com a associação livre, interpelamos o que podemos considerar como *mesmo* e como *surpreendente*. Algumas balizas importantes se colocam no caminho quando escolhemos abordar a questão da repetição com o *Seminário 2* e o escrito sobre o conto d’A *carta roubada* de Edgard Allan Poe.

¹ “[...] suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter. Repete também todos os seus sintomas, no decurso do tratamento.” (Freud, 1914/1996, p. 167)

Neste ponto, preferimos pausar a tentativa de antecipar o que espera o leitor. Parece-nos mais interessante rumar a uma frase que Lacan coloca no final dos comentários sobre este conto de Poe. Ela tem valor especial para nós por interpelar nossa questão acerca da produção da novidade em uma análise. Que o leitor nos perdoe a interrupção.

Acompanhados por Slavoj Žižek, retomamos esta espécie de fórmula que circunscreve o percurso do comentário de Lacan no decorrer no *Seminário 2*. Trata-se da seguinte passagem: “[...] uma carta sempre chega a seu destino” (Lacan, 1985a, p. 258).

Podemos nos perguntar se Lacan estaria aí dando mostras de uma espécie de filiação teleológica segundo a qual a determinação ganharia da contingência. A psicanálise seria então uma prática de leitura de significantes, um pouco menos arbitrária que a leitura das mãos feita pelas ciganas. A partir desta suposição, seria possível definir o lugar ocupado pelo sujeito no mundo para... retê-lo aí. Sendo impossível a mudança, os significantes seriam tão fixos quanto as linhas inscritas em suas mãos, que nunca saem, apenas se aprofundam. Lacan estaria, assim, abolindo o acaso? – perguntamo-nos atônitos.

Lendo a questão com lentes mais largas que as que uma noção teleológica poderia nos fornecer, com a referência ao estruturalismo, como veremos no capítulo dois, ficamos menos com os conteúdos e mais com os lugares e com uma montagem que se introduz a partir da ordem simbólica (a ordem dos significantes) no real (aqui, puro contingente) – montagem, que, levando em conta ainda o imaginário (as “vestes” das representações), resulta na realidade². E, com os lugares, pode-se indicar um discreto deslocamento que, em termos clínicos, aponta para uma importante diferença: a ocupação de um determinado lugar na rede simbólica vale mais pela montagem da estrutura que pelos atributos pessoais de quem lá está – que não deixam de ser, em certa medida, tributários desta montagem. Žižek então, resume a questão da seguinte maneira: aquele que ocupa o lugar não se acha nele por seus atributos, mas pelo fato contingente de se achar neste lugar (Žižek, 1992, p. 11-12).

² Pedimos desculpas ao leitor por introduzir linguagem mais técnica já na introdução. Entretanto, sem ela e as tentativas simplistas de suas definições que as acompanham aqui, ficaria difícil avançar na questão que queremos marcar como inicial. Fica a promessa sedutora de que, acompanhando os capítulos, será possível nos determos mais no registro do simbólico e no do real.

A fim de apontar para um dos exemplos pelos quais se introduziu a questão da determinação e da contingência na própria psicanálise, podemos recorrer a um dos nomes sob os quais aparecerá nosso eixo, o trauma. Ao invés de pensar nele como determinação absoluta (“Deus escreve certo por linhas tortas”, dito que nos faria recorrer às linhas do destino escritas na pré-história do sujeito) ou como pura contingência sem nenhuma proximidade com o traumatizado, ficamos com a versão que Žižek extrai de Lacan: aproveitamo-nos de pequenos pedaços da realidade para inserir o trauma, pois este não é contingente, mas de estrutura.

O trauma presentifica aquilo que, no encontro entre sujeito e cultura, foi deixado de lado, nas frestas da realidade. Entretanto, nas frestas, isso continua assombrando, justamente nas lacunas da realidade em que pode morder a isca, o que demonstra o quanto há um processo contínuo para que, articulado ao que é nomeado por Freud como núcleo patogênico, seja possível alguma coesão³. A articulação entre a rede de significantes e o que do real (nome mais forte para núcleo patogênico) a assombra demonstra a arbitrariedade do significante. Isto é, a entrada na cultura deixa algumas marcas que aparecem sob os significantes e apontam para um sem sentido, um limite da própria significação. Na história do sujeito, alguns significantes, não pelo seu significado, mas por seu modo de inscrição, podem aparecer em sua radicalidade de puras marcas que não remetem a significações. A inscrição do trauma liga-se a estas marcas por encarnarem justamente bordas que marcam um limite do sentido, do que se pode dizer em palavras. A concepção estruturalista não deixa de aparecer novamente aí: não há nomes traumáticos em si, mas a inscrição de alguns em uma história que se fazem valer como estas marcas.

Uma carta seria, então, a possibilidade de inserção disso que assombra o sujeito, possibilidade de reencontro com algo paradoxal que aparece entre as representações para logo depois se perder novamente. Uma das implicações aí envolvidas é a fórmula freudiana segundo a qual o recaiado sempre retorna. Fiquemos, para início de conversa, com a versão mais simples dessa fórmula. Se lidamos com um sujeito que, para entrar no mundo da linguagem, dispensou algo – e não algo qualquer, mas de si, o que Lacan chega a denominar como libra de carne (Lacan, 2005a, p. 139; Miller, 2005b, p. 28) –, o encontro com a linguagem

³ Esta tentativa resulta no que chamamos *ego*, ou *eu*.

não o colonizou completamente, mas deixou, como vimos, rastros de algo outro que não coube exatamente no registro simbólico. Trata-se de algo de heteróclito à própria ordem da linguagem que, no entanto, só pode dar sinais de sua existência em articulação à ela. Isso que sobra, que nos parasita, aparece também quando o que quero falar me falta, ou quando digo mais do que gostaria de ter dito. Aparece então um excedente não totalmente objetivável (se o fosse, seria possível falar tudo o que se quisesse, por exemplo, ou ao menos localizar exatamente e sempre o que faltou dizer). Se trata menos nesse retorno de um conteúdo – afinal ele só existe como recalcado depois que aparece na fala consciente de alguém – do que uma espécie de marca surpreendente que remete o sujeito a essa dimensão do que restou não completamente recoberto pelo simbólico.

Detendo-nos nesta frase de Lacan, depreendemos então, algumas noções que nos ocuparão em nosso percurso. Já poderemos começá-lo deslocando-nos do olhar teleológico ou daquele para o qual tudo é fruto apenas do acaso, dispensando o resquício de qualquer determinação.

1. A concepção de estrutura nos detém mais nos lugares de uma determinada conjuntura que nas características pessoais de quem os ocupa;

2. tal estrutura concerne a algo que diz respeito à ordem da linguagem e como ela se inscreve e origina um sujeito como seu efeito;

3. recorrendo ao trauma: a inscrição da ordem da linguagem para um sujeito é radical. Antes, impossível saber o que havia. Há um *só depois* do mundo da cultura em que é possível esbarrar em certos limites de seu enquadre. Estes limites marcam o traumático; e

4. esse traumático se encarna de acordo com alguns nomes para cada um. Dos milhares de significantes que nos rodeiam, por vezes, um chega ao seu destino: um aproxima desse limite da linguagem, presentificando, de forma menos velada, o sem sentido do qual decorre a possibilidade do próprio sentido.

A carta, portanto, não erra seu destino, posto que este lhe é assinalado só no momento de sua chegada. Ou seja, o leitor da carta só pode se dizer destinado a ela no momento em que a lê e se coloca como seu destinatário. Do contrário, a carta continua circulando até achar alguém que possa se dizer destinado a ela. Desta forma, mais difícil fica acreditar na mão do destino, mas sim em um sujeito que, conforme o lugar que ocupe na estrutura, será afetado de diferentes formas pelo que lhe chega.

A repetição aí se coloca. De acordo com alguns nomes, se repete o que pode veicular para um sujeito uma maior aproximação do que, por excelência, é traumático e que tende a se recolocar nas frestas da realidade. A realidade, pois, se move também à custa desse real, só que localizado em certos pontos, velado, motor que, quando encontrado, pode causar um efeito de deslocamento na montagem.

Se na experiência de uma análise não nos deparamos com a mão do destino, mas com encontros contingentes que deixaram marcas que valem mais por si mesmas, é a um novo encontro do sujeito com elas, sem a intenção primeira de um Outro poderoso, que temos a possibilidade de apostar.

No terceiro e último capítulo é no poder dessas marcas que vamos nos deter, assinalando o que, por meio de um encontro repetitivo com elas, pode se dar como novidade.

2

Considerações sobre a repetição em Freud

É sua descoberta inaugural que Freud reafirma com ele
[o automatismo de repetição], ou seja, a concepção
da memória implicada por seu 'inconsciente'.
J. Lacan¹

2.1

No início eram as lembranças

Para investigar a repetição na psicanálise, pode-se tomar um rumo que interroga as próprias origens do percurso freudiano.

Jacques Lacan, psicanalista que interveio de forma determinante no campo psicanalítico estabelecido a partir de Sigmund Freud e escolhido para balizar nosso trajeto, inclui a repetição no rol dos conceitos ditos fundamentais (Cf. Lacan, 1985b). Não é preciso confundir fundamento com o que se encontra em uma origem temporal. Pode-se ter um conceito fundamental, por exemplo, como uma espécie de material que faz liga para a constituição do solo da própria experiência analítica.

Entretanto, nossa escolha recaiu, neste primeiro capítulo, em um percurso que vai ao encontro de alguns escritos freudianos a partir do ponto de vista cronológico. Nele, intentamos acompanhar como o conceito de repetição foi se apresentando e a maneira como Freud pôde responder a ele a cada vez.

Já no começo, ao lidar com pacientes histéricas, Freud se deparou com fatos intrigantes e seus escritos não deixam de marcar um testemunho. Seu desafio não foi pequeno, posto que se dedicou àquelas patologias cujas causas impunham à medicina um interessante limite por não serem constatadas como de ordem somática. Não é sem surpresa que Freud inicia seu texto “Sobre o mecanismo

¹ Lacan, 1998, p. 50.

psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar”, de 1893, escrito em parceria com Breuer. Nesse há a indicação de que, através de observações casuais, pôde-se localizar no passado de suas pacientes ocorrências primeiras dos sintomas que lhes afetavam na ocasião do tratamento.

Freud e Breuer verificaram na prática clínica a existência de representações atuando como traumas psíquicos, seja porque a situação não comportava possibilidade de reação adequada (por conta de seu conteúdo), seja por conta do estado psíquico experimentado na circunstância. O trauma agiria, desta forma, como um agente ainda ativo e sua ação independeria da passagem dos anos². Freud então conclui que “*os histéricos sofrem principalmente de reminiscências*” (Breuer & Freud, 1893/1996, p. 43 – grifos do original). Ele e Breuer creditam o efeito patológico das representações traumáticas às hipóteses de que estas não estariam aptas aos estados de associação junto às outras representações ou ainda de que não sofreriam desgastes por meio da ab-reação (Ibid., p. 47).

Há aí uma junção inédita entre uma lembrança do passado e um sintoma no presente. O sintoma apareceria, assim, como uma espécie de *re-apresentação* de algo localizado no passado³. Para recordar o que não era possível de ser lembrado de forma consciente, um sintoma é criado (Barros, 2005).

A primeira técnica utilizada por Freud refletia a concepção da impossibilidade de que os relatos conscientes dos pacientes pudessem incluir as cenas responsáveis pelo início de seu sofrimento neurótico. Entretanto, era viável localizá-las e a hipnose era o meio pelo qual seu relato tinha a chance de se dar. Esta técnica estava de acordo com a teorização da dissociação da consciência em um estado normal (a consciência) e os chamados estados hipnóides. Tal dissociação seria a base e a condição da histeria (Breuer & Freud, loc. cit.). Estas

² Cabe salientar que o que Freud e Breuer chamam de trauma psíquico decorre não de seu dano físico nem da potência traumática de alguma situação em si, mas do afeto do susto. “Qualquer experiência que possa evocar afetos aflitivos – tais como de susto, angústia, vergonha ou dor física – pode atuar como trauma dessa natureza; e o fato de isso acontecer de verdade depende, naturalmente, da suscetibilidade da pessoa afetada.” (Breuer & Freud, 1893/1996, p. 41-42).

³ “Onde existe um sintoma, existe também uma amnésia, uma lacuna da memória, cujo preenchimento suprime as condições que conduzem à produção do sintoma.” (Freud, 1910/1996, p. 36)

representações existiam, segundo a hipótese freudiana, dando notícias de uma espécie de funcionamento paralelo⁴ à consciência v^ígil:

[...] na histeria grupos de representações que se originam nos estados hipnóides estão presentes e são isolados da ligação associativa com as outras representações, mas podem associar-se entre si, formando assim o rudimento mais ou menos altamente organizado de uma segunda consciência, uma *condition seconde*. Se assim for, um sintoma histérico crônico corresponderá à intrusão desse segundo estado na inervação somática, que, em geral, se acha sob o controle da consciência normal. (Breuer & Freud, 1893/1996, p. 50-51 – grifos do original)

Com o uso do método catártico⁵ seria possível eliminar os sintomas através da restituição do afeto que lhe era adequado e que não pudera se realizar na época de seu acontecimento. Dessa forma, a inserção da representação não ab-reagida à cadeia associativa justamente “[...] *ao permitir que seu afeto estrangulado encontre uma saída através da fala*” (Ibid., p. 52 – grifos do original) garantiria a remissão sintomática⁶.

Neste primeiro momento, Freud propunha a idéia de que as lembranças determinantes aos fenômenos histéricos persistiam de modo vivo e vigoroso. Entretanto, foi preciso um percurso clínico e metodológico para fazer dessas hipóteses o passo inaugural da psicanálise.

2.2

As lembranças e seu núcleo

Freud foi levado a reconsiderar sua aplicação do método catártico. Seu auxílio chegava a um certo limite, tanto em termos clínicos quanto teóricos. É o que ele vem assinalar em um texto de 1895, “A psicoterapia da histeria”.

A fim de abordar a dificuldade em submeter alguns pacientes à hipnose, Freud lançou a hipótese, a partir desse escrito, de que haveria a ação de uma

⁴ Veremos adiante que se coloca para Freud uma impossibilidade de tratar os funcionamentos consciente e inconsciente como paralelos, impossibilidade esta que ganhará contornos metodológicos, transformando-se na chamada regra fundamental da psicanálise, a associação livre.

⁵ O método catártico era imputado a Joseph Breuer – médico com quem Freud dividiu não só a autoria do texto citado como alguns anos de trabalho.

⁶ Uma interessante passagem de Freud e Breuer neste texto aponta para o destino subsequente e específico que Freud dará a esse tipo de vinculação causal entre a lembrança e o sintoma: “Em outros casos a conexão causal não é tão simples. Consiste apenas no que se poderia denominar uma relação ‘simbólica’ entre a causa precipitante e o fenômeno patológico – uma relação do tipo da que as pessoas saudáveis formam nos sonhos.” (Breuer & Freud, 1893/1996, p. 41).

espécie de “objeção psíquica”⁷. Aferrado à procura de lembranças de conteúdo traumático, ele passa a insistir com seus pacientes para que as lembranças que lhes ocorriam durante a sessão fossem relatadas.

Neste momento, Freud cuida de descrever a disposição do material psíquico de forma engenhosa, constituindo três maneiras de organização que circundariam um núcleo “[...] que consiste em lembranças de eventos ou seqüências de idéias em que o fator traumático culminou, ou onde a idéia patogênica encontrou sua manifestação mais pura” (Freud, 1895a/1996, p. 300). São esses símiles que nortearam grande parte de nosso percurso.

Uma das maneiras de organização das lembranças em torno deste núcleo seria como camadas organizadas em ordem cronológica, como uma espécie de arquivo cujas divisões Freud nomeia como “temas”. Sua especificidade na situação analítica seria a de virem à tona de forma invertida – ou seja, a lembrança mais recente seria narrada antes das mais antigas⁸.

Tais temas organizam de uma segunda forma: as lembranças ficariam dispostas em camadas em torno do núcleo segundo sua proximidade com as lembranças traumáticas que nele gravitariam. Quanto mais perto do núcleo, maior o grau de objeção psíquica. A terceira espécie de organização é descrita por Freud constituindo uma espécie de “fio lógico”. Esses fios seguiriam uma trilha irregular, passando da superfície às camadas mais próximas do núcleo em uma espécie de ziguezague. Os fios encontrariam em seu percurso pontos nodais a partir dos quais outros poderiam se unir a eles. Ao contrário das duas formas de organização mais fixas precedentes, este fio tem um caráter dinâmico:

[...] o curso da cadeia lógica teria de ser indicado por uma linha interrompida, que passaria pelos caminhos mais indiretos, indo e vindo da superfície até as camadas mais profundas, e contudo, de modo geral, avançaria da periferia para o núcleo central, tocando em cada ponto intermediário [...] (Ibid., p. 302)

Deparamo-nos então com um desenvolvimento de Freud acerca dos símiles de suma importância: o núcleo funciona como um centro cuja função é emblemática, pois serve como ponto de organização para o material de lembranças ao mesmo tempo em que reage com aversão quando se tenta adentrá-

⁷ Que será tratada de modo mais específico com a idéia de defesa, trazida adiante ainda nesse capítulo.

⁸ Trataremos mais detidamente deste ponto em nosso segundo capítulo.

lo: “[...] *é inteiramente irrealizável penetrar no núcleo da organização patogênica*” (Ibid., p. 304 – grifos do original). Assim, uma representação não seria em si patógena, mas sua relação com o núcleo é que a faria possuir essa propriedade⁹. O relato dos pacientes é incapaz de fazer deste núcleo um conteúdo para mais um relato. Nem emocionante, passional ou violento: ele não se converteria em conteúdos, mas organizá-los-ia em torno de si.

É orientado por este núcleo que Freud dá uma importante indicação do trabalho do analista. Enquanto o paciente deslindaria as periferias das camadas, recorrendo a outros fios lógicos menos penosos, a tarefa do analista seria a de incidir “radialmente”, da periferia em direção ao núcleo (Cf. Freud, 1895a/1996, p. 304). Seria, portanto, a esse núcleo que o analista deveria visar a fim de obter algum efeito com relação ao sintoma. É assim que Freud situa paradoxalmente na raiz do problema a possibilidade de sua solução.

Uma das conseqüências dessa montagem é a sobredeterminação¹⁰. Freud passa a tomá-la como traço essencial da formação dos sintomas ao invés de manter a crença de que haveria, ao menos na histeria traumática, uma causalidade direta entre cena traumática e sintoma.

Não devemos esperar encontrar uma lembrança traumática *única* e uma idéia patogênica *única* como seu núcleo; devemos estar preparados para *sucessões* de traumas *parciais* e *concatenações* de cadeias patogênicas de idéias. (Ibid., p. 300 – grifos do original)

Freud articula na elaboração desses símiles uma montagem que dá conta dos rumos das associações. A presença deste núcleo, que figura uma espécie de ponto cego na cadeia associativa, responde pela impossibilidade de se traçar uma conexão direta entre uma cena e um sintoma. A partir do núcleo, é possível situar uma extensa trama dos fios lógicos, uma rede feita de encontros e desencontros de tais fios em pontos nodais. Nesse sentido, Freud descreve o trabalho do analista

⁹ É o que Freud aqui tenta esboçar: “Ora, se eu pudesse fazer com que parecesse provável que a representação se tornara patogênica precisamente em conseqüência de sua expulsão e de seu recalçamento, a cadeia pareceria completa [a cadeia explicativa da dinâmica de expulsão de uma representação incompatível ao ego].” (Freud, 1895a/1996, p. 284)

¹⁰ “Ele [o médico] está ciente do aspecto principal da etiologia das neuroses – que sua gênese é, em geral, sobredeterminada, que vários fatores precisam reunir-se para produzir esse resultado; e

em deslindar a cadeia associativa de acordo com um ritmo irregular, que tem a ver precisamente com o caráter imputado por tal núcleo:

[...] obtemos informações preliminares sobre o conteúdo das camadas seguintes por meio da técnica da pressão; abandonamos fios e os retomamos; seguimo-los até os pontos nodais; constantemente voltamos atrás; e toda vez que perseguimos um acervo de lembranças, somos conduzidos a algum desvio que, não obstante, termina por confluir para o fio inicial. (Freud, 1895a/1996, p. 307)

Uma das conseqüências importantes dessa montagem é também a impossibilidade de traçar uma linha distintiva e sólida entre os funcionamentos consciente e inconsciente, tomando-os como paralelos. Os fios lógicos não se diferenciam quanto a este caráter. A diferenciação com relação aos estados consciente e inconsciente encontra-se muito mais ligada ao grau de proximidade com o núcleo patogênico (Cf. *Ibid.*, p. 312).¹¹

O engenhoso esquema desses três símiles nos coloca algumas perguntas norteadoras para nosso percurso: como estabelecer a origem deste ponto? Se não pode ser apreendido como conteúdo, do que ele se constitui? E qual sua relação com a cessação do sintoma?

2.3

No encaço de um método

Neste mesmo texto, “Psicoterapia da histeria”, Freud passa a tratar as outras neuroses sob o modelo da histeria. Desta forma, ele amplia a noção de que haveria um outro estado mental que não a consciência, alargando o funcionamento do esquema dos símiles acima descrito para outros quadros clínicos.

Freud parte da hipótese de que os fatores sexuais seriam imprescindíveis à etiologia das neuroses. E mais, a própria forma de encontro do sujeito com o sexual daria conta da distinção de seu quadro neurótico perante os outros (Cf. Freud, 1895a/1996, p. 273). Trata-se, portanto, de elevar a um alto grau de importância à concepção da etiologia sexual das neuroses, já que seria através dos modos de resposta do sujeito ao sexual que se poderia situar sua neurose.

poderá ter esperança de que essa convergência não se repita de uma só vez, mesmo que alguns fatores etiológicos individuais permaneçam atuantes.” (Freud, 1895a/1996, p. 278)

¹¹ Cabe ainda salientar que diversas vezes Freud rechaça o argumento segundo o qual haveria uma inteligência inconsciente capaz de, apenas ela, manter e gerenciar o funcionamento das lembranças

[...] a sexualidade não intervém simplesmente como um *deus ex machina* que se apresentasse uma única vez em algum ponto da engrenagem dos processos característicos da histeria, mas que fornece a força impulsora para cada sintoma singular e para cada manifestação singular de um sintoma. (Id., 1905/1996, p. 110)

Se o fundamento sexual da neurose determina não só sua origem, como também está concernido em cada manifestação sintomática, podemos tentar aproximá-lo do núcleo patogênico do qual falávamos com os símiles freudianos. O fato de que é no encontro com o sexual que Freud localiza a resposta que determinaria os traços sintomáticos e o quadro do sujeito supõe com o núcleo patológico, também organizador do material associativo e responsável pelos efeitos no sintoma, uma íntima semelhança. Nossa aposta, na leitura lacaniana de Freud, é que podemos relacioná-los a ponto de tomá-los como nomes que convergem para um mesmo destino, o de falar do que se impõe como traumático.

Ainda sobre o núcleo patogênico, Freud lança mão da hipótese da defesa. A força atuante à época do surgimento do sintoma continuaria a operar depois do estabelecimento deste, oferecendo resistência à volta da representação patológica às associações. Freud assinala o estabelecimento de um conflito relacionado à conformação egóica – cuja disposição é que se mantenha como tal –, e a força da representação patogênica para se fazer representar na cadeia associativa (Cf. Freud, 1985a/1996, p. 284).¹²

A rememoração das lembranças fica, desta forma, a mercê não apenas da atividade da memória entendida como função, mas ao grau de proximidade da lembrança com relação ao núcleo patogênico. Frente ao perigo do surgimento de uma sensação de desprazer pela incompatibilidade da lembrança com o ego, haveria uma espécie de recuo do material (Cf. Ibid., p. 281).

Até este ponto vimos que Freud situa o sintoma como uma espécie de reatualização das lembranças patogênicas. Se, de início, ele encontrava por meio

patogênicas (Cf. Freud, 1895a/1996, p. 289), ou ainda a existência de uma espécie de segunda personalidade que respondesse pelo inconsciente (Cf. Ibid., p. 300).

¹² Importante é atentar para a observação acurada de Freud segundo a qual o conflito não se estabelece por uma oposição de conteúdos, mas pelo caráter irreconciliável do que ele chama de pensamento inconsciente em um primeiro momento com a montagem egóica: “Os conflitos psíquicos são excessivamente freqüentes; observa-se com muita regularidade o esforço do eu para se defender de recordações penosas, sem que isso produza a divisão psíquica. É forçoso, portanto, admitir que outras condições são também necessárias para que do conflito psíquico resulte a dissociação.” (Freud, 1910/1996, p. 40-41) O que se mostra como irreconciliável ganhará outros

da hipnose uma espécie de funcionamento paralelo à consciência, com o método da pressão na testa (bem mais próximo ao da associação livre) a ligação entre os dois tipos de funcionamento ganha um importante caráter dinâmico – o que pode ser acompanhado no próprio esquema desses símiles de 1895. Através dele tem-se a existência de um núcleo patogênico, ponto que nos interessa de perto, pois é justamente em seu entorno que se organizam os pensamentos e as lembranças. As cadeias próximas ao núcleo são as que nos importam e é através delas que se obteria efeito sobre o sintoma.

Um outro nome para este núcleo poderia ser o sexual. É como fruto do encontro com o sexual que Freud aponta o estabelecimento da etiologia das neuroses e sua presença tanto é traumática para o sujeito quanto organiza e sustenta as redes de suas associações.

Como vimos anteriormente, esse núcleo psicogênico nos deixa com algumas perguntas acerca de sua origem, de sua constituição e de sua relação com a cessação do sintoma, posto que é trazendo-o ao centro da cena que alguma mudança parece se efetivar. Ampliando este esquema em que desenha o núcleo patogênico para outros quadros clínicos e supõe a etiologia sexual às outras neuroses, Freud nos faz ainda mais curiosos acerca deste ponto. Faremos dele nossa partida e nossa chegada em alguns textos de Freud a fim de encontrar o que está em questão com relação à repetição. Já podemos entrever que é para um certo limite entre este núcleo e sua encarnação como lembrança a mais que a repetição vai apontar, como veremos adiante.

O estatuto da memória, com Freud, não tem mais as características de uma função neurológica, mas funciona como uma montagem dinâmica que seria organizada por um ponto cego. A conformação egóica estaria assim regida por um mecanismo através do qual as representações ligadas a este núcleo permanecessem a uma certa distância da consciência enquanto proporcionaria um fluxo contínuo das associações dele mais alheias. O sintoma surgiria através da tentativa de aproximação do ego feita por uma destas representações patogênicas. Assim, quanto maior o risco de que o sistema seja abalado em sua busca por um certo equilíbrio, maior o repúdio em relação à representação patogênica.

nomes no percurso freudiano. Nossa bússola primeira em direção a este irreconciliável é o núcleo

2.4

Sobre a memória

O passo seguinte de Freud em relação às lembranças com o *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, será elaborar de forma mais sofisticada e complexa o sistema pela qual se faz a retenção da memória, assim como o processo ao qual ela está submetida¹³. Restringiremos bastante nosso escopo com relação a este escrito freudiano para assinalar apenas alguns pontos que parecem se articular mais a nossa questão.

Como vimos, a memória para Freud não pode ser entendida como uma função mental, mas depende de uma certa montagem. No *Projeto* ela é tida como a possibilidade de permanência de uma marca no tecido nervoso a partir da passagem da excitação. Dessa forma, trata-se de um sistema que não retorna a um estado primeiro sem que marcas o atravessem e deixem sulcos.

Freud modela seu aparelho a partir da chegada de excitações (Q). Sendo seu objetivo livrar-se delas, ele é regulado pelo princípio de inércia neurônica¹⁴, segundo o qual tal quantidade deverá ser descarregada na extremidade motora. Nesse processo, o aparelho também conservaria algumas vias de escoamento através das quais pôde manter-se mais distante das fontes de excitação (Garcia-Roza, 1998, p. 88).

Como as excitações se dividem quanto a sua origem, podendo ser tanto de ordem externa como interna, o princípio da inércia se coaduna com a lei da constância. Essa visa a retenção de uma quantidade suportável e contínua de Q para que o único meio de descarregar a Q de origem interna – a ação específica – possa ser efetivado¹⁵.

patogênico dos símiles de 1895.

¹³ Como pudemos acompanhar, Freud já se encontra às voltas com a sua prática clínica e é dela que extrai os fundamentos para a elaboração deste escrito, e não da constituição de um aparelho psíquico que siga uma fidelidade anatômica.

¹⁴ Este princípio é salientado mais tarde por Freud como aquele do qual o princípio do prazer é decorrente (Cf. Freud, 1920/1996, p. 19).

¹⁵ “Quando Freud traça o esboço daquilo que pode representar o funcionamento normal do aparelho, ele fala, não de reação específica, mas de ação específica como o correspondente da satisfação. Há um grande sistema por trás dessa *spezifische Aktion*, pois justamente ela não pode corresponder senão ao objeto reachado. Esse é o fundamento do princípio da repetição em Freud [...] A essa *spezifische Aktion* faltará sempre alguma coisa.” (Lacan, 1988, p. 56). Em nossos próximos capítulo nos aproximaremos do estatuto desse objeto a ser reachado.

Freud faz uma divisão entre dois sistemas de neurônios: *fi* e o *psi*¹⁶. O primeiro sistema é constituído de neurônios condutores de excitação por sua própria localização, sendo responsável pelo recebimento das percepções externas; o segundo, retentor de excitação interna, pela memória. Em linhas gerais, o sistema *fi*, situado mais voltado ao mundo externo, seria aquele exposto a grandes quantidades de excitação. Entretanto, ele seria em parte preservado pelos órgãos dos sentidos. Já os neurônios do sistema *psi* não teriam a mesma proteção, recebendo diretamente as excitações de origem interna e ainda de forma indireta as externas.

Ou seja, há uma exigência de trabalho ao aparelho imposta pelas excitações internas cuja força atua de modo constante e exige escoamento. Para tanto, Freud salientará o papel da *Bahnung*, espécie de trilhamento¹⁷ que oferece uma diminuição de resistência na passagem de energia dentre as barreiras de contato. Lacan ressalta que estes trilhamentos são marcados justamente tendo como fim o prazer:

[...] prazer da facilidade que será retomado como prazer da repetição. A repetição da necessidade [...] só funciona, na psicologia freudiana, como ocasião da necessidade de repetição, ou mais exatamente, da compulsão de repetição. (Lacan, 1988, p. 272)

Já nos deparamos, portanto, com nosso ponto: as *Bahnungen* não se dão como fruto de hábito, mas tanto em sua origem quanto em suas reatualizações o que estariam em jogo seria o prazer por elas veiculado visando o escoamento das excitações. Com isso, Lacan não deixa de salientar que não se trata uma escolha natural ou de ordem salutar, tampouco aquela que se ofereceria de modo mais fácil ao sistema. A partir destas trilhas há um encontro que fomenta prazer e já se faz sentir a incidência do simbólico, a dimensão da linguagem, como veremos adiante.

¹⁶ Freud faz ainda uma terceira distinção, assim como uma distinção interna de alguns grupos de neurônios entre si. Como o intuito de nosso uso deste escrito é limitado, ficaremos apenas com essas duas distinções e as tomaremos em suas formas gerais.

¹⁷ Na *Edição Standard Brasileira* o termo escolhido é *facilitação*. “[...] *Bahnung* é traduzido em inglês por *facilitation*. É óbvio que essa palavra tem um sentido estritamente oposto, *Bahnung* evoca a constituição de uma via de continuidade, uma cadeia, e penso até que isso pode ser aproximado da cadeia significativa, uma vez que Freud diz que a evolução do aparelho ψ substitui a quantidade simples pela quantidade mais a *Bahnung*, ou seja, sua articulação. A tradução inglesa deixa a coisa escorregar completamente.” (Lacan, 1988, p. 53)

Estes caminhos facilitados são responsáveis pela constituição de uma trama de cadeias, fazendo com que haja possibilidade da inscrição de alguns percursos as expensas de outros, não escolhidos. Há, portanto dois registros neste ponto: uma trama de cadeias que marcam percursos possíveis, engendrados com o objetivo de levarem a um certo equilíbrio a partir do escoamento de excitações e que levam, com isso, a obtenção de prazer. Tais percursos contrapõem-se a outros, que mais dificilmente se oferecerão por conta de uma não facilitação das barreiras de contato. Há marcas que são aí traçadas e ficam retidas.

Não teremos como aprofundar a concepção freudiana de *Bahnung* em sua complexidade, entretanto é preciso salientar que com sua ajuda não se trata de constituir uma memória automatizada por alguns percursos, mas da formação “[...] de caminhos privilegiados que se entrecruzam formando uma rede complexa [...]” (Garcia-Roza, 1998, p. 100). Encontramos, assim, mais uma vez a noção de rede. Aqui, esta noção pode servir como uma espécie de complemento, dessa vez de percursos que se constituem à medida que sirvam como possibilidades de escoamento para as excitações. No esquema dos símiles há também a formação de redes de fios lógicos.

Tais caminhos seriam conservados à medida que funcionassem como vias de interrupção da excitação, ocasionando descargas. Ademais, Lacan nos adianta que não se trata de nada que se aproxime do hábito no que concerne aos trilhamentos demarcados por Freud, mas do prazer que pode ser aí engendrado a ser retomado como prazer da repetição (Cf. Lacan, 1988, p. 272).

2.5

Traços e estrutura

No aparelho proposto por Freud, a partir das *Bahnungen*, Lacan supõe a formação destas trilhas como marcas retidas das quais se deprenderiam traços. O sistema, dessa forma, supõe que haja a transformação dos traços obtidos através delas em uma espécie de sistema de diferenças binário, efeito do fato de que há marcas em algumas passagens e em outras não. Para isso, corroboram a facilitação, a magnitude da impressão, assim como a própria repetição de tais trilhas.

Lacan indica também a função estruturante da linguagem que o aparelho comporta. Freud assinala que alguns objetos responsáveis pela sensação de dor “fazem gritar”. Ele ressalta a associação de um som com a imagem perceptiva:

Numa situação em que a dor impede o recebimento de boas indicações da qualidade do objeto, a *informação sobre o grito do próprio sujeito* serve para caracterizar as lembranças que provocam desprazer e para convertê-las em objetos da atenção: está criada a primeira categoria de *lembranças conscientes*. Pouco falta agora para inventar a fala. (Freud, 1895b/1996, p. 421 – grifos do original)

O grito, então, vem presentificar o objeto para a consciência e traçar uma marca, inaugurando o registro das lembranças em termos do que poderemos chamar, com Lacan, de significantes¹⁸. Os significantes, para Lacan, são os suportes materiais das palavras. Estas, decompostas em unidades mais simples, os fonemas, podem ser tomadas, a princípio, como oposições que engendram um sistema ou uma rede de diferenças. O grito então cria ao mesmo tempo um som e sua ausência; em um mesmo gesto ele descortina silêncio e som, dando origem a uma oposição que não é feita pelo sentido, mas por uma pura diferença¹⁹. É, pois, através deste grito que um objeto poderá passar a existir.

A assunção dessas marcas que constituem esse sistema de oposições no aparelho psíquico comporta uma dimensão estruturante da linguagem a qual Lacan não deixa de passar anos de seu seminário assinalando.

Vimos então que desde as origens da psicanálise Freud se ocupa dos mecanismos que regem o funcionamento da memória e das lembranças às quais os relatos de seus pacientes estão em grande parte referidos.

Pudemos, até este ponto, acompanhar a mudança do método catártico – e a concepção de memória aí presente – à associação livre, momento de uma das importantes viradas de Freud. Em decorrência dela, Freud tece seus símiles e a

¹⁸ “Esse algo permaneceria obscuro e inconsciente se o grito não lhe viesse conferir, no que diz respeito à consciência, o sinal que lhe confere seu valor, sua presença, sua estrutura – da mesma feita, com o desenvolvimento que lhe é conferido pelo fato de que os objetos mais importantes em questão para o sujeito humano são objetos falantes, que lhe permitirão ver, no discurso dos outros, revelarem-se os processos que habitam efetivamente seu inconsciente.” (Lacan, 1988, p. 45)

¹⁹ “O ser humano não está, como tudo nos leva a pensar que o animal está, simplesmente imerso em um fenômeno de alternância do dia e da noite. O ser humano põe o dia como tal, e com isso o dia vem à presença como dia – contra um fundo que não é um fundo de noite concreta, mas a ausência possível de dia, onde a noite se aloja, e inversamente aliás. O dia e a noite são muito cedo códigos de significantes, e não experiências.” (Lacan, 1985c, p. 172). Para este ponto, cf. também Lacan, 1986, p. 281.

hipótese da defesa como parte inerente ao tratamento. Para nós esta consequência, a noção de defesa, será importante por demarcar a articulação entre núcleo patológico e os fios lógicos que estão concernidos neste sistema freudiano. Lacan toma o papel da defesa como resistência do que não pode ser totalmente encoberto pelo símbolo, mas que se encontra articulado a ele (Cf. Lacan, 1988, p. 43).

É porque o que é conhecido não pode ser conhecido senão em palavras, que o que é desconhecido apresenta-se como tendo uma estrutura de linguagem. (Lacan, 1988, p. 47)

Os fios lógicos articulam idas e vindas com relação a este núcleo patogênico. Através deste desenho, que compõem o próprio relato do paciente, é possível acompanhar o que se apresenta mais perto deste núcleo, através de uma espécie de edição:

Mas se examinarmos com visão crítica o relato que o paciente nos fez sem muito esforço ou resistência, nele descobriremos infalivelmente lacunas e imperfeições. Em determinado ponto, a seqüência de idéias será visivelmente interrompida e remendada da melhor forma possível pelo paciente, como um recurso de linguagem ou uma explicação inadequada; noutra ponto depararemos com uma motivação que teria de ser descrita como débil em uma pessoa normal. (Freud, 1895a/1996, p. 305)

Com a noção de *Bahnung*, Lacan aproxima esses traçados do sistema de diferenças e oposições a de um sistema linguageiro. Os percursos que fomentam redes são escolhidos em relação a outros, virtualmente possíveis, mas que não se configuraram como possibilidades naquela montagem.

Com o auxílio destes dois sistemas, chegamos a algumas conclusões importantes acerca de como se tramam os caminhos de fala que se colocam para um sujeito em uma análise. Primeiro concluímos que, decorrente do princípio do prazer, há certos trajetos da fala que são eleitos em detrimento de outros. Estes ocasionam uma certa montagem que se relaciona ao que aparece como excedente (seja a pouca distância com o núcleo patogênico, seja a magnitude das excitações). Tal excedente, com Freud, ganha o nome de sexual. Sem ele, como situa Freud no *Projeto*, não há sistema; é preciso guardar um pouco de excitação para que o processo de escoamento e a ação específica, única saída possível para a liberação das excitações internas, possa ocorrer. É preciso, portanto, um certo grau de distância e proximidade, o que é também representado nos símiles da mesma época: longe do núcleo patogênico, a fala do analisante não resulta em mudanças

no sintoma; perto demais, não há fala possível, o fio lógico é remetido a um nó que forma um encontro deste com outros fios, e um dos outros é tomado.

O que podemos também retomar com o auxílio do *Projeto* é que essa montagem, mesmo dinâmica, tem uma espécie de permanência por ocasionar satisfação com o escoamento de excitações. As *Bahnungen* constituem percursos facilitados de escoamento de energia que, justamente por uma certa permanência, articulam-se como traços, remetendo ao que Lacan aponta como oposições significantes. Com a observação de Freud acima, a que relata uma espécie de fratura no discurso do analisante, podemos também apontar, com relação a permanência da montagem, que tais fraturas se darão, de certa forma, em alguns determinados lugares. Desta maneira, o que era aleatório ganha uma regularidade, passando a ter uma inscrição a ser retomada²⁰. Nesses encontros, fraturas do discurso, como vimos com a passagem de Freud, não é com um além da linguagem que encontraremos, mas com algo que nela se inscreve como seu avesso, como aquilo que do encontro entre fio lógico e proximidade com o núcleo se produz. Para prosseguir em nosso caminho, vamos tomar como um dos nomes do que o discurso pode encampar a memória e como trauma um encontro com um excedente sexual que produz uma cicatriz no próprio discurso.

Podemos aproximar o que aí se estrutura da constituição dos sonhos. Produção de linguagem, eles não deixam de ser motivados por algo que se encontra, parafraseando Drummond, “[...] por baixo do sono, atrás da lembrança” (Andrade, 2001, p. 35). É justamente ao que Freud aponta nesta bela passagem sobre o umbigo do sonho:

Mesmo no sonho mais minuciosamente interpretado, é freqüente haver um trecho que tem de ser deixado na obscuridade; é que, durante o trabalho de interpretação, apercebemo-nos de que há nesse ponto um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar e que, além disso, nada acrescenta a nosso conhecimento do conteúdo do sonho. Esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido. Os pensamentos oníricos a que somos levados pela interpretação não podem, pela natureza das coisas, ter um fim definido; estão fadados a ramificar-se em todas as direções dentro da intrincada rede de nosso mundo do pensamento. É de algum ponto em que essa trama é particularmente

²⁰ “[...] é na medida em que a estrutura significante interpõe-se entre a percepção e a consciência que o inconsciente intervém, que o princípio do prazer intervém, não mais enquanto *Gleichbesetzung*, função da manutenção de um certo investimento, mas na medida em que ele concerne às *Bahnungen*. A estrutura da experiência acumulada reside aí e permanece aí inscrita.” (Lacan, 1988, p. 67)

fechada que brota o desejo do sonho, tal como um cogumelo de seu micélio. (Freud, 1900/1996, p. 556-557)²¹

Continuamos nosso percurso neste momento em direção a uma importante virada teórico-clínica de Freud. Ocorre que a experiência traumática traz a tona o excedente do qual falamos, mas de forma não passível de eliminação e retornando de maneira paradoxal. Se antes o sintoma resultava em um arranjo a partir do que chamamos de fraturas do discurso, que se faria representar na consciência de forma cifrada, a partir de 1920, Freud passa a teorizar outras configurações de sua presença. Para demonstrá-las, ele reunirá observações clínicas que se apresentam pouco a pouco em seus escritos.

Trataremos agora de salientar a mudança que ocorre em 1920, no texto “Além do princípio do prazer”. Neste, Freud elabora uma retomada de vários pontos presentes no *Projeto*, e constitui uma espécie de rol destas situações as quais o princípio do prazer parece atuar de forma não inteiramente satisfatória em termos de explicação metapsicológica.

Podemos dizer que com o mecanismo da repetição, Freud lida com uma perspectiva de passado não como a ser evocado, mas que age na atualidade e que conta, no dispositivo, com a intervenção do analista²².

2.6

Um princípio e seu além

Os textos de Freud encontram-se repletos de idas e vindas, partes revisadas após anos de sua escritura. É como hábito que Freud retorna para fazer avançar. No contexto dos anos 20, mais uma vez ele estabelece uma retomada de algumas coordenadas fundamentais em sua teorização. Empreende, desta forma, um cotejo entre o que pressupunha como “uma forte tendência do aparelho psíquico” (Freud, 1920/1996, p. 19) – tendência investigada a partir do *Projeto para uma psicologia científica* e que constitui o princípio do prazer²³ –, e algumas observações que

²¹ Agradeço à Teresa Pinheiro pela indicação dessa passagem.

²² “[...] devemos tratar sua doença não como um acontecimento do passado, mas como uma força atual” (Freud, 1914/1996, p. 167); e “a transferência cria, assim, uma região intermediária entre a doença e a vida real, através da qual a transição de uma para outra é efetuada.” (Ibid, p. 170).

²³ Podemos antever o que desembocará neste princípio já nos *Estudos sobre a histeria*, cf. Freud & Breuer, 1893/1996, p. 216-219.

parecem demonstrar que a abrangência do seu domínio, juntamente ao princípio de realidade, mostrava-se mais relativa do que se costumava pensar.

Tal concepção de Freud será retomada por Lacan a partir, primeiramente, de uma prevalência do simbólico. Lacan propõe que desde o início Freud está às voltas com o estabelecimento do aparelho psíquico através de mecanismos que regem os significantes.

A função do princípio do prazer é, com efeito, conduzir o sujeito de significante em significante, colocando quantos significantes forem necessários para manter o mais baixo possível o nível de tensão que regula todo o funcionamento do aparelho psíquico. (Lacan, 1988, p. 150)

Podemos aproximar a cadeia de significantes da rede associativa de Freud. Veremos no segundo capítulo a que espécie de leis de funcionamento o simbólico está referido, como o deslocamento e a condensação, que Lacan retoma sob as figuras de linguagem da metonímia e da metáfora. Essas, por exemplo, podem exprimir os princípios sob os quais os elos intermediários vinculam as lembranças que podem ser lembradas daquelas mais próximas ao núcleo patogênico. É de acordo com esse tipo de funcionamento baseada na materialidade das palavras e não em seu sentido, e na ligação que pode se dar entre elas que a associação livre, como método, aponta (Cf. Lacan, 1958/1959, lição de 14 de janeiro de 1959).

Ele [Freud] descobre o funcionamento do símbolo como tal, a manifestação do símbolo em estado dialético, em estado semântico, nos seus deslocamentos, os trocadilhos, os chistes, gracejos funcionando sozinhos na máquina de sonhar. E ele tem de tomar partido frente a esta descoberta, aceitá-la ou desconhecê-la, como fizeram todos os outros que estavam tão perto dela quanto ele. É uma virada tal que ele absolutamente não soube o que lhe estava acontecendo. Foi preciso que percorresse ainda vinte anos de uma existência já muito avançada no momento desta descoberta, para poder voltar-se para suas premissas, e tentar reencontrar o que isso quer dizer no plano energético. Eis o que lhe impôs a elaboração nova do além do princípio do prazer e do instinto de morte. (Lacan, 1985a., p. 101)

É isso que traça um caminho possível desde o *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, até este texto de 1920. Se, no primeiro, Freud confere um caráter fisiológico e aparentemente naturalista ao aparelho que constrói, isso se faz conforme uma filiação à ciência da época (Cf. Assoun, 1983) – o que não retira do esquema aí desenhado seu valor. Entretanto, o que já se coloca em jogo, Lacan nos faz notar, é a tentativa de Freud de dar conta da relação entre o inconsciente e o simbólico, no que diz respeito ao estabelecimento do aparelho

psíquico, cuja função fundamental não é calcada na consciência, mas na constituição da realidade e no que nela se apresenta.

Para tanto, Freud estabelece primeiramente dois princípios sob os quais a atividade psíquica se estruturaria: trata-se do já citado princípio do prazer e de sua gradual e incompleta substituição pelo princípio de realidade. O princípio do prazer regula uma certa quantidade de excitações e sua dinâmica no aparelho psíquico.

Essa lei fixa o nível de uma certa quantidade de excitação que não poderia ser ultrapassada sem transpor o limite da polarização *Lust/Unlust*, prazer e desprazer sendo apenas as duas formas sob as quais esta única e mesma regulação, que se chama princípio do prazer, se expressa. (Lacan, 1988, p. 77)

Como o princípio de realidade pleiteia a adoção de medidas para que a satisfação possa, afinal, ser obtida, não parece se dar uma oposição forte entre esses dois tipos de funcionamento. De fato, Freud estabelece afinidade direta entre ambos:

Na verdade, a substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade não implica a destituição do primeiro, mas sim a garantia de sua continuidade. Desse modo, um prazer momentâneo e incerto acerca de suas conseqüências só é abandonado para assegurar que mais tarde, por novas vias, se obtenha um prazer garantido. (Freud, 1911/2004, p. 68)

Este é, portanto, um mecanismo que não chega a ferir o princípio do prazer. Lacan assinala que nessa espécie de continuidade descontínua, há algo que resta, um funcionamento que justamente é responsável pelo que desponta do princípio de prazer e de realidade e que será em 1920 retomado por Freud:

No pareamento do princípio do prazer com o princípio de realidade, o princípio de realidade poderia aparecer como um prolongamento, uma aplicação do princípio do prazer. Mas, opostamente, essa posição dependente e reduzida parece fazer surgir mais além alguma coisa que governa, no sentido mais amplo, o conjunto de nossa relação com o mundo. É esse desvelamento, esse reachado que está em questão no *Além do princípio do prazer*. (Lacan, 1988, p. 31)

Cabe ressaltar que a superposição entre os processos primário e secundário e o princípio do prazer e o de realidade está longe de ser rigorosamente precisa. Estamos aproximando-os neste ponto, tomando o que em um princípio se pode encontrar de forma mais ou menos similar no outro.

[Freud] jamais acreditou que não houvesse princípio de prazer dentro do princípio de realidade. Pois se seguimos a realidade, é justamente porque o princípio de realidade é um princípio de prazer diferido. (Id., 1985a, p. 81)²⁴

Entretanto, tal semelhança não se perpetua em outros âmbitos de seus funcionamentos²⁵.

Até esse momento da chamada “virada dos anos 20”, Freud já havia se deparado com situações em que o princípio do prazer parecia não exercer sua dominância, situações que receberiam um tratamento conceitual distinto, principalmente a partir do texto “Além do princípio do prazer”. Nele, Freud reúne algumas situações nas quais sublinha a possibilidade de se pensar outro tipo de funcionamento que estabelece, este sim, uma diferença fundamental em relação aos anteriores.

Lacan situa, então, a questão que se coloca a Freud neste contexto, da seguinte forma: “Há uma função restituidora, que é a do princípio do prazer. Mas há também uma função repetitiva. Como será que elas se articulam?” (Lacan, 1985a, p. 85).

Como vimos acima, o psiquismo delineado por Freud pressupõe que fios lógicos (nos símiles de 1895) ou as *Bahnungen* (no aparelho do *Projeto*) tracem percursos que se repetem através de uma montagem. Essa montagem resultaria de uma articulação com o que se mostra como excedente que se faz presente, mas de forma velada. O que Freud demonstra em 1920 é uma concepção teórica que dá lugar ao que aparece como excedente de acordo com outras possibilidades de montagem.

Uma das montagens possíveis aparece sob a forma da repetição, espécie de nervo que se impõe a Freud desde seus primeiros escritos. Em uma destas passagens há um vínculo da repetição à transferência²⁶:

São reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornar-se conscientes, mas com a característica

²⁴ Cf. também Lacan, 1985a, p. 112.

²⁵ A formulação deste segundo princípio leva Freud a assinalar aspectos do ego e do estabelecimento de distinções entre o processo primário e o secundário, que carregaria os “resíduos” (Cf. Freud, 1911/2004, p. 65) da dominação do princípio do prazer nas atividades conscientes, o que se pode apontar com as formações do inconsciente, como nomeadas por Lacan.

²⁶ Vínculo a ser retomado por Lacan em seu *Seminário 11* e no qual nos deteremos de forma breve em nosso terceiro capítulo.

(própria do gênero) de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico. (Freud, 1905/1996, p. 111)

Em 1914, Freud dedica um artigo a uma espécie de compulsão à repetição daquilo que não vem à tona apenas como lembrança, mas como atuação a ser repetida, e no contexto transferencial²⁷ – ou “reprodução no campo do psíquico” (Id., 1914/1996, p. 168). Trata-se do texto “Recordar, repetir e elaborar”. Um certo espanto de Freud se remete ao fato de que a repetição que aí incide não aparece circunscrita pelos mecanismos sintomáticos descritos na *Interpretação dos sonhos*, a condensação e o deslocamento, que demonstrariam um certo trabalho do significante. Que tipo de trabalho encerraria o aparecimento dessa dimensão da repetição? Veremos a seguir com Freud as questões que ele se coloca a partir de 1920, e, em seqüência, em nosso segundo capítulo, o que Lacan herda e elabora destas colocações.

Se no texto de 1914, Freud pontua que há casos em que a lembrança surge como atuação, em 1920 ele assinala que o paciente

É obrigado a *repetir* o material reprimido como se fosse uma experiência contemporânea, em vez de, como o médico preferiria ver, *recordá-lo* como algo pertencente ao passado. (Freud, 1920/1996, p. 29 – grifos do original)

Até as reformulações da década de 20, entretanto, as observações de tais situações atuadas concerniam mais claramente à evidência de um conflito psíquico entre as pulsões sexuais e as do ego. A exigência pulsional, repelida e recalçada por não se conformar à montagem egóica, como vimos, trilhava caminhos indiretos para obter satisfação, por meio principalmente dos mecanismos de condensação e deslocamento.

Freud, entretanto, se acha cada vez mais em um campo nebuloso à medida que sua investigação focaliza a presença de uma compulsão à repetição que não se vincula a produção de satisfação tal como apontada através da determinação do princípio do prazer:

²⁷ Se, como observamos a partir dos símiles freudianos, a cura está voltada a um manejo com relação ao núcleo patogênico, a função do analista está a ele conectada. A transferência justamente demonstra sua potência ao apontar o analista como uma espécie de elo entre sujeito e este núcleo radical. Portanto, longe de ser uma figura neutra, para que haja análise é preciso que o analista aceite encarnar o que aparece como patológico e que, ao mesmo tempo, garanta alguma possibilidade de mudança.

Contudo, chegamos agora a um fato novo e digno de nota, a saber, que a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos instintuais²⁸ que desde então foram reprimidos. (Ibid., p. 31)

Uma satisfação compreendida pelo comando do princípio do prazer estaria mais ligada ao conflito psíquico e ao que Freud chama de um “comportamento *ativo* por parte da pessoa” (Freud, 1920/1996, p. 33). Entretanto, os sonhos constantes das neuroses traumáticas, assim como os outros exemplos reunidos por Freud nesse escrito, apontam para uma dificuldade em circunscrever a parte que cabe ao sujeito no que o acomete. A questão que nos é colocada é se tal dificuldade se encontra referida a repetição.

Até então era “como se a totalidade de nossa vida mental fosse dirigida para obter prazer e evitar o desprazer” (Freud, 1916-17/1996, p. 359). A neurose traumática demonstra uma espécie de ponto culminante em que a desorganização momentânea das pulsões atinge alto grau, e, nessa situação, mostra-se mais complicado estabelecer as mesmas premissas do conflito psíquico como cernido nas neuroses de transferência. Não se trata propriamente de uma impossibilidade de encontrar um caminho para a satisfação e da tentativa de instaurar outras vias para sua obtenção.

2.7

O sonho traumático e o *fort-da*

Freud demonstra os impasses da clínica ao esbarrar em uma lógica de acontecimentos que não se comportam àquela expressa pelas produções de prazer e desprazer. Não havendo somente uma inversão do que é sentido como prazer e desprazer entre os processos primário e secundário, se torna extremamente necessária a investigação das situações nas quais o que aparece como desprazer em um sistema não pressupõe, na conceituação de Freud, necessariamente, prazer no outro. Ele inicia nesse ponto a articulação de algumas possíveis direções a fim

²⁸ Adotamos a *Edição Standard Brasileira*, editada pela Imago, da obra freudiana. Derivada da tradução americana, marcada por uma tendência ao cientificismo, filiamos-nos aos comentários de Lacan acerca do termo *instinto*. Como ele se depreende de uma noção de adaptação ao que poderia ser considerado natural, seria impossível ligá-lo ao sujeito teorizado por Freud e extraído de sua experiência. Esta, por Lacan relida, é fundada no significante e traz à tona a radicalidade do

de teorizar o que não pôde ser explicado através do princípio do prazer. Há, assim, uma conjunção de casos a partir dos quais, de forma sistemática, Freud postula a possibilidade de uma

[...] função do aparelho mental [...] que, embora não contradiga o princípio de prazer, é, sem embargo, independente dele, parecendo ser mais primitiva do que o intuito de obter prazer e evitar desprazer. (Freud, 1920/1996, p. 43)

Se qualquer excitação que aumente a quantidade limítrofe segundo a qual haveria homeostase no aparelho é sentida como causadora de desprazer, como explicar a repetição dos sonhos traumáticos, que trazem à tona situações que em nenhum momento fazem apelo a alguma elaboração onírica demonstrativa da hipótese do sonho como realização de desejo? Não é a toa que Freud faz notar que a própria dificuldade da conceituação da neurose traumática parecia poder trazer algo novo às suas teorizações (Cf. Freud, 1917/1996, p. 282).

A neurose traumática se vincula à categoria nosográfica das neuroses atuais²⁹. Estas se manifestam através de uma sintomatologia predominantemente somática que parece não portar “[...] nenhum ‘sentido’, nenhum significado psíquico” (Id., 1916-17/1996, p. 388). Talvez o que Freud situe neste ponto como sintomatologia de ordem mais somática ou sem significado psíquico seja relacionada ao modo como as redes associativas ou de significantes apareciam articuladas ao núcleo patogênico até então.

Antes, em uma das conferências proferidas em 1916-17, Freud assinala que “é como se esses pacientes não tivessem findado com a situação traumática, como se ainda tivessem enfrentando-a como tarefa imediata ainda não executada” (Ibid., p. 282-283). Trata-se de uma fixação específica, que coloca em cena a situação de horror, em princípio, de forma distinta da que ocorre na histeria, inscrita no sintoma, expondo-se ao deciframento. Se “[...] a repressão é o processo mais característico das neuroses e é de todos os mecanismos o mais característico” (Loc. cit.) para Freud, não é de se espantar que as repetições de experiências que aparentemente não sofrem tanta incidência do recalque sejam por ele qualificadas

conceito de pulsão, que impõe outro tipo de necessidades e circuitos ao sujeito que não o que poderíamos ter como natural. Cf., por exemplo, Lacan, 1988, p. 115.

²⁹ Cf. Freud, 1938/1996, p. 198. Freud assinala uma aproximação por vezes tecida entre as neuroses traumáticas e a histeria. Porém, como seu desencadeamento se dá através da irrupção abrupta de um acontecimento externo, e seus sintomas se apresentam com demasiada frequência concernindo ao plano somático, ela se encontra fortemente ligada à categoria das neuroses atuais.

como “forças demoníacas” (Id., 1920/1996, p. 32)³⁰. A pergunta que o interessou foi, dentre outras, que tipo de trabalho pressupõe essa forma incessante de repetição da situação traumática.

Freud ressalta que não haveria contradição ao princípio do prazer, mas uma inusitada independência de sua dominância pelo fato de que os sonhos não se vinculam claramente à produção de prazer através da diminuição da tensão ou da manutenção da constância, mas antes introduzem novamente, de forma alucinatória, a situação que acarretou o trauma (Ibid., p. 40-43).

Ao contrário dos estados de angústia e medo, que ofereceriam alguma preparação ao sujeito, o susto, *Schreck*, constataria uma não preparação. É esta que parece insistir nos sonhos traumáticos.

Enquanto a ansiedade e o medo deixariam o terreno, de certa forma, mais preparado para o surgimento de uma quantidade mais alta de excitações, formando hipercatexias para receberem a quantidade de excitação de maior magnitude, o susto funcionaria a despeito disso. Dele decorre então uma alta quantidade de excitação e a hipótese de Freud sobre os sonhos traumáticos é a de que

Esses sonhos esforçam-se por dominar retrospectivamente o estímulo, desenvolvendo a ansiedade cuja omissão constituiu a causa da neurose traumática. (Freud, 1920/1996, p. 42)

Freud ainda ressalta que um conflito no ego facilitaria o surgimento de uma neurose traumática, como já havia salientado antes, e que a ocorrência de alguma consequência física relacionada a situação agiria no sentido contrário, impondo uma catexia relativa ao órgão debilitado, dando um direcionamento ao excesso de excitação.

Interessa-nos destacar, para nosso percurso, menos a situação traumática que adicionar ao nosso rol de nomes para o núcleo patogênico, como já o fizemos, o do trauma. Ele parece apontar, como nos indica esse texto de 20, mais uma vez para a manifestação de um excedente. Desta vez, entretanto, Freud indica outra

³⁰ “[...] permitir-me-ei relembrar-lhes a que ponto o pensamento científico e o pensamento teológico puderam estar ocupados, no período que precedeu imediatamente a liberação do homem moderno, com algo que Freud não hesitou em falar e a chamá-lo por seu nome, mas do qual nunca mais falamos, ou seja, aquele que foi designado durante muito tempo como o princípio desse mundo – Diabolus. Simbólico aqui se completa por diabólico – com todas as formas que a predicação teológica articulou tão poderosamente.” (Lacan, 1988, p. 117)

forma de inscrição deste no aparelho psíquico, e a hipótese que daí surge é a da pulsão de morte. Antes, entretanto, verificaremos brevemente outra situação que traz questões semelhantes à primazia do princípio do prazer.

Trata-se da famosa brincadeira do neto de Freud. Este ora afastava, ora aproximava o carretel, produzindo sons subseqüentes a seus movimentos parecidos com *fort* (lá) e *da* (ali). A pergunta de Freud se centra em “como, então, a repetição dessa experiência aflitiva, enquanto jogo, harmonizava-se com o princípio de prazer?” (Ibid., p. 26).

Freud nos remete a um argumento contrário àquele segundo o qual o propósito da criança aí envolvido seria o de assenhorar-se da experiência de momentâneo abandono da mãe. Tal propósito estaria submetido ao domínio do princípio do prazer e o que está em jogo justamente é a repetição de uma experiência de desprazer.

Qual é então essa função de repetição traumática, se nada, muito pelo contrário, pode parecer justificá-la do ponto de vista do princípio do prazer? Dominar o acontecimento doloroso, lhes dirão – mas quem domina, onde está aqui o senhor, para dominar? Por que falar tão depressa quando, precisamente, não sabemos onde situar a instância que se entregaria a essa operação de domínio? (Lacan, 1985b, p. 53)

Se o princípio do prazer supõe um trabalho da montagem egóica, sempre a ser refeito, nesta articulação entre a rede de significantes e o núcleo como ponto que carrega uma potência de desestruturação, desde o início, não há senhor, mas uma espécie de esforço de coesão do ego em relação a algo que o parasita do qual alguém é mais resultado que dono. Com a hipótese freudiana de que haveria ainda um trabalho anterior à instalação do domínio do prazer, a noção de uma intenção de dominação da experiência é mais refutável.

O prazer, contudo, não estaria completamente ausente nesta experiência. Em seu segundo tempo, o do retorno do objeto, pode-se depreender que o tempo um faz parte de uma tentativa de simbolização do que se ausenta. Instaura-se, assim, um ir e vir que sustenta a própria representação do objeto (neste caso, a mãe do menino) e instaura uma perda. Lacan faz notar em termos radicais que a ordem significante, para fundar-se, não requer qualquer coisa, mas algo que do bebê se destaca, “[...] a automutilação a partir da qual a ordem da significância vai se pôr em perspectiva” (Ibid., p. 63). Lacan também assinala o jogo como uma resposta

possível ao que a mãe desenha como vazio, “*fosso*”, com sua ausência e presença na borda de seu berço.

A intercalação de presença e ausência nos remete diretamente a estrutura referida ao campo do significante, constituído justamente de oposições³¹ a partir das quais pode se dar a produção de sentido.

Freud utiliza ambas as situações precedentes para fazer valer no âmbito do aparelho psíquico as indicações que desde então, vez por outra, dão indícios de um funcionamento que não se desdobra na bipolaridade prazer-deprazer. Para tanto, Freud se pergunta sobre o domínio pulsional: em quê estaria ele envolvido na compulsão a repetição? Tentaremos acompanhar as conseqüências que ele pôde extrair, neste primeiro momento, de um funcionamento para além do princípio do prazer.

2.8

A pulsão de morte

Em uma breve retomada, vimos que Freud elabora nesse texto de 1920 um passo anterior ao predomínio do princípio do prazer do qual a compulsão a repetição seria tributária. Deveria haver antes o estabelecimento de uma conexão das pulsões para a instauração das sensações de prazer e desprazer que passariam a direcionar o aparelho psíquico ao estado de homeostase. Na situação traumática, entretanto, grandes quantidades de estímulo inundariam o aparelho psíquico. O estabelecimento das ligações relativas às pulsões funcionaria de forma independente ao princípio do prazer:

Se assim é, seria tarefa dos estratos mais elevados do aparelho mental sujeitar a excitação instintual que atinge o processo primário. Um fracasso em efetuar essa sujeição provocaria um distúrbio análogo a uma neurose traumática, e somente após haver sido efetuada é que seria possível à dominância do princípio de prazer (e de sua modificação, o princípio de realidade) avançar sem obstáculo. Até então, a outra tarefa do aparelho mental, a tarefa de dominar ou sujeitar as excitações, teria precedência, não, na verdade em oposição ao princípio de prazer, mas independentemente dele e, até certo ponto, desprezando-o. (Freud, 1920/1996, p. 45-46)

³¹ “[...] jogo alternativo, *fort-da*, que é um *aqui* ou *ali*, e que só visa, em sua alternância, ser o *fort* de um *da* e o *da* de um *fort*.” (Lacan, 1985b, p. 63). Retomaremos este ponto e este exemplo no segundo capítulo.

Freud assinala ainda que os investimentos quiescentes (vinculados) definiriam o tipo de abalo do psiquismo em relação ao trauma: quanto mais alta sua magnitude, mais sua força vinculadora atenuaria o dano traumático.

Lacan empreende a releitura dos textos freudianos apontando, no que concerne ao princípio do prazer, a formulação do aparelho psíquico como construída por Freud como uma espécie de máquina simbólica. Entretanto, algo de outra ordem parece despontar entre os sistemas:

Descarga e volta à posição de equilíbrio, esta lei de regulação vale para os dois sistemas, enuncia Freud. Mas da mesma feita é levado a perguntar-se – qual é a relação entre os dois sistemas? Será simplesmente que o que é prazer num é desprazer no outro, e inversamente? Se os dois sistemas fossem o inverso um do outro, deveria chegar-se a uma lei geral de equilíbrio [...]. É aqui que Freud se dá conta de que alguma coisa não coaduna com o princípio do prazer. Ele se dá conta de que o que sai de um dos sistemas – o do inconsciente – é de uma insistência [...] particularíssima. Este sistema tem algo de incomodativo. É dissimétrico, não cola. Algo escapa aí do sistema das equações e das evidências tomadas emprestadas às formas do pensamento do registro do energético tais como foram instauradas em meados do século XIX. (Lacan, 1985a, p. 82)

Freud conceituará, neste ponto, o automatismo de repetição vinculado ao domínio pulsional do aparelho psíquico. As pulsões fariam o mesmo papel das excitações externas. Entretanto, se estas encontram um escudo protetor que as atenua conforme sua magnitude, o aparelho não tem algum mecanismo defensivo atuante no que concerne as pulsões, cujo caráter potencialmente traumático fica, então, evidenciado (Santos, 2002, p. 109). A hipótese de Freud neste escrito é a de que a pulsão também insistiria para voltar a um estado inicial, sublinhando uma espécie de tendência caprichosa ao inorgânico, posto que ela se esforçaria a voltar a esse estado à seu próprio modo (Ibid., p. 111). Freud chama a pulsão que se destina a esta tarefa de pulsão de morte.

Seria a pulsão de morte mais um dos nomes para o ponto cego do aparelho psíquico? Corroborando esta hipótese, Lacan toma a pulsão de morte como “ponto de fuga de toda realidade possível de atingir” (Lacan, 1988, p. 31). A dimensão da compulsão à repetição se faz cada vez mais cerrada na obra de Freud e desemboca afinal na noção de pulsão de morte, traduzida por Freud nesse momento como

insistência que redundava em um retorno ao inanimado, o que a marca mais como uma espécie de movimento que como ente³².

Na base dessa nova conceituação se encontra a hipótese de que, nesse mecanismo, o jogo empreendido em relação às pulsões segue em vias de mobilizar o circuito em direção à obtenção de efeitos no mundo externo, justamente pelo fato das pulsões não poderem ser eliminadas através de um mecanismo de fuga – o que leva Freud a concluir em 1915 que

São as pulsões, e não os estímulos externos, os verdadeiros motores dos progressos que levaram o sistema nervoso, com sua capacidade de realizações ilimitadas, a seu atual nível de desenvolvimento. (Freud, 1915/2004, p. 147-148)

Entretanto, a descoberta de Freud nos anos 20 é a de que esta espécie de jogo também comporta um relançamento para trás, no intuito de fazer retroceder o aparelho psíquico ao ponto de seu estado primeiro, o de estagnação. Ele, assim, infere, a partir de suas observações clínicas, que a vida segue em direção à morte, e que é através de um movimento conjurado entre pulsões de vida e de morte que cada sujeito se precipita em seu circuito.

É como se a vida do organismo se movimentasse num ritmo vacilante. Certo grupo de instintos se precipita como que para atingir o objetivo final da vida tão rapidamente quanto possível, mas, quando determinada etapa no avanço foi alcançada, o outro grupo atira-se para trás até um certo ponto, a fim de efetuar nova saída e prolongar assim a jornada. (Freud, 1920/1996, p. 51)

Lacan nos incita a apreender dessas observações de Freud uma espécie de força que coage o animado de volta ao inanimado, que o força até os limites da vida, e não de uma forma qualquer, mas pelos caminhos da própria vida.

É necessário, no entanto, verificar a concepção dualista aí implicada por Freud. No texto de 1920, ele atesta que a diferença entre os tipos de pulsões, as de vida, voltadas aos objetos, e as de morte, devem ser consideradas não sob um aspecto qualitativo, mas topográfico (Cf. *Ibid.*, p. 63). De fato, não há outra energia que sustente o desdobramento da pulsão em pulsão de morte, o que evoca um monismo no plano energético que recupera o caráter não quiescente que marca

³² O que coloca em questão o próprio estatuto da pulsão na conceituação de Freud, tomado por ele mais como uma espécie de mito do qual não se pode abrir mão – conceito fundamental, como indica Lacan no *Seminário 11* – que como realidade sustentável por um cientificismo de laboratório. O conceito de pulsão de morte, em sua radicalidade, intenta exprimir o próprio avesso da realidade.

a teorização da pulsão desde o início (Rudge, 1998, p. 34)³³. Lacan acentuará esse aspecto radical da pulsão ao postular que

A pulsão, como representante da sexualidade no inconsciente, nunca é senão pulsão parcial. [...] Do lado do vivente, como ser que deve ser captado na fala, como alguém que nunca pode enfim advir nela por inteiro, nesse para-aquém do limiar que no entanto não é dentro nem fora, não há acesso ao Outro do sexo oposto senão através das chamadas pulsões parciais, onde o sujeito busca um objeto que lhe reponha a perda de vida que lhe é própria, por ele ser sexuado. (Lacan, 1998, p. 863)

A sexuação e a perda que Lacan indica neste momento de seu ensino estão remetidos à entrada do sujeito na linguagem, movimento que instaura o domínio pulsional e retira o sujeito de um suposto plano instintivo derivado de uma necessidade natural que o levaria ao encontro com um objeto plenamente satisfatório. A pulsão, entretanto, em sua existência parcial e marcada por um destino de encontros e desencontros com objetos que não lhe convém naturalmente, posto que ela é uma montagem articulada ao significante, é demonstrada por Freud neste texto em sua complexidade. Sua bipolaridade está sempre em questão, o que delimita um trabalho incansável do sujeito nesta montagem, afastando uma concepção mais simplista segundo a qual a pulsão de vida trabalha visando a construção e a de morte sempre a destruição. Ambas trabalham de forma conjugada. Como a pulsão de morte é o que escapa da representação, no entanto, sua presença é apreendida *a posteriori*, e pode ser compreendida em uma linguagem que difere daquela das formações inconscientes (Cf. Rudge, 1998, p. 36-37).

Vimos neste capítulo inicial os esquemas de Freud com relação ao engendramento das redes associativas que compõe as lembranças a serem rememoradas em análise. Tais esquemas apontam para uma montagem entre discurso e um ponto cego capaz de desestruturá-lo. Pelo prazer que esta montagem veicula, a repetição de significantes se faz presente. Freud situa, no entanto, com a repetição dos sonhos traumáticos, a hipótese da pulsão de morte, que poderia nos levar a uma outra montagem possível da rede significante com o

³³ “[...] a tendência à união [...] nunca é apreendida a não ser em sua relação à tendência contrário, que leva à divisão, à ruptura, à redispersão, e muito especialmente da matéria inanimada. Estas duas tendências são estritamente inseparáveis. Não há noção que seja menos unitária.” (Lacan, 1985a, p. 106)

que nomeamos, com Freud, como núcleo patogênico, sexual e trauma. Desembocamos, assim, na hipótese de um funcionamento anterior ao princípio do prazer, o que instaura importantes redefinições. Ao lado das pulsões dirigidas aos objetos e que também tomam o eu do sujeito como objeto, existiriam as pulsões que trabalham silenciosamente em prol de um retorno ao inanimado. Não estando voltadas a um objeto, navegam pelo aparelho de forma não quiescente, isto é, não conectada, oferecendo um perigo traumático ao aparelho psíquico que não teria mecanismo defensivo contra o que age em seu interior.

Retomaremos essas questões no capítulo dois. Nele, com Lacan, tentaremos deslindar com o auxílio de seus comentários sobre o conto de Edgard Allan Poe, *A carta roubada* e o esquema que traça neste período, o que aparece nestas redes significantes para o sujeito como possíveis e impossíveis através de sua inscrição no simbólico. Deteremo-nos também sobre a questão do que se poderá obter como acaso ao lado desta determinação simbólica que aí se decanta e o que poderá aparecer para o sujeito como fruto da repetição.

3

Os possíveis e o impossível¹

É, com efeito, de um encontro, de um encontro essencial,
que se trata no que a psicanálise descobriu – de um encontro marcado,
ao qual somos sempre chamados, com um real que escapole.

J. Lacan²

Finalizamos nosso capítulo anterior com a noção de pulsão de morte. Com ela, chegamos a uma elaboração freudiana que coloca no rol dos conceitos psicanalíticos o que se dava a entrever desde os símiles e o aparelho de 1895 e que vez por outra comparecia nos escritos freudianos de forma enigmática.

Com este conceito, tentamos nos aproximar do que já estava em questão sob a forma de núcleo patogênico, que tomamos como uma espécie de centro paradoxal, posto que ao mesmo tempo em que organiza as cadeias, conforme a proximidade que dele se tenha, dá mostras de sua potência dispersiva e, por isso, traumática.

Neste capítulo, com Lacan, intentamos depreender, a partir da incidência do simbólico e da sintaxe que delineia os possíveis que se decalcam na cadeia significante, o que resta dela e retorna também sob forma de repetição. Para tanto, nos remeteremos aos comentários de Lacan acerca do conto *A carta roubada*, de Edgard Allan Poe.

3.1

Caminhando às cegas

Em uma conferência de 1968, intitulada “Da psicanálise em suas relações com a realidade”, Lacan indica a importância da associação livre, fazendo de tal

¹ Cabe ressaltar de partida o quanto não só este capítulo, mas principalmente ele, deve ao seminário ministrado por Marcus André Vieira na Escola Brasileira de Psicanálise nos anos de 2006 e 2007. Sem os desenvolvimentos que lá tiveram lugar, não teria sido possível situar da mesma maneira as conseqüências dos escritos e seminários de Lacan aos quais nos reportamos – referências, em grande parte, também de lá providas. Agradecemos aos participantes do seminário e de forma especial a Marcus André.

procedimento uma espécie de portador da resposta para a difícil questão: “o que faz com que uma psicanálise seja freudiana?” (Lacan, 2003, p. 350).

Lacan repertoria vários tipos de práticas às quais se poderia, em um primeiro momento, aparentar a associação livre.

Numa palavra, ela exclui os mundos que se abrem para uma mutação da consciência, para uma ascese do conhecimento, para uma efusão comunicativa. (Ibid, p. 351)

Afastando a associação livre destas outras práticas, Lacan dá algumas indicações que nos servirão de base. Primeiramente: “ela [a técnica] joga [...] com a não preparação.” (Loc. cit.); e ainda: “o que se espera da sessão é justamente aquilo que se recusa a esperar por medo de meter demais o dedo: a surpresa [...]” (Ibid., p. 352)³.

Em lugar de prática guiada pela concentração, uma “não preparação”. Ao invés de caminho que aponta a um ideal de saber ou de comunicação, ou ainda a uma vivência consciente de outra ordem, de outra realidade, a surpresa⁴.

É preciso, no entanto, situar de partida o paradoxo que se faz presente na prática da associação livre a partir de Freud e que também se mostra caro à Lacan. Como acompanhamos no primeiro capítulo, a mudança efetivada por Freud do método catártico ao da associação livre responde por mudanças de percurso importantes ao nosso tema no que diz respeito ao estatuto do que pode ser lembrado e articulado na cadeia e também do que não é articulado, mas que pode se presentificar por meio das associações – o que chamamos de fraturas do discurso, ponto ao qual, justamente, a cadeia associativa encontra uma espécie de maior proximidade com o núcleo patogênico, traumático e que põe em risco a articulação das redes significantes.

O convite para que o sujeito, frente a um analista, experimente sua fala sem o estabelecimento de orientações prévias o leva a experimentar um fato inusitado:

² Lacan, 1985b, p. 55-56.

³ O que inclusive está no cerne do termo com o qual Freud batiza a associação livre. Recorrendo ao *Dicionário comentado do alemão de Freud* de Luiz Hanns, há uma lista de significados ligados ao verbo *einfallen* e ao substantivo *Einfall*: desmoroamento, invasão, idéia súbita, incidência. “*Einfall* é palavra corriqueira em alemão e significa ‘idéia que ocorre’; por via de regra, evoca a imagem de algo que vem de fora e de forma súbita.” (Hanns, 1996, p. 270). Também sobre a associação livre, cf. Vieira, 2004.

⁴ Neste sentido, recordamos as iniciais observações de Freud quando ele nega ao inconsciente que inaugurou uma espécie de supra inteligência a parte da consciência; cf. nota 11 de nosso primeiro capítulo.

através da não preparação nos deparamos não com uma gama imensa e variada de questões, mas com a presença do mesmo aparecendo sob diferentes formas.

O exercício da associação livre demonstra a presença de alguns percursos da fala aos quais o sujeito sempre retorna. Isto evidencia sua determinação relacionada a certos pontos deste percurso. Tal determinação só pode ser explicada através da aposta fundamental da psicanálise, já situada em nosso capítulo anterior. Na tentativa de ir ao encontro das causas dos sintomas históricos, Freud se depara com relatos de lembranças. Com a hipnose e depois a escolha metodológica pela associação livre, o que dá relevo e fundamento a prática freudiana é a decisão de que “é justamente porque alguma coisa foi atada a alguma coisa semelhante à fala que o discurso pode desatá-la” (Lacan, 1999, p. 13).

Pouco a pouco, na fala do analisando, se destaca a perturbadora conclusão de que as associações, por mais fortuitas que possam parecer, acabam levando aos mesmos lugares. Jacques-Alain Miller assinala que, através deste movimento, “[...] o mesmo vai emergir a partir da produção do diverso” (Miller, 1999, p. 46). Pode-se encontrar, desta forma, uma espécie de *trilho de base*⁵.

Partimos então da premissa de que há muito menos liberdade na associação livre do que se poderia supor e que podemos tomá-la mais como um caminhar viciado, em círculos, que com uma fala que vague dentre recantos sempre inéditos. É nesse sentido que, por exemplo, podemos nos deter nesta passagem de Lacan acerca dos efeitos do significante:

Se o que Freud descobriu, e redescobre com um gume cada vez mais afiado, tem algum sentido, é que o deslocamento do significante determina os sujeitos em seus atos, seu destino, suas recusas, suas cegueiras, seu sucesso e sua sorte, não obstante seus dons inatos e sua posição social, sem levar em conta o caráter ou o sexo, e que por bem ou por mal seguirá o rumo do significante, como armas e bagagens, tudo aquilo que é da ordem do dado psicológico. (Lacan, 1998, p. 34)

Lacan indica acima que o que está em questão para o sujeito na experiência de uma análise concerne diretamente ao que ele intitula como rumo do

⁵ “[...] todo ser falante tem um caminho essencial, um caminho único que ele percorre enquanto continua ser falante, é o caminho da sua fala.” (Miller, 1999, p. 32-33)

significante⁶ e a extração das conseqüências que tal percurso impinge. O sujeito seria, de fato, efeito a se produzir a partir das marcas advindas deste percurso⁷.

3.2

O inconsciente estruturado como uma linguagem

Através do rigor dos escritos freudianos, o que Lacan encontra é a coerência da letra na concepção freudiana de inconsciente. Desta forma, importa menos supor um interesse de Freud pelo passado quando diz encontrar na fala da histórica reminiscências que a instauração da montagem do aparelho psíquico e das redes de significantes que formam essa espécie de estrutura⁸ que entrevimos no capítulo anterior com os símiles e o aparelho deslindado no *Projeto*. É desta maneira que Lacan formula uma de suas premissas mais fundamentais, a saber, a do inconsciente estruturado como uma linguagem. Vejamos alguns de seus desdobramentos que tocarão em pontos a serem aqui investigados.

Em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, escrito extraído de uma conferência demandada e dirigida a estudantes de Letras em 1957, Lacan situa que o que garante essa montagem do significante em redes, que agora tomaremos como estrutura, “[...] está em ele ser articulado” (Lacan, 1998, p. 504). Para obter essa articulação e as junções e injunções que dela se depreendem, assim como os cortes que a marcam, é preciso que o significante seja reduzido até sua unidade mais ínfima (os fonemas), como também que ele sofra a regulação de leis que o determinam como a uma sintaxe.

Há uma conexão sincrônica que liga tais unidades mínimas e que se apresenta na escolha eventual de alguma palavra. O próprio ato falho, em que há o aparecimento de uma palavra ao invés de outra, nos dá notícia desse

⁶ Valendo-nos ainda de outra passagem do mesmo escrito: “nossos [...] [sujeitos] modelam seu próprio ser segundo o momento da cadeia significante que os está percorrendo” (Lacan, 1998, p. 33).

⁷ “Nesse sentido a repetição dos mesmos significantes precede o sujeito e faz da linguagem e da repetição dos mesmos significantes a própria condição do sujeito do inconsciente.” (Miller, 2005a, p. 165). Tomaremos sujeito do inconsciente mais como efeito do discurso que como senhor de sua fala, pois é no movimento do percurso da cadeia significante que aparece na fala um dizer sobre si que inscreve o circuito pulsional e o situa em relação ao Outro (Cf. Vieira, 2001, p. 45).

⁸ Esta noção nos é cara e voltaremos a ela ainda neste tópico.

funcionamento sincrônico⁹. E o que podemos tomar como aspecto mais diacrônico desta estrutura é descrito por Lacan através do que ele chama de “substrato topológico”, para o qual utiliza a expressão “cadeia significante”: “[...] anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis” (Lacan, 1998, p. 505)¹⁰. Podemos entrever a diacronia retomando uma das características de um dos símiles freudianos: a peculiaridade de que as lembranças surjam em ordem inversa, ou seja, da mais recente a mais antiga, o que instaura o que Lacan toma por um tempo retroativo, *nachträglich*. Para exemplificar este ponto, podemos recorrer a um fragmento trazido por Freud no *Projeto* (Freud, 1895b/1996, p. 406-410). Emma não conseguia entrar em lojas desacompanhada. Duas cenas são descritas pela paciente: na primeira que aparece em seu relato, Emma, aos 12 anos de idade, viu dois vendedores rindo após entrar em uma loja. Assustada, rapidamente sai e relata a Freud ter se sentido atraída por um deles. Freud continua suas investigações, dando ensejo a outras associações e a paciente relata mais uma cena. Nesta, aos oito anos de idade, ela esteve em uma confeitaria e o proprietário beliscou suas partes íntimas. Emma voltou lá mais uma vez. É a partir do relato da segunda cena, a do beliscão, que o alcance da primeira é dado. Entre ambas surge o que Freud nomeia como “vínculo associativo” que concede um certo enquadre ao aparecimento do sexual e da posição desejante de Emma – o que responde pela cessação de seu sintoma, que ocorre logo após o relato da segunda cena.

Como em uma frase em que é preciso esperar o desenrolar das palavras para que desponte seu sentido, no aspecto diacrônico envolvido na premissa de Lacan, o inconsciente estruturado como uma linguagem, uma certa montagem do significante concede um enquadre (também temporal) para o que aparece como

⁹ “Não há cadeia significante, com efeito, que não sustente, como que apenso na pontuação de cada uma de suas unidades, tudo o que se articula de contextos atestados na vertical, por assim dizer, desse ponto.” (Lacan, 1998, p. 507)

¹⁰ E ainda: “Muito bem, a nos atermos à carta de Fliess [carta 52], os *Wahrnehmungszeichen*, os traços de percepção, como funciona isso? Freud deduz de sua experiência a necessidade de separar absolutamente percepção e consciência – para que isso passe para a memória, é preciso primeiro que seja apagado na percepção, e reciprocamente. Ele nos designa agora um tempo em que esses *Wahrnehmungszeichen* devem ser constituídos na simultaneidade. O que é isto – se não é a sincronia significante? [...] Mas nós, nós podemos de imediato lhes dar, a esses *Wahrnehmungszeichen*, seu verdadeiro nome de *significante*. E nossa leitura se garante ainda de que Freud, quando retorna a esse lugar na *Traumdeutung*, designa ainda outras camadas, onde os traços se constituem dessa vez por analogias. Podemos reencontrar aí as funções de contraste e de semelhança tão essenciais na constituição da metáfora, que se introduz, esta, por uma diacronia.” (Lacan, 1985b, p. 48)

sem sentido – nesse caso, a volta de Emma a loja onde foi bolinada, a atração por um dos rapazes da loja e a conjugação disso com o sintoma de medo de entrar em lojas¹¹. A segunda cena relatada revela o que estava em jogo na primeira, isto é, menos um suposto trauma pelo fato de ser motivo de risos que o que do sexual aparece. A remissão e a associação de uma a outra esclarece o que se apresenta no sintoma: resumindo, de forma talvez exagerada, Emma e seu lugar no desejo do Outro.

Através do que aí se coloca em jogo, a saber, um sistema estruturado através de oposições de elementos reduzidos em sua forma mais simples (os fonemas), articulados através de uma sincronia (que joga com as oposições que nele se delineiam) e uma diacronia (supondo lugares que se colocam de forma sucessiva, formando um encadeamento), podemos entrever uma filiação de Lacan ao estruturalismo. Vamos nos ater a ele.

3.3

Breve referência ao estruturalismo

De forma geral, o estruturalismo permite um tratamento formal dos elementos a serem analisados, pois instaura uma leitura que visa às relações estabelecidas entre estes elementos a partir de um sistema a que estes estão concernidos. Assim, é possível desvincular a investigação de cada elemento como objeto de estudo em si, o que abre o campo das ciências sociais para o advento de alguns dos traços mais característicos da ciência moderna¹².

¹¹ Notemos a sutileza precisa na condução freudiana que marca a clínica psicanalítica. As intervenções de Freud não se dão no sentido de procurar um motivo para o sintoma de Emma, mas de uma certa espera para que este enquadre significante possa se dar, em que ela aparece menos como alvo de deboche que lidando com um desejo estranho, ligado ao núcleo traumático do qual vínhamos falando. Ao dar um lugar pra isso, e não um motivo de ordem racional, é que Freud pôde não só obter esse efeito terapêutico, mas descortinar algo que aponta para a posição de Emma nas cenas. Assim, importa menos a história das cenas que assinalar o efeito que sua aparição como desejante teve para a paciente, o que responde pela cessação de seu sintoma, pois “[...] uma psicanálise não é uma investigação científica imparcial, mas uma medida terapêutica. Sua essência não é provar nada, mas simplesmente alterar alguma coisa” (Freud, 1909/1996, p. 112).

¹² O que a ciência moderna inaugura é a possibilidade do tratamento formal de seus elementos que descarte a necessidade do conhecimento acerca de sua natureza. Assim há a crescente ruptura com um método pautado mais em essências que em relações tecidas em um determinado sistema. Uma passagem que exemplifica esta nova abordagem pode ser encontrada em Claude Lévi-Strauss, figura eminente da antropologia estrutural e referência regular de Lacan: “A sociologia tradicional se obstinou em explicar a origem do avunculado [as relações de parentesco de tios e sobrinhos], e

O estruturalismo ao qual Lacan se filia pressupõe essa relação entre elementos. No caso, entre significantes; no mínimo dois (Cf. Miller, 1989, p. 92). Isso instaura uma relação de elementos que não se pautam por sua essência, o que faz ressoar uma conseqüência fundamental do advento da ciência moderna no campo das ciências humanas.

Como vimos através da disposição diacrônica que perfaz uma sucessão que comporta lugares, este evidenciam a estrutura de cadeia fundada pelo estruturalismo, cadeia em que um elemento está sempre remetido a outro. O término de uma frase, e, conseqüentemente, seu sentido, dependerá sempre da relação entre as palavras que aí se apresentam. Além disso, o próprio ato de comunicação se estabelece nesse jogo em que a significação será ratificada pelo outro elemento que receberá a mensagem. A outra palavra que falta ao término da frase, do texto, da idéia e etc e o outro como receptor fundam a interrupção, uma descontinuidade em que outros ouvidos são chamados a assentir (ou não) sobre a significação da mensagem. Decorre daí um postulado inicial de Lacan no qual o Outro é o tesouro dos significantes (Lacan, 1998, p. 832-833). O outro receptor da mensagem nos leva a fundação de uma dissimetria em que é sua recepção que decidirá sobre o sentido da mensagem.

Miller assinala como a hipótese estrutural também deixa entrever os registros real, simbólico e imaginário, utilizados por Lacan desde o início de seu ensino. Cabe-nos aqui deixar assinalado esse ponto, sem, no entanto, poder dar o desenvolvimento necessário, dado o limite de nosso escopo. O simbólico apareceria articulado por apontar as leis presentes nas relações entre os elementos. Ele promove as diferenças e descontinuidades e forja os lugares. Ao esvaziar os elementos de atributos naturais, o simbólico os afasta da esfera das representações. Elas são produzidas a partir destes lugares e carregam, segundo Miller, o aspecto do mais ou menos, do confuso, e da inércia das imagens, o que remete à articulação imaginária aí presente. Já o real não se reduziria a mais um termo simbólico, mas é a presença do irreduzível que falta à cadeia e que não se apresenta nela como um elemento como qualquer outro.

nós nos desembaraçamos desta pesquisa tratando o irmão da mãe, não como um elemento extrínseco, mas como um dado imediato da estrutura familiar mais simples.” (Lévi-Strauss, 1975, p. 65)

Digamos que esse elemento de presença que falta estruturalmente na ordem simbólica, é o que se identificará, precisamente, com o real. (Miller, 1989, p. 96 – tradução livre)¹³

Podemos entrever esta estrutura em funcionamento ao acompanharmos os comentários de Lacan do conto “A carta roubada”, de Edgard Allan Poe. Tanto em seus *Escritos* quanto em seu segundo *Seminário* – textos que nos guiarão aqui –, Lacan indica o circuito estabelecido através de alguns lugares que determinam as duas cenas principais do conto (Lacan, 1998, p. 14 et. seq.). Para dar relevo a este comentário é preciso já de início assinalar a homofonia que o termo *carta* (*lettre*) guarda – em francês, *lettre* designa tanto *carta* como *letra*.

Articulada, a letra, como vimos, produz sentido, traça percurso. Entretanto, tomada como marca separada dos sentidos que engendra, como podemos entrever neste conto, ela vira mais marca que história, ponto de onde esta se desenrola.

Mas essa letra, como se há de tomá-la aqui? Muito simplesmente, ao pé da letra. Designamos por letra esse suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem. (Ibid., p. 498)

No conto, a carta é o que encarna, para cada personagem, sua própria determinação significativa. Grosso modo, trata-se de uma carta que chega à rainha às vistas de um ministro que está, junto ao rei, no aposento real. Se ela vier a público, nada será como antes. Entretanto, de seu texto nada sabemos, e isso é essencial, posto que menos importa seu conteúdo que os efeitos que ela, a cada passagem, provoca. Retomaremos em breve o conto.

3.4

Da determinação

Para demonstrar os efeitos da determinação significativa, Lacan demarca no conto duas cenas. Na primeira, o ministro substitui a carta da rainha por outra e toma-a para si; na segunda, é Dupin quem substitui a carta na casa do ministro, restituindo-a a polícia, que, mesmo depois de revirar toda a casa do ministro, falha em encontrá-la. Lacan aponta uma troca de lugares que ocorre com os

¹³ E Milner complementa: “[...] entendemos pelas três suposições: nada poderia ser imaginado, isto é, ser representado, a não ser por I, nada pode existir a não ser por R, nada pode se escrever a não ser por S.” (Milner, 2006, p. 8)

personagens. As funções desempenhadas por cada um encontram-se intimamente demarcadas pelo circuito que a carta compõe¹⁴. Um Poe bastante avisado não arrisca desfazer-se dos efeitos da carta, deixando, como já vimos, seu conteúdo como secundário. A carta é, pois, o que engendra os percalços do circuito, fazendo valer seu papel de letra – que tomaremos aqui como semelhante às marcas significantes.

Lacan assinala a precedência, a partir desta instauração, dos lugares em relação às qualidades. São eles e a combinatória que os preside que as produzem. Desta forma, situados em um determinado ponto em relação à carta, os personagens passam a um certo tipo de conduta diante dela que se liga menos a qualidades que lhes seriam inerentes do que por uma certa configuração que a situação impõe. O rei, por exemplo, está no lugar daquele que não pode ver. Ele arriscaria seu reinado caso reagisse à carta recebida pela rainha e trocada em sua presença. O lugar de onde saem os pronunciamentos que regulam a vida da nação não pode também ver, não ao menos sob o olhar de testemunha do ministro, os segredos que acometem a vida de sua esposa.

Não é a toa que Lacan valoriza o jogo do par ou ímpar que aparece no início deste conto e cuida em demonstrar longamente que concepção de jogo está aí embutida. Esta se mostra vinculada à ordem simbólica, própria condição de sustentação do jogo através do Outro como garantia da linguagem, e ao sujeito que a ciência moderna instaura¹⁵. A aproximação com a ordem simbólica se dá

¹⁴ Miller destaca o que já havia sido ressaltado por Lacan neste texto: uma das primeiras operações presentes na análise é justamente a de discernir alguns pontos fixos ocupados por “personagens” que, de certa forma, se revezam, tornando-se uma espécie de variável. Miller explora essa primeira operação tomando de empréstimo a fórmula de uma função proposicional: $f(x)$. A análise, em um primeiro momento, visaria depurar a que função, a que constante, estão reportadas as variáveis em jogo, ou seja, “[...] captar o f em relação ao qual existem as variáveis” (Miller, 1999, p. 48). O que se apresenta nessa depuração, que Miller chama de pontos fixos, está intimamente ligado aos significantes que demarcam o caminho do sujeito.

¹⁵ Da qual se depreenderá o sujeito sem qualidades prévias, mas efeito fugaz de uma disjunção que lhe é constitutiva entre saber e verdade e que Lacan localiza no *cogito* cartesiano. No escrito “A ciência e a verdade”, Lacan assinala o papel essencial do sujeito instaurado pela ciência moderna a partir do qual a psicanálise pôde ser inaugurada e com que ela lida, posto que nascido de um manejo específico com a linguagem: “[...] sujeito estritamente reduzido à fórmula de uma matriz de combinações significantes” (Lacan, 1998, p. 874). E ainda, no *Seminário 11*: “Não digo que Freud introduz o sujeito no mundo – o sujeito como distinto da função psíquica, a qual é um mito, uma nebulosa confusa – pois é Descartes quem o faz. Mas direi que Freud se dirige ao sujeito para lhe dizer o seguinte, que é novo – Aqui, no campo do sonho, estás em casa. *Wo es war, soll Ich werden*. [...] Lá onde estava, o *Ich* – o sujeito, não a psicologia – o sujeito deve advir.” (Lacan, 1985b, p. 47-48 – grifos do original). Para este ponto também, cf. Milner, 1996, p. 28-36.

pelo fato de destacar um funcionamento para além das intenções dos jogadores que coloca em questão a própria estrutura da linguagem tal como evocada pela ciência moderna, de onde se depreende o sujeito com o qual a psicanálise lida.

O sujeito, na medida em que fala, pode encontrar inteiramente sua resposta, seu retorno, seu segredo, seu mistério, no símbolo construído que as máquinas modernas representam para nós [...] (Lacan, 1985a, p. 235)

Em uma conferência incluída no *Seminário 2*, Lacan demonstra a partir da conversão da ciência dos símbolos à combinatória o caminho seguido de uma ciência feita de símbolos àquela que se detém em seus lugares. Com o tratado de Pascal, datado de 1654 – em que, segundo Lacan, este assinala o interesse pelo que pode aparecer na interrupção de lances de uma partida –, a tentativa é a de indicar o nascimento da probabilidade, correlato ao das ciências exatas, que se encontra marcado pela articulação da ausência e da presença, instaurando a ordem binária, que constitui uma espécie de sintaxe essencial à ciência moderna¹⁶. É a esta ordem binária que Lacan dá relevo em seu comentário sobre o jogo do par ou ímpar e que o leva a extrair conseqüências de outro jogo que veremos aqui em detalhe, o dos “+” e “-”.

Frente a tais repercussões da marca da letra na vida dos sujeitos, como poderia o analista salvaguardar o lugar do acaso? Se colocarmos em xeque a liberdade da associação livre e partirmos do pressuposto de que o que ela demonstra é a existência de pontos que físgam o sujeito e que delineiam marcas de orientação de sua vida, como situar a surpresa da qual Lacan nos falava? Para avançarmos nas próprias coordenadas do paradoxo, recorreremos a uma referência constante de Lacan sobre o tema da surpresa, para depois tentar ressitua-lo a partir da junção entre símbolo e lei, como explorada no *Seminário 2*.

¹⁶ “[...] o que as ciências exatas fazem não é outra coisa senão ligar o real com uma sintaxe” (Cf. Lacan, 1985a, 380 et. seq.)

3.5

Surpresa e saber

Antes de nos determos no paradoxo trazido por Lacan, o cruzamento da surpresa com a determinação como produção da associação livre, é preciso que levemos em conta sua referência a Theodor Reik no que diz respeito à surpresa.

Nos tempos de Theodor Reik, esse autor poderia dar a surpresa (*uberreichung*) o sinal, a iluminação, o brilho que, no analista designa que ele apreende o inconsciente, que algo se revela que é dessa ordem da experiência subjetiva, daquilo que ocorre repentinamente e por outra parte [...]. Isso é o *uberreichung*. É sobre esse caminho, sobre esse traçado, que ele sabe tudo, ou ao menos que está em seu próprio caminho. (Lacan, 1964/1965, lição de 06 de janeiro de 1965 – tradução livre)

Reik assinala a importância do elemento de descontinuidade decorrente, no processo analítico, de algo que aparece com a força da surpresa. É nesse sentido que Lacan o evoca como interlocutor. O encontro com o material recalado durante a prática da associação livre provocaria tal efeito. O responsável pelo encontro seria, de certa forma, o analista, que aguardaria o que Reik denomina de “espera inconsciente”. A introdução por parte do analista de um saber de ordem inconsciente viria ao encontro dessa espera, culminando em um efeito surpreendente ao paciente. Ao analista caberia, portanto, o papel de tradutor de uma verdade de certa forma já presente no inconsciente, mas à espera de uma interpretação precisa (Cf. Santiago, 2003, p. 21). Haveria aí então uma cumplicidade entre verdade e saber.

Apesar de levar em conta a merecida valorização de Reik por Lacan, o aproximaremos da concepção segundo a qual o material recalado estaria à espera de uma descoberta. Assim, a análise serviria para levantar o véu do recalque que o recobria até então. Tal aproximação, feita de modo um tanto caricatural, talvez tenha como único valor momentâneo o fato de forçar uma divisão possível entre duas posições.

Nesse sentido, a posição de Lacan nos afastaria da possibilidade de ficarmos seduzidos em apagar a dimensão da contingência, fazendo do encontro entre saber e verdade algo sem restos. Lacan faz notar que neste encontro há também um

desencontro essencial, um encontro com algo de não-realizado¹⁷ que, se se aproxima do saber, só poderá ser colocado na perspectiva de um saber sem conhecimento¹⁸.

Isso que retorna e se apresenta como resto de um encontro que não se encaixa receberá alguns nomes para Lacan. Aquele que nos é principal aqui é o tema de nossa própria empreitada: a repetição.

3.6

Descoberta *versus* produção

Anteriormente distinguimos uma referência de Lacan ao tema da surpresa com relação a sua própria posição. Em relação a este ponto, Freud nos relata que:

[...] acontece com extraordinária freqüência ser “recordado” algo que nunca poderia ter sido “esquecido”, porque nunca foi, em ocasião alguma, notado – nunca foi consciente. [...] A convicção que o paciente alcança no decurso de sua análise é inteiramente independente deste tipo de lembrança. (Freud, 1914/1996, p. 164)

Qual o estatuto disso que, ao mesmo tempo em que parece habitar um tempo quase perdido na memória do sujeito, surge com convicção que independe de provas históricas que o confirmem?

Lacan retoma esta pergunta freudiana ao apontar a dimensão da produção na decorrer da análise – o que mais uma vez afasta a noção de algo prévio a ser meramente descoberto.

Tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado por esses fenômenos e é neles que vai procurar o inconsciente. Ali, alguma outra coisa quer se realizar – algo que aparece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade. O que se produz nesta hiância, no sentido pleno do termo *produzir-se*, se apresenta como *um achado*. É assim, de começo, que a exploração freudiana encontra o que se passa no inconsciente. [...] Ora, esse achado, uma vez que ele se apresenta, é um

¹⁷ Lacan, de fato, se utiliza de uma ampla gama de expressões para falar dessa dimensão de “desconcerto” com a qual o sujeito tem a chance de encontrar em uma análise. Fiquemos com algumas coletadas em apenas uma das lições que compõem o *Seminário 11*: não-realizado, não-nascido, zona de larvas, tropeço, desfalecimento, rachadura, centro incógnito, umbigo dos sonhos, descontinuidade, vacilação (Lacan, 1985b, p. 28 et. seq.).

¹⁸ Cf. Lacan, 1967/1968, lição de 17 de janeiro de 1968. Mais uma vez, o ponto cartesiano do *cogito* nos interessa de perto: no momento pontual em que Descartes situa um sujeito cuja única certeza é de que pensa, podemos aparentar esta certeza ao saber sem conhecimento. Instante em que não há garantias de Deus ou do mundo que não a própria existência pelo ato do pensamento, ele nos aproxima do que podemos apreender desse instante fugidio que Lacan chama de não-realizado. Voltaremos a este ponto do encontro com algo da ordem do não-realizado mais ao final deste capítulo.

reachado, e mais ainda, sempre está prestes a escapar de novo, instaurando a dimensão da perda. (Lacan, 1985b, p. 30 – grifos do original)

Lacan se situa, desta forma, próximo à perplexidade testemunhada por Freud diante da descoberta de que muitas vezes o que aparecia durante uma sessão com efeito de verdade era relatado pelo paciente como se já tivesse sido pensado antes, apesar de de fato aparecer também para o próprio como inédito.

Assim, a surpresa na psicanálise de um lado se apresenta com a perspectiva de um achado, um achado de algo que já estava, pois o completamente inapreensível, assim como o puramente aleatório, não teria efeito algum sobre o sujeito¹⁹ – ponto que aqui deixamos assinalado ao qual voltaremos na metade final deste capítulo. De outro lado, ela está ligada a uma temporalidade que se apresenta a Freud, a do *a posteriori*, e da qual ele já nos fala nos símiles de 1895 – como vimos acima e exemplificamos com o fragmento de Emma. A escansão pela via do simbólico é capaz de instaurar uma sucessão feita de cortes em que se coloca um antes e um depois.

É preciso então operacionalizar a noção do que seria a repetição de algo que não está, mas que passa a se apresentar como se sempre tivesse sido. A hipótese é a de que é justamente o cruzamento das marcações significantes com elementos que aparecem de forma aleatória pode resultar em uma produção que circunscreve o que pôde em tal ponto aparecer. Assim, a lembrança ao mesmo tempo em que não pode ser uma qualquer (posto que é preciso que conte com alguma articulação com a cadeia de associações do sujeito), de certa forma independe de uma espécie de selo de autenticidade que seria conferida pela história. Ela é, então, mais fruto da produção de um cruzamento do real com a estrutura que referente à concretude de fatos de uma história. E Lacan não deixa de assinalar que o que vem a se depositar como resultado desse cruzamento altera

¹⁹ Podemos tomar como referência paralela o aparecimento de algo da ordem do estranho. Freud passa longo tempo na introdução de seu escrito sobre o tema na tentativa de demonstrar que o puramente aleatório, o acaso que não despertasse no sujeito nada de já conhecido, não surtiria efeito algum: “De início, abrem-se-nos dois rumos. Podemos descobrir que significado veio a ligar-se à palavra ‘estranho’ no decorrer da sua história; ou podemos reunir todas aquelas propriedades de pessoas, coisas, impressões sensórias, experiências e situações que despertam em nós o sentimento de estranheza, e inferir, então, a natureza desconhecida do estranho a partir de tudo o que esses exemplos têm em comum. Direi, de imediato, que ambos os rumos conduzem ao mesmo resultado: o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar.” (Freud, 1919/1996, p. 238)

não apenas o que sucederá, mas também o que já ocorreu (Cf. Lacan, 1985a, p. 234-235).

Não se trata, segundo as balizas da psicanálise, que o sujeito fale de outra coisa que não de sua narrativa histórica. Entretanto, por esta via, a aposta de Lacan é a de que tal narrativa possa situar o que “o sujeito viveu como historicizado” (Id., 2003, p. 144). Vê-se, portanto, que algo se interpõe à história, organizando-a conforme ditames estruturais²⁰.

A fim de situar como dentre os significantes tem lugar a aparição de algo que responde por esse efeito de surpresa, passemos aos comentários que Lacan empreende a partir de um jogo. Nele se pode entrever com maior clareza como se dá o funcionamento do simbólico e o aparecimento daquilo “[...] pelo que o sujeito se sente ultrapassado, pelo que ele acaba achando ao mesmo tempo mais e menos do que esperava” (Lacan, 1985b, p. 30).

3.7

Do acaso à lei

Podemos recorrer aos esquemas através dos quais Lacan aborda o conto “A carta roubada” de Poe tanto no escrito intitulado “Seminário sobre ‘A carta roubada’”, como no *Seminário 2*. Em ambos, Lacan faz uso do jogo do par ou ímpar, utilizando-o como uma espécie de metáfora da estrutura²¹.

Já nesse momento, Lacan se detém na questão de como uma série aleatória pode, ao mesmo tempo, comportar leis e se apresentar como determinada, o que é intrínseco ao nosso paradoxo. A esta série aleatória Lacan imputa duas marcações, “+” e “-”. Para ressaltar já a incidência do simbólico neste ponto, cabe-nos relembrar brevemente o momento mítico do grito que Freud assinala em seu

²⁰ Nesse sentido, Lacan em seu segundo *Seminário* faz uma distinção entre *memória* e *rememoração*: “Não se deve confundir a *história* onde o sujeito inconsciente se inscreve com sua *memória* – vocábulo do qual não serei o primeiro a fazer-lhes notar o emprego confuso. Pelo contrário, no ponto em que estamos, convém que operemos uma demarcação muito nítida entre a *memória* e a *rememoração*, que é da ordem da história. [...] Não há, em todo caso, nenhuma razão para identificar esta *memória*, propriedade definível da substância viva, com a *rememoração*, agrupamento e sucessão de acontecimentos simbolicamente definidos, puro símbolo a engendrar por sua vez uma sucessão.” (Lacan, 1985a, p. 234 – grifos do original).

²¹ Lacan é explícito na construção dessa abordagem: “O programa que se traça para nós, portanto, é saber como uma linguagem formal determina o sujeito. Mas o interesse de tal programa não é simples, já que supõe que um sujeito só o cumprirá colocando algo de si.” (Lacan, 1998, p. 47)

Projeto. É através daquela experiência suposta que haverá alternância entre duas marcações distintas.

Lacan introduz a série de diferentes formas. Ele recorre, por exemplo, ao aspecto simbólico envolvido no *fort-da*, fazendo notar que Freud aí tem a chance de vislumbrar a incidência da ordem simbólica a partir do desaparecimento e reaparecimento do carretel, o objeto da brincadeira. A modulação de sílabas distintas traz marcas que, a princípio, instauram uma pura diferença pois não carregam nenhum sentido em si; ele surge como produto de sua articulação²².

[...] esse jogo manifesta em seus traços radicais a determinação que o animal humano recebe da ordem simbólica. O homem literalmente dedica seu tempo a desdobrar a alternativa estrutural em que a presença e a ausência retiram uma da outra sua convocação. (Lacan, 1998, p. 51)

Lacan parte do que também nomeia como *aposta primitiva*: “tudo se resume no *to be or not to be*, na escolha entre o que vai ou não sair, no par primordial do mais e do menos.” (Id., 1985a, p. 242). Assim, ele lança mão de uma polaridade básica constituída pelos sinais de “+” e “-”, “[...] de uma série em que está em jogo unicamente a alternativa fundamental da presença e da ausência” (Op. cit., p. 51) a fim de evidenciar de que modo as leis simbólicas podem se fazer presentes numa seqüência escolhida ao acaso. Está presente a articulação de três elementos: os sinais de “+” e de “-” e a própria estrutura que sustenta o jogo e determina o que se pode chamar de ganho ou perda. Lacan ressalta em uma conferência de 1953 que

Para que uma relação assuma seu valor simbólico é preciso haver a mediação de um terceiro personagem que realize, em relação ao sujeito, o elemento transcendente graças ao qual sua relação com o objeto pode ser sustentada a certa distância. (Id., 2005, p. 33)

O terceiro elemento é a própria mediação da ordem simbólica que dá esteio ao jogo. É ele que dá lugar ao jogo, já que funda as escansões pelas quais podem aparecer as jogadas, fornece a grade de leitura dos elementos em questão, sustenta as regras pelas quais o jogo procede e a faz valer para os jogadores.

Abaixo segue uma série constituída de “+” e de “-”, aleatoriamente:

²² A incidência da ordem simbólica já está em questão. Ela se coloca antes da constituição do *fort-da* como marca e é através do *Projeto* de 1895 que Lacan indica estarmos na presença de um aparelho que se regula através do significante: “O *Fort* só pode expressar-se na alternância a partir

- + + + + - - - + - - + - + - + - + - + - - - - + + - + - -

Lacan então determina notações que seguem o aparecimento dos elementos da seguinte forma: para o aparecimento de três sinais seguidos – que ele indica serem simétricos em termos de constância de símbolos (ou seja, há a repetição dos mesmos símbolos) em termos de par e ímpar (+ + +) ou (- - -) o número 1; para o aparecimento de dois sinais semelhantes consecutivos cuja simetria é quebrada pelo aparecimento do ímpar (+ - -, - + +, + + - e - - +), fica-se com a notação 2; e, no caso do aparecimento de sinais intercalados (simetria na alternância): (+ - +, - + -) trata-se da notação 3.

Podemos notar que tanto a série dos “+” e “-” é aleatória quanto os números que estabelecem as notações. A combinação da série dos “+” e “-” junto as notações produz uma série em que aparece o que Lacan determina como possíveis e impossíveis. Este é o resultado do cruzamento.

Segundo o procedimento que Lacan delinea, a saber, o de aplicar para cada combinação uma seqüência com suas notações, passamos a ter essa outra série:

- + + + + - - - + - - + - + - + - + - + - - - - + + - + - -
2 1 1 2 2 1 2 3 2 2 3 3 3 3 3 3 3 3 2 1 1 2 2 2 3 3 2 2

Vejamos o que estamos chamando de delimitação de possíveis e impossíveis: depois de uma seqüência de 3 que tenha começado pelo sinal de “+” não há como colocar uma seqüência de 2 começada pelo sinal de “-”. Uma tríade de “-” (notação 1) só poderá ser precedida das combinações de notação 2 (+ - - e + + -) e da combinação de notação 3 (- + -).

De acordo com a possibilidade de combinações, tal termo poderá ou não aparecer. Então, é como se uma série de notação 2 se *lembresse* que não poderá suceder-se a si mesma (Lacan, 1998, p. 53). O que Lacan chama de “memória interna ao símbolo” (Cf. Id, 1985a, p. 244) é fruto das articulações dos elementos

de uma sincronia fundamental. É a partir dessa sincronia que algo se organiza, algo que o simples jogo do *Fort* e do *Da* não bastaria para constituir.” (Cf. Lacan, 1988, p. 85 et. seq.)

da primeira com a segunda série, que passam a depender de uma lei para se combinarem entre si, isto é, do aleatório combinado a uma série convencionalizada que passa a determiná-lo. Sobre os elementos aleatórios surge, em articulação às notações, uma determinação que faz valer regras para a junção dos “+” e “-”. Lacan dá relevo ao que aparece como uma conjunção entre estes elementos antes aleatórios e indica o surgimento da lei²³.

Dando continuidade a construção do funcionamento das séries, Lacan tece o seguinte desenvolvimento para a terceira série. A conjunção de uma simetria com outra, obtida pelos pares [(1) – (1)], [(3) - (3)], [(1) - (3)], [(3) - (1)] ganha a notação α . Já a de uma dissimetria com outra, obtida unicamente em [(2) - (2)] recebe a notação β . As conjunções cruzadas ficam desta forma: simetria com dissimetria [(1) - (2)], [(3) - (2)] são marcadas com γ e a junção de uma dissimetria com uma simetria fica com a notação δ (Cf. Lacan, 1998, p. 53).

Lacan indica que mesmo que esta segunda notação restabeleça a igualdade de chances combinatórias entre os quatro símbolos, e que eles podem suceder-se livremente entre si, quando se vai determinar em termos de tempo (isto é, a sucessão de lugares em que eles surgem²⁴) suas probabilidades de aparecimento estão, por exemplo, submetidas ao que ele chama de “lei de exclusão”²⁵. Isto é, no terceiro tempo “[...] a partir de um α ou de um δ só se pode obter um α ou um β , e que a partir de um β ou de um γ só se pode obter um γ ou um δ ” (Ibid., p. 54). Desta forma, Lacan demonstra a passagem de uma série não determinada, feita ao acaso, à outra, sua dependente, que, por sua vez, é regulada por leis.

Qualquer coisa de real sempre pode sair. Porém, uma vez constituída a cadeia simbólica, a partir do momento em que vocês introduzem, sob forma de unidades

²³ E ainda, no *Seminário 4*: “O símbolo, na medida em que é mais, supõe o menos. O símbolo, na medida em que é menos, supõe o mais. [...] é na medida em que o símbolo encerra essa ambigüidade que surge o que chamo a lei.” (Lacan, 1995, p. 240)

²⁴ Interessante notar uma observação de Lacan quando ele, ainda neste texto, tece seus comentários sobre o conto de Poe. Tomando as cenas de acordo com os lugares que ocupam seus personagens e que determinam suas ações, Lacan também depreende dessas ações um desdobramento temporal, assinalando uma referência a seu escrito “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada”, publicado nos *Escritos* (Lacan, 1998): “A partir daí [do roubo da carta endereçada a Rainha pelo Ministro] tudo se desenrola como um relógio” (p. 15); e ainda “Três tempos, portanto, ordenando três olhares, sustentados por três sujeitos, alternadamente encarnados por pessoas diferentes.” (p. 17).

²⁵ Lacan retoma de outra forma esta conclusão em seu quarto *Seminário*: “[...] o mínimo surgimento da grafia faz surgir ao mesmo tempo a ortografia, isto é, o possível controle de um erro. É por isso que se constrói este exemplo. Ele demonstra a vocês que, desde o surgimento mais elementar do significante, surge a lei [...]”. (Lacan, 1995, p. 243)

de sucessão, determinada unidade significativa, não pode mais sair qualquer coisa. (Id., 1985a, p. 243)

Lacan faz desse um esquema de leitura para o que está em questão na cadeia significante apontada por Freud em seus símiles. Tais cadeias se organizam de acordo com uma sintaxe sustentada pela ordem simbólica que deixa entrever nela as conjunções possíveis e impossíveis. Esta ordenação não deixa de fazer valer também a articulação ao núcleo traumático. É de acordo com a sucessão aí empreendida que as fraturas do discurso aparecerão em determinados pontos e não de forma aleatória.

3.8

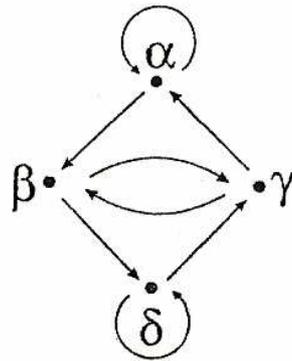
Os possíveis e impossíveis da estrutura

A fim de destacar as possibilidades das leis que se desenham a partir das notações adotadas por Lacan, Miller retoma o mesmo procedimento estabelecido por ele, o de desenhar em um grafo as possibilidades que as leis delineiam. Para tanto, ele retoma de maneira simplificada o esquema de Lacan²⁶, marcando as notações da seguinte forma:

++ α
 +- β
 -+ γ
 -- δ

O grafo abaixo ressalta todas as possibilidades em termos de combinação que podem ser constituídas a partir destas notações. Ele demonstra as seqüências autorizadas e que necessariamente se darão.

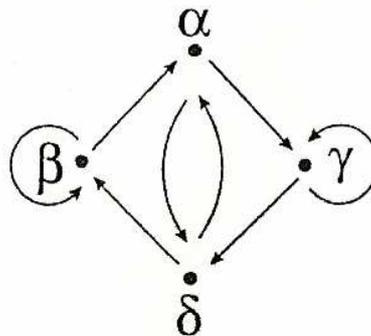
²⁶ Trata-se do esquema que consta no final do escrito de Lacan sobre o conto de Poe, cf. Lacan, 1998, p. 61-62. Ficaremos com a versão de Miller no sentido de assinalar o que nos parece essencial ao nosso percurso.



Temos então a possibilidade de que α se repita indefinidamente. A ele, pode suceder apenas β , começado pelo mesmo sinal que finaliza α . β não se repete, só pode ser seguido por γ ou δ . δ por sua vez precede apenas γ , e este pode aparecer antes de α .

O que era até então puramente aleatório, depois dessa aplicação, passa a comportar leis de funcionamento e ganha impossíveis. Assim, a montagem demonstra como o cruzamento dessa estrutura de notações com o que aparece de forma desordenada estabelece uma seqüência que comporta possibilidades e impossibilidades²⁷.

Abaixo se encontra o grafo que desenha as combinações impossíveis:



Algumas combinações não podem ocorrer. Com a interposição destas notações, há uma sintaxe que passa a determinar as escritas possíveis e impossíveis, combinações que necessitam de um termo entre elas para que

²⁷ O que Miller assinala como “[...] a emergência do impossível a partir do acaso” (Miller, 1998, p. 64).

ocorram. Por exemplo, entre α e δ é preciso que haja um β . Essas escritas impossíveis se colocam à rede significante e são contornadas²⁸.

O que Lacan salienta com esse esquema é a ordenação de uma certa escrita que a dimensão do símbolo inscreve. Como dissemos acima, a estrutura que Lacan delinea é a de uma ordem onde os elementos são articuláveis. Eles, porém, não deixam de demonstrar a presença do que lhes é heteróclito. Na sincronia, ou seja, no eixo da escolha do elemento que ocupará determinado lugar da cadeia, o elemento que se coloca como possível não extirpa o que se coloca como impossível. O que aparece sob forma de impossível não é propriamente mais um elemento, mas uma espécie de zona de sombra, zona do que restou da incidência de uma ordenação sobre a série antes aleatória.

A escrita possível demarca o que é impossível, que não deixa de se apresentar conforme outro estatuto. Nesse sentido, podemos recorrer ao que já entrevemos antes como não-realizado, como indica Lacan no *Seminário 11*.

Essa dimensão do não-realizado não aparece na série oficial pois “[...] é na medida em que o símbolo encerra essa ambigüidade que surge o que chamo a lei”²⁹ – ambigüidade que se coloca antes da conjunção da série aleatória com a estrutura, isto é, a das notações. E um dos primeiros nomes pelos quais Lacan nomeia o que não cabe na série determinada pela lei, mas que ao mesmo tempo nela se apresenta é o *caput mortuum*, o significante impossível (Lacan, 1995, p. 241).

[...] Lacan chama de *caput mortuum* do significante, isto é, sua cabeça de morto, sua caveira, o osso dessa máquina significante, o resíduo impossível do funcionamento da repetição. É como se o grafo inverso escrevesse aquilo que evita sempre a repetição, como se aquilo que se repetisse, de mais importante, fosse a evitação. (Miller, 1998, p. 65)

²⁸ Poderíamos dizer, por exemplo, que elas são contornadas através dos mecanismos de deslocamento e condensação que Freud aponta na *Interpretação dos sonhos* – Lacan irá retomá-los através das figuras de linguagem metonímia e metáfora, respectivamente. Há um grande número de análises freudianas tanto dos sonhos quanto dos atos falhos em que o que aparece de forma figurada ou como erro é uma espécie de produto da cadeia associativa entre o que era possível de se dizer (ou seja, que não ofereceria risco à coesão egóica) e o que aparecia como impossível. É o que Lacan chama de formação do inconsciente.

²⁹ Não se trata de uma ordem que tenha a ver com algo moral, mas do ordenamento da escrita do símbolo. É a inscrição desta ordem que constitui a experiência humana. Na confusão das vivências, como se daria o corte entre passado, presente e futuro senão de acordo com a ordem simbólica? “[...] o significante é realmente organizador de algo inerente à memória humana.” (Lacan, 1995, p. 241) O que Lacan delimita como escrita impossível é o ponto cego que não está isento da estrutura, mas que aparece nela de acordo com outro estatuto.

Com este esquema de Lacan nossa tentativa foi a de demonstrar, de um lado, o surgimento do símbolo e, concomitante a ele, o surgimento das leis que o regulam e que indicam as possibilidades e impossibilidades de sua escrita. É neste sentido que Lacan ressalta que “[...] a ordem simbólica como distinta do real entra no real como uma relha de arado, nele introduzindo uma dimensão original” (Lacan, op. cit., p. 243). Dimensão que origina tanto a experiência da linguagem como aquilo que nela aparece como zona de sombra, de não-realizado, posto que não entra na ordem do que pode ser tomado como ôntico.

Essa dimensão original não deixa de incluir o que Lacan pontua como *caput mortuum*. É do encontro da ordem significante com o que não pode ser nela apreendido totalmente que advém o que se pode nomear como significante impossível ou algo não-realizado.

A repetição nos convoca a interrogar o estatuto do que se apresenta por meio da estrutura organizada por leis, mas, ao mesmo tempo, não captada por elas. Qual estatuto disso que insistentemente retorna dando notícias do que resta desta operação? Conforme nosso primeiro capítulo, podemos aproximar o que Freud situa como núcleo patogênico, ao qual aproximamos também os nomes do trauma e do sexual, com isso que se inscreve na cadeia associativa de forma paradoxal. Importante situar também a constituição tanto da série possível como daquilo que se presentifica nela como seu avesso, seu resto de forma concomitante – o que embarga a hipótese do inconsciente como baú de instintos primais.

Aproximamos o inconsciente disso que desponta como resto, como sombra, sobra do que a cadeia associativa não comporta. Assim, a série possível se aproxima da cadeia associativa freudiana, aquela em que há uma linearidade causal clara a ser inferida para cada acontecimento, por exemplo. Entretanto, se o analista intervém, como aconselha Freud ao indicar que apenas em relação ao núcleo patogênico haveria mudança no sintoma³⁰, justamente levando em conta o que aparece como paradoxal, é preciso visar o que assombra a série. É em direção a isso que vamos, acompanhados pelo conceito de repetição.

Pois não pretendemos, com nossos α , β , χ e δ , extrair do real mais do que supusemos em seu dado, isto é, aqui, nada, porém apenas demonstrar que eles lhe trazem uma sintaxe unicamente para, desse real, já fazer acaso. Com isso adiantamos que não é de outro lugar que provêm os efeitos de repetição a que

³⁰ E, acrescentamos, no quadro clínico.

Freud chama automatismo. Mas nossos α , β , χ e δ *não são* sem que um sujeito se lembre deles, objetam-nos. – É exatamente isso que está em questão sob nossa pena: mais do que nada do real, que nos creiamos no dever de supor nele, é justamente *daquilo que não era* que provém o que se repete. (Lacan, 1998, p. 48 – grifos do original)

3.9

O real como ruptura

A fim colocar nosso foco no que assombra a série, vamos nos deter no registro do real, que encarna justamente aquilo que o simbólico não poderá abarcar de forma plena, mas com o qual tece uma articulação, como veremos adiante.

Lacan indica duas fórmulas para o real. Há tanto a indicação do real como impossível (Cf., por exemplo, Lacan, 2005, p. 90; Id., 1965/1966, lição de 5 de janeiro de 1966), o que vem rompendo com o pré-estabelecido, o que foge, a pura dispersão. E Lacan, no *Seminário 11* indica, a primeira vista, algo que se oporia a isso: o real é aquilo que retorna sempre no mesmo lugar.³¹

Um pensamento adequado enquanto pensamento, no nível em que estamos, evita sempre – ainda que para se reencontrar em tudo – a mesma coisa. O real é aqui o que retorna sempre ao mesmo lugar [...]. (Lacan, 1985b, p. 52)

Estas definições parecem contraditórias e retomam o paradoxo que estamos tentando desenhar desde o começo – qual lugar para o acaso frente a determinação da estrutura? Estamos na tentativa de fazê-las coexistir para demonstrar que na experiência da análise as determinações não precisam escravizar o sujeito, tampouco tudo o que lhe ocorra como potencialmente traumático necessariamente resultará em trauma. Assim ganharemos independência da concepção de análise segundo a qual filho de peixe, peixinho é, por exemplo. E conquistaremos um distanciamento útil das noções segundo as quais um acontecimento reconhecidamente traumático pela cultura arrolará uma série de vítimas que padeçam de seus efeitos da mesma forma – é o que veiculam os que crêem em

³¹ De fato, Lacan já sustentava essa tese desde o início de seu ensino: “O sentido que o homem sempre deu ao real é o seguinte – é algo que se reencontra no mesmo lugar, quer não tenha estado aí, quer tenha estado. Talvez este real se tenha movido, mas neste caso, a gente o procura em outro lugar, procura por que ele foi demovido, a gente também pensa que, por vezes, ele possa ter movido seu próprio movimento. Mas ele está sempre justo em seu lugar, quer estejamos lá, quer não estejamos lá.” (Lacan, 1985a, p. 370)

tratamentos do mesmo tipo para quadros pós-traumáticos. Seguimos, portanto, tentando salvaguardar um lugar para que um filho reconheça as marcas paternas, mas delas possa se apropriar de forma singular, assim como para que alguém possa reagir de acordo com os nomes de seu percurso significante para seu trauma que não apenas do lugar de vítima.

O encontro com o real só poderá se dar como experiência de ruptura, pois o sujeito encontra-se diante do que não cabe em um lugar na cadeia, mas que aponta para um sem sentido que restou do cruzamento do mais aleatório com a estrutura. Assim, isso o divide, já que o que aí se apresenta é o que coloca a própria cadeia associativa em suspensão. O sujeito, então, se depara com algo paradoxal a partir do que a própria idéia de um eu fenece. Tal experiência do que se constitui e constituiu o próprio sujeito como traço na cadeia, portanto, não remete a um fundo de uma totalidade original.

É este o modo de apreensão por excelência que comanda o novo deciframento que demos das relações do sujeito com o que faz sua condição. (Lacan, 1998, p. 56)

De um lado, há um tipo de encontro com o que se apresenta como possível na cadeia, do que é possível reter como lembrança posto que está disponível na cadeia associativa e não deixa de produzir efeitos em uma análise. E, de outro, o encontro com uma presença paradoxal, que se apresenta na cadeia, mas que se choca ao já estabelecido. Sua presença pode remodelar a cadeia justamente por veicular uma causalidade outra que não a consciente e que dá lugar ao sujeito e seu desejo, como vimos no caso de Emma anteriormente. Narrando as duas cenas, ela pôde se deparar com o sem sentido que habita a cadeia – no caso, o sexual que decorre do beliscão do proprietário da loja ao qual ela responde tanto voltando à própria, quanto com seu sintoma de fobia a entrar em lojas, o que demonstra o sem sentido que também a habita.

O que não pode se apresentar só tem consistência como avesso daquilo que se coloca na cadeia. A cada vez que se encontra o mesmo significante, a cada vez que a repetição aparece como sempre a mesma, ao lado dela há um viés da repetição como sempre diferente, posto que o que garante que se tome dois fenômenos como iguais é o significante que os nomeia. E o que está em questão neste outro aspecto da repetição, o que está para além da insistência dos

significantes, é justamente o que não entra na cadeia significativa (Fink, 1997, p. 239).

O real é então repetição, ele não é ruptura da cadeia, mas aquilo que na própria cadeia apresenta-se como o que escapa dela. Algo disso pode eventualmente se materializar, fazendo efração na montagem significativa³².

Mas, presença assim como ausência conotam ausência ou presença possíveis. Logo que o próprio sujeito chega ao ser, ele o deve a um certo não-ser sobre o qual ele ergue seu ser. E se ele não é, se ele não é algo, é que ele testemunha, evidentemente de alguma ausência, mas ele permanecerá sempre devedor desta ausência, quero dizer que ele terá de dar prova disto, na falta de dar prova da presença. (Lacan, 1985b, p. 242)

Nesse sentido, é preciso atentar para o que desse lado mais avesso entra na narrativa dos acontecimentos. A cada ocorrência das combinações previstas, uma outra montagem vai se decalcando em negativo àquela³³. Essa é a idéia do sonho, do ato falho, a idéia de um achado³⁴.

Também no *Seminário 11*, como já assinalamos, Lacan situa esse encontro com o que está para além e para aquém da cadeia significativa. Trata-se de um encontro que não desvela simplesmente uma memória, um segredo guardado, mas que aponta ao que se produz no mesmo momento em que é desvelado; trata-se de um re-achado. Como veremos no próximo capítulo, situa-se uma espécie de volta em torno de um mesmo nó, sempre re-achado para ser novamente perdido na

³² Podemos aqui recorrer ao *Seminário 2*, em que Lacan explicita a idéia a partir do sonho de Irma, assim como da “descoberta puramente suposta, reconstruída, da cena primitiva” (Lacan, 1985a, p. 222) do homem dos lobos, em que haveria um encontro para além e para aquém das determinações puramente simbólicas, o que estamos chamando de efeito de efração na montagem significativa. “Há aí como que uma revelação única e decisiva do sujeito, onde se concentra um não sei quê de indizível, onde o sujeito, por um instante, está perdido, estilhaçado.” (Ibid., p. 223). Ele situa esse encontro no plano imaginário como sendo “[...] a própria imagem da deslocação, do rasgamento essencial do sujeito. O sujeito passa para além desta vidraça onde sempre vê, amalgamada, sua própria imagem. É a cessação de qualquer interposição entre o sujeito e o mundo. Tem-se a impressão de que há passagem para uma espécie de a-lógica, e é justamente aí que começa o problema, pois vemos que não estamos aí não.” (Ibid., p. 223-224).

³³ Também nesse sentido, podemos atentar à seguinte passagem dos *Escritos*: “Pois o significativo é unidade por ser único, não sendo, por natureza, senão símbolo de uma ausência. E é por isso que não podemos dizer da carta/letra roubada que, à semelhança de outros objetos, ela deva estar *ou* não estar em algum lugar, mas sim que, diferentemente deles, ela estará *e* não estará onde estiver, onde quer que vá.” (Lacan, 1998, p. 27 – grifos do original)

³⁴ Na conferência “O simbólico, o imaginário e o real”, de 1953, Lacan nos remete a uma noção similar com respeito aos sintomas: “afinal de contas, a noção que temos do neurótico é que em seus próprios sintomas jaz uma fala amordaçada, em que se exprime um certo número, digamos, de transgressões a determinada ordem, que, por si próprias, anunciam a ordem negativa na qual se inscreveram.” (Lacan, 2005, p. 27-28). Não se trataria de liberar o sujeito da tal “fala amordaçada”, mas reler esta expressão a luz da continuação da própria frase. Nela Lacan indica a inscrição desta ordem negativa, que estamos chamando de avessa, da qual o sujeito traz a marca.

dimensão da repetição. Ao mesmo tempo, esse encontro, sempre fugidio, sempre contando com uma temporalidade de pulsação que se abre e se fecha, é também momento em que resta uma perda.

Se essa outra montagem parasita a primeira, não se pode dizer que suas existências sejam equivalentes, a ponto de Lacan chamar esta outra montagem, como vimos, de *caput mortuum*³⁵.

O real, portanto, não é algo fora da cadeia, mas se inscreve nela como seu avesso. Não lhe convêm leis próprias; suas aparições são, portanto, coordenadas pelas regras da escrita da vida do sujeito.

Podemos dizer então que a conjunção da estrutura com o real, como na articulação da série dos “+” e “-”, produz uma montagem, uma sintaxe de acordo com a qual o aparecimento do real introduz-se em lugares determinados, e não em qualquer um. Tal montagem não deixa de responder pelo que engendra a repetição.

Podemos ter em paralelo os esquema dos “+” e “-” e a realidade. O que se decalca da articulação e que cria a junção entre estrutura e real aparece de forma mais indefinida e nebulosa; dali provém as formações do inconsciente, que contém mais real que a realidade.

O homem se acha metido, seu ser todo, na procissão dos números, num primitivo simbolismo que se distingue das representações imaginárias. É no meio disto que algo do homem tem de fazer-se reconhecer. Mas o que tem de fazer-se reconhecer não está expresso, nos ensina Freud, porém recalçado. O que numa máquina não advém a tempo, cai simplesmente e não reivindica nada. Não é a mesma coisa no homem, a escansão está viva e o que não adveio a tempo permanece suspenso. É disto que se trata no recalque. Decerto, algo que não é expresso não existe. Mas o recalçado está sempre aí, insistindo e pedindo para ser. A relação fundamental do homem com esta ordem simbólica é muito exatamente aquela que fundamenta a própria ordem simbólica – a relação de ser com ser. (Lacan, 1985a, p. 383-384)

O valor clínico que esse esquema nos traz é tanto o de pontuar, a partir do caso a caso, uma espécie de matriz para cada sujeito de onde se decalcam esses pontos mais próximos ao que surge como não realizado. E o que o não aparece

³⁵ Como veremos no próximo capítulo, no *Seminário 11* essa dimensão ganhará uma face objetual, encarnada. Trata-se da conceituação do objeto *a*.

como rememorado e que se situa mais próximo a essa zona nebulosa só poderá ser construído³⁶.

No próximo capítulo, intentaremos abordar o que se coloca como impossível de representação através do símbolo pela estrutura. Para tanto, utilizaremos algumas encarnações paradoxais deste impossível, tais como dois sonhos, o da injeção de Irma e aquele conhecido como “Pai, não vês que estou queimando”, assim como os comentários de Lacan acerca de *das Ding* e sua conceituação do objeto *a*.

³⁶ De fato, como já vimos, Freud, em “Recordar, repetir e elaborar” situa dois tipos de lembrança que vem a tona no tratamento e que carregam uma diferença paradoxal que nos remete a esta a qual aqui nos detemos. Sem tomá-las como uma oposição, ele fala de uma lembrança cuja retomada para o paciente o faz ter a sensação de que nunca poderia ter esquecido tal fato, ele esteve sempre presente. O modo como Freud recolhe essa evidência da boca dos pacientes é exemplificada pela frase: “Em verdade, sempre o soube; apenas nunca pensei nisso” (Freud, 1914/1996, p. 164). Já para outro tipo de fenômenos que podem ocorrer em uma análise, e que Freud relaciona a outros grupos de processos psíquicos, tais como “fantasias, processos de referência, impulsos emocionais, vinculações de pensamento” (Loc. cit.), ele indica que estas não poderiam ter sido de fato lembradas porque tais lembranças nunca, de fato, ocorreram.

Encarnações do impossível

Ocorre em cada pulsação de teu sangue.
Não há um instante que não possa ser a cratera do Inferno.
Não há um instante que não possa ser a água do Paraíso.
Não há um instante que não esteja carregado como uma arma.
J. L. Borges¹

Sob a pena de Borges retomamos nosso trajeto. Seguimos na tentativa de dar lugar para o que o mesmo da repetição pode apontar. Podemos ler os instantes dos quais fala Borges como os significantes de Lacan. Nos significantes aos quais o sujeito está como que condenado a viver a repetição, há a chance, na experiência de uma análise, de que eles revelem o real ali constricto, tomando de assalto o sujeito, atingindo-o naquilo que ele carrega de mais pulsante, de céu e de inferno.

Esta revelação, como vimos no capítulo anterior, tem uma face de (re)achado que, ao mesmo tempo, comporta uma perda. No mesmo ato em que se aponta o real, ele é apenas contornado pela repetição, que zela também por visá-lo, mas não encontrá-lo. Trata-se, portanto, de uma presença sempre a ser contornada e perdida pela repetição.

É sobre esse norte que estamos tentando mover nossa bússola desde o primeiro capítulo, a partir dos símiles freudianos que aparecem em 1895. O que Freud chama de núcleo patogênico, além de organizar as lembranças e imputar um ritmo ziguezagueante aos fios lógicos (que aproximamos das cadeias de significantes), assinala uma espécie de limite do que poderia ser narrado como lembrança. Sem lembranças que dêem conta deste núcleo, as narrativas estão destinadas a circundá-lo, posto que se trata de uma perda que, como veremos, remete o sujeito a seu próprio lugar no Outro.

Para entrar na cultura, foi preciso que se deixasse um resto. Este, no entanto, não deixa de parasitar as cadeias, posto que esse resto está destinado a evocar o

¹ Borges, 1985, p. 15.

própria condição do simbólico, sua própria impossibilidade de tudo representar. Ou seja, como veremos adiante com o objeto *a*, Lacan inscreverá esse resto com uma pergunta do sujeito ao Outro. É isso que não pode ser tomado como significante que formará uma espécie de rede, de encadeamento entre os fios lógicos, conforme a aproximação e o distanciamento em que se situem junto ao núcleo patogênico.

Tal centro vai dando mostras de sua insistência. Ele demonstra uma impossibilidade de conformação à estrutura, mas seu retorno se dá de formas paradoxais. É para esta insistência que Freud aponta nesta passagem, valendo-se da noção de *compulsão a repetição*, uma de suas faces, para abordá-la:

Pois é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma ‘compulsão à repetição’, procedente dos impulsos instintuais e provavelmente inerente a própria natureza dos instintos – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco, e ainda muito claramente expressa nos impulsos das crianças pequenas; uma compulsão que é responsável, também, por uma parte do rumo tomado pelas análises de pacientes neuróticos. Todas essas considerações preparam-nos para a descoberta de que o que quer que nos lembre esta íntima compulsão à repetição é percebido com estranho. (Freud, 1919/1996, p. 256)

Estamos lidando com o que é impossível de ser completamente colonizado. Nesse sentindo, os desafios clínicos do psicanalista sempre serão novos. As conformações sintomáticas sempre serão novidade para o campo psicanalítico, posto que seu objeto por excelência é o que se depreende como incontornável pela ordem simbólica. Trata-se de uma falácia achar que hoje em dia lidamos com um real mais real, um real encarnado de forma mais “viva”, dado que ele nunca poderá se encarnar desatrelado de um aparato significante.

Nos sonhos traumáticos o que está em questão parece ser justamente a encarnação deste centro relativamente desacompanhado dos mecanismos de condensação e deslocamento. Segundo estes mecanismos, poderíamos compreender tais encarnações como formações do inconsciente: atos falhos, sonhos comuns, sintomas histéricos mais “clássicos”, entre outros. Colocando à prova este fenômeno juntamente com as conceituações com as quais se poderia lê-lo até 1920, algo de novo surge na teorização de Freud, segundo testemunhamos no final de nosso primeiro capítulo. Entra em cena a concepção da pulsão de

morte, orientada para aquilo que do sujeito não persegue o prazer tal como apreendido através do pareamento do princípio do prazer e o da realidade.

No segundo capítulo, tratamos de abordar junto à série dos “+” e dos “-” conjugada a das notações como se dá a articulação da cadeia significante. A junção destas duas séries resulta em uma terceira, que norteia as aparições dos “+” e dos “-” a partir de possibilidades e impossibilidades verificadas pelas notações. O que era, assim, escrita aleatória, ganhou uma sintaxe. Com Lacan, aproximamos esta série resultante da cadeia associativa. Algo continua permeando, entretanto, a cadeia. Isso aparece sob algumas formas, tanto a das formações do inconsciente, quanto de formas mais paradoxais, como vimos.

Chamamos isso que parasita a cadeia por alguns nomes em nosso texto: traumático, sexual, e agora o tocaremos pelo nome de real, que não deixa de se presentificar na obra de Freud desde o começo – o umbigo do sonho, por exemplo². Entretanto, o que antes parecia constituir um limite, uma barreira por não poder ser tomado como representação, nem deslocada nem substitutiva, vai se colocando de forma cada vez mais cerrada na experiência freudiana. Da natureza disso que se apresenta e que não se dá conforme uma estrutura representativa, mas que aponta para um limite da própria representação, só temos o fato de que se trata de algo incontornável e que, conforme o lastro de seu tempo, tende a se apresentar conforme diferentes montagens. E é sobre tal gume que aportaremos neste momento.

4.1

Um sonho freudiano

Na tentativa de circunscrever o viés real da repetição, podemos nos deter em um sonho do próprio Freud, objeto de comentário de Lacan no *Seminário 2*. Trata-se do sonho que Freud teve com uma de suas pacientes, Irma. Não nos interessa interrogar todos os elementos tratados pela interpretação do próprio Freud e pelo comentário de Lacan, mas entrever o que no sonho se dá a mostrar como presença

² “Num sonho, diz Freud, há sempre um ponto absolutamente não apreensível, do âmbito do desconhecido – ele denomina isto umbigo do sonho. [...] Isso significa que há no fenômeno um ponto que não é apreensível, o ponto de surgimento da relação do sujeito com o simbólico.” (Lacan, 1985a, p. 138)

fulgurante e ao mesmo tempo aterradora do que Lacan compreende como sendo do registro do real.

Em linhas gerais, Freud nos fornece a seguinte narrativa de seu sonho: em uma recepção por ele oferecida, sua paciente Irma, também amiga da família, comparece e logo ele a repreende por não aceitar ainda o que lhe oferecera como solução. Irma é uma paciente renitente com a qual Freud acha-se em certa dificuldade. Apesar de nesta época ainda crer que ou bem o paciente aceitava o que ele impunha e assim o tratamento caminharia, ou bem ele deveria ser sumariamente culpado pelo fracasso de seu tratamento, Freud se atém neste sonho a algo que vai além da concordância. Acha-se ali a questão de quem seria o culpado de um tratamento não completamente bem-sucedido – esta que lançou Freud no sonho em que ele acaba por se revolver entre a culpa e a desculpa. Há também a pergunta sobre a solução³ por ele proposta e, segundo Lacan, sobre seu próprio desejo acerca da psicanálise.

Depois de falar a Freud sobre as dores que ainda sente e sua sensação de sufocamento, Irma é examinada. Freud então pede que abra a boca para um rápido exame. Dela, imagem atroz:

[...] a carne que jamais se vê, o fundo das coisas, o avesso da face, do rosto, os secretados por excelência, a carne da qual tudo sai, até mesmo o íntimo do mistério, a carne, dado que é sofredora, informe, que sua própria forma é algo que provoca angústia. Visão de angústia, identificação de angústia, última revelação do *és isto – és isto, que é o mais longínquo de ti, isto que é o mais informe*. (Lacan, 1985a, p. 198 – grifos do original)

Lacan assinala que neste ponto pode-se constatar um limite das representações. Esta imagem, pois, condensa o que se dá a tratar e o que resiste, o curável e o que se desprende dele como incurável. Condensa a associação sobre uma possível morte da filha de Freud e sua substituição, para Freud, de uma paciente que tratava nesta época e que tinha morrido da mesma doença de sua filha; condensa ainda sua própria morte, posto que operado por Fliess pouco antes na região nasal. Diz respeito também à resistência do feminino, que está narrada no próprio sonho e que evoca sua mulher, que também resiste, e uma paciente que paradoxalmente não resistiria tanto, mas que nem chega a pedir-lhe tratamento.

³ *Lösung*, termo que, segundo Lacan, quer dizer tanto solução injetável quanto solução de um conflito (Lacan, 1985a, p. 192).

Nesta imagem, então, encontra-se “[...] algo diante do que todas as palavras estacam e todas as categorias fracassam” (Ibid., p. 209).

A partir desse ponto de culminância no sonho, o idealizado dr. M., o camarada Otto e seu colega, Leopold, são chamados por Freud para ajudá-lo. E Lacan assinala que Freud, ao mesmo tempo em que não acorda ao se deparar com a boca de Irma porque é um “durão”, nesse ponto recorre a seus pares que vêm em seu socorro. Ao final, eles acabam não sendo de muita serventia (Lacan, 1985a, p. 198). A conversa entre eles não leva a nenhuma solução determinante. A hipótese é que Otto é o culpado por ter injetado na paciente uma dose de *trimetilamina* com uma seringa suja. A fórmula da substância aparece a Freud com especial importância:

Vi a fórmula química dessa substância em meu sonho, o que testemunha um grande esforço por parte de minha memória. Além disso, a fórmula estava impressa em negrito, como se tivesse havido um desejo de dar ênfase a alguma parte do contexto como algo de importância muito especial. (Freud, 1900/1996, p. 150)

Esta fórmula tem, assim, valor crucial. Através dela, lembra-se do amigo Fliess, para quem “[...] a trimetilamina desempenha um papel a propósito dos produtos de decomposição das substâncias sexuais” (Lacan, op. cit., p. 201). A fórmula traz a tona o sexual, ponto chave na teorização de Freud, ponto por onde as fissuras das representações e da ordem simbólica se revelam.

A fórmula da trimetilamina não traz à tona a solução, mas engendra outra fórmula: “Não há outra palavra, outra solução ao problema de vocês, senão a palavra”. (Ibid., p. 202) É por ela, por achar-se atada ao que há de incurável no sujeito, é que se pode produzir alguma solução que leve este incurável em conta. Então, não é reunindo-se com aqueles que saberiam que destino dar ao problema (M., Otto e Leopold) que Freud, no sonho, chega a algum lugar. Podemos dizer que a solução para o incurável de Freud, através desta fórmula que se ata à boca aberta de Irma, foi a própria psicanálise.

Com este fragmento de Freud, quisemos dar um pouco mais de presença a esse ponto cuja representação aponta para um limite inassimilável do simbólico. A boca de Irma indica uma espécie de ponto de condensação associativa que interessa menos por poder apontar para novas associações que por trazer uma corporeidade a este ponto. Como no caso de Emma, que vimos nos segundo capítulo, as cadeias associativas que Freud percorre ao falar do sonho têm seu

valor menos por veicularem uma explicação que por situarem um lugar ao sem sentido – o próprio desejo de Freud de enveredar-se pela psicanálise, neste caso.

4.2

A realidade e seu avesso

Com o sonho de Irma, pudemos nos aproximar do que se dá como uma espécie de ponto nodal da própria imagem, ponto em que há uma espécie de limite das representações. Trata-se da imagem da boca de Irma, que concentra com o que de incurável Freud encontra em seus pacientes, o quinhão de resistência, sua culpa e desejo em lidar com o além do somático, domínio para o qual, como atesta a conversa com seus colegas, não havia resposta única nem pronta, mas apenas uma indicação que se colocou, aquela que vem com a fórmula da trimetilamina. No sonho, de fato, como vimos no capítulo um, pode se presentificar o umbigo do sonho, o que Freud chama de “[...] ponto de contato com o desconhecido” (Freud, 1900/1996, p. 145).

Com esta denominação freudiana, aproveitamos para fazer uma espécie de retrospecto dos nomes que usamos para denominar aquilo de que estamos tratando: de um lado a cadeia associativa, de outro seu núcleo patogênico; ou ainda, por um lado o significante e, por outro o sexual; ou ainda rede significante e trauma; determinação e surpresa; o mesmo e o não realizado. Não são simples pares de oposições, mas, como vimos ocorrer com a série dos “+” e “-”, de um encontro que engendra o que se apresentará como impossível. Um encontro de duas ordens distintas, a série aleatória (já transformada nestes sinais binários, “+” e “-”, por uma intervenção simbólica) com a arbitrária, que inscreve as combinações que poderão ocorrer. Algo resta desse encontro e Lacan, quando traz o conceito de repetição, aponta para este resto. Entretanto, como não se trata de algo ôntico, de algo que possa ser definido e delimitado como ente, a condição para que se coloque na cena, como alerta Zizek, é que seja olhada de viés, de soslaio (Zizek, 1998, p. 11). Com um olhar objetivo, só é possível pôr em foco entes com tamanho que se pode medir, cores que se podem definir, delimitações sobre suas utilidades, entre outras características. Estas acompanharão o que se coloca como no domínio da representação para o aparelho psíquico. Entretanto, estamos na dimensão daquilo que, ao mesmo tempo em que dá mostras de sua existência, não pode ser tido como uma representação a mais.

Para nos aproximarmos mais desse não realizado, que não se traduz ou se dá a olhar de forma fácil, vamos nos deter no que Lacan conceitua como *autômaton* e *tiquê*. Lacan justamente utilizará estes dois nomes para indicar o que se encontra em questão na repetição. Tais termos são extraídos da *Física* de Aristóteles, que os utiliza principalmente no que concerne a questão da causa. Eles são preciosos justamente por destacarem tanto o aspecto do mesmo que a repetição engendra, quanto o encontro surpreendente, que também poderá se valer dela, como veremos.

Lacan indica que o *autômaton* é regido pela insistência de alguns significantes na cadeia. Ele o assinala como “retorno”, “volta da insistência dos signos” (Lacan, 1985b, p. 56). É na rede de significantes que, como vimos no capítulo anterior com a série dos “+” e dos “-” e seus grafos, estão desenhadas as possibilidades e impossibilidades. Através da rede, o sujeito é levado a se deparar com os mesmos significantes pelos quais é comandado a partir do princípio do prazer⁴. “[...] é a própria estrutura da rede que implica os retornos.” (Ibid., p. 69).

A *tiquê* comportaria um encontro de ordem mais radical. Para cernir o que está em jogo na *tiquê*, Lacan afirma que o que nela se produz se dá sempre “como por acaso” (Ibid., p. 56). Se o que se pode encontrar na repetição é da ordem de algo que não se introduz propriamente como significante, mas através dele, ele tende a aparecer como encontro furtivo.

Na cadeia associativa, como vimos no primeiro capítulo, determinados pontos estão mais em contato com o núcleo patogênico, palavras que servem mais como marcas para o sujeito, em contato com esse inassimilável trazido pelo núcleo patogênico. Não são todas as palavras que se abrem como possibilidade de encontro com o sem sentido, mas algumas que inscreveram o sujeito como objeto dos ditos do Outro, marcando apenas um depois de sua entrada forçada na linguagem, posto que o antes é mítico e só poderá ser suposto. Tais pontos guiam uma forma de estar no mundo e condensam tantas associações que são mais

⁴ Princípio de prazer que atua como “[...] princípio de regulação que permite inscrever, num sistema coerente de formulações simbólicas, o funcionamento concreto do homem considerado como máquina.” (Lacan, 1985a, p. 83) Lacan aproxima diversas vezes neste seminário o funcionamento do homem regulado pela estrutura simbólica, regido pelo significante e pelos mecanismos dos quais falamos no segundo capítulo, do funcionamento de uma máquina também regulada por símbolos.

pontos de chegada que de partida (como a boca de Irma, naquele sonho, para Freud, por exemplo).

Para assinalar esse aparecimento *como por acaso*, Lacan recorre à inscrição do trauma na própria história da psicanálise, que traduz esse encontro com algo de não realizado de forma pungente e que parece vir como indeterminado.

Como Lacan dá a entrever, essa divisão não se dá de forma tão estanque, já que a rede significante que está em jogo no *autômaton* encontra em seu núcleo o real, ao passo que, para que se dê um encontro com essa presença radical, é preciso também, como vimos no esquema delineado com o jogo dos “+” e “-”, que haja significantes que suportem sua presença como não realizado. Na articulação entre a cadeia dos “+” e dos “-”, junto às letras, sulcam-se lugares. Mas como dessa junção surge um resto, ele não deixa também de ser um efeito dessa articulação, ao mesmo tempo, em que se apresenta na cadeia como impossível, justamente por não poder ocupar o lugar de mais um significante.

Lá onde estava, o Ich – o sujeito, não a psicologia – o sujeito deve advir. E para saber que se está lá, só há um método, que é de discriminar a rede e, uma rede se discrimina como? É voltando, retornando, cruzando seu caminho, que ela se cruza sempre do mesmo modo [...]. Toda a história da descoberta por Freud da repetição como função só se define em mostrar assim a relação do pensamento com o real. (Lacan, 1985b, p. 48 – grifos do original)

4.3

Ponto zero da representação

Para demonstrar o que está envolvido no encontro com o real, mais uma vez nos remetemos a um comentário de Lacan sobre um sonho. Trata-se do sonho que Freud também relata na *Interpretação dos sonhos*. O sonho em que um pai vela seu filho morto. Dormindo no quarto ao lado, tendo deixado um senhor na cabeceira do filho, em sonho, este lhe aparece, dizendo: “Pai, não vês que estou queimando?”. O pai acorda com um clarão no quarto ao lado e, lá chegando, depara-se com o senhor rendido pelo sono e com a mortalha e um dos braços de seu filho consumidos pelo fogo.

Lacan aponta para a experiência de ruptura em que se dá o aparecimento daquilo que resta inscrito no aparelho psíquico sob a marca do processo primário – em nossos termos, daquilo que está além e aquém das representações.

O que desperta o sujeito neste sonho do filho morto? Caso se tratasse apenas do clarão, ele não se demoraria sonhando com a presença do filho, mas acordaria rapidamente para salvar seu corpo do estrago do fogo. Entretanto, Lacan aponta para uma outra realidade, aquela encenada no próprio sonho, que acorda o pai. Não se trata no sonho de uma estrutura que traria a possibilidade de que um desejo qualquer pudesse se satisfazer. Nesse se dá um encontro entre um pai e o que Lacan chama de “perda imajada do objeto em seu ponto mais cruel” (Lacan, 1985b, p. 60). Perda não imaginada, não representativa, mas ponto de fuga das próprias representações, encontro daquilo que a morte do filho traz como presença de seu desaparecimento e de interrupção da própria tarefa de um pai (“nenhum ser consciente” – Loc. cit.), isto é, a transmissão quebrada pelo real da morte. Assim, a falta do velho como contingência, aquele que dormiu, que falhou, serve de arremedo para que um “tarde demais” se repita: tarde demais, o filho está morto; tarde demais, o braço do filho está queimado.

Freud faz a hipótese de que tanto as falas “pai não vê”, quanto “estou queimando” podem ser lembranças de situações que ainda estão na memória do pai, disponíveis em sua rede significante. O sonho as utiliza para dar ensejo a esse encontro em que entre sonho e realidade factual se presentificará uma inversão: quando sonha, há a presença do filho, “[...] realidade que não pode mais se dar a não ser repetindo-se infinitamente, num infinitamente jamais atingido despertar” (Loc. cit.); acordado, ele está morto. Esta inversão que traz a questão da relação do sonho com o caráter representativo da realidade factual aponta, para Lacan, o “lugar-tenente da representação” (Ibid., p. 61). É em torno deste lugar que Lacan verificará o que está em questão na repetição pelo seu viés real: marca de um encontro faltoso, isto é, encontro em que a representação falta, mas no qual aparece a instância insistente do que causa as representações, que nos interroga, como interroga esse pai em ruptura com sua tarefa – a da transmissão que não pode mais se dar, posto que seu filho está morto.

4.4

Entre couro e carne

Lacan assinala o lugar do que se apresenta como hiância, que aponta para o ponto em que as representações fenecem, mas em que há a aparição de seu avesso.

Esse lugar estaria desenhado, como indica Lacan, em um esquema freudiano na *Interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/1996, p. 568 et. seq.). Ele está entre a percepção e a consciência. As percepções se introduziriam no aparelho como traços. Podemos aproximá-los dos “+” e “-”: esta estrutura reteria traços e, conforme o jogo entre eles, um jogo de pura diferença, nascem as primeiras oposições⁵. Freud insere outras camadas entre a retenção desses traços (função da percepção) e a consciência, comparando o sistema a uma câmera fotográfica, em que quando se vê a imagem, ela se inscreve invertida na retina (Cf. Vieira, 2005)⁶.

Importa com este esquema de Freud salientar que é nesse espaço, “entre couro e carne” (Lacan, 1985b, p. 48), que aquilo que se dava como ruptura pode se inscrever, intrometendo-se quando há alguma brecha na realidade e podendo ter efeitos sobre o sujeito. Através deste esquema freudiano, a consciência se situa, conforme a chegada da percepção, depois do inconsciente. A importância do que se apresenta parasitando as cadeias associativas, ou a série que resultou da articulação dos “+” e “-” com as notações, é evidente neste esquema. Através dele, não poderemos ter dois sistemas separados, consciente de um lado, retendo a realidade factual “tal como ela seria”, e o inconsciente de outro. O esquema freudiano demonstra que antes de chegar à consciência, os traços apreendidos pela percepção são inscritos no inconsciente. O que se mostra, por exemplo, no sonho do filho morto, como ponto avesso das representações tem seu valor por condicioná-las⁷.

A sintaxe, exatamente, é pré-consciente. Mas o que escapa ao sujeito, é que sua sintaxe está em relação com a reserva inconsciente. Quando o sujeito conta sua

⁵ Sobre a chegada ao aparelho desses traços, cf. Lacan, 1988, p. 62 et. seq.

⁶ Cf. Freud, 1896/1996, p. 281 et. seq.; 1900/1996, p. 568 et. seq.; e Lacan, 1985b, p. 48-49. Lacan usa a metáfora do modelo óptico e situamos nessa inversão a entrada do inconsciente, que altera a imagem a fim de produzir algo na consciência. O que aí surge pode não ser totalmente inscrito na consciência, mas não deixa de existir e de aparecer para o sujeito. Não poderemos nos deter muito mais nesse processo, deixando-o aqui assinalado.

⁷ “Descreveremos o último dos sistemas situados na extremidade motora como o ‘pré-consciente’, para indicar que os processos excitatórios nele ocorridos podem penetrar na consciência sem maiores empecilhos, desde que certas condições sejam satisfeitas: por exemplo, que eles atinjam certo grau de intensidade, que a função que só se pode descrever como ‘atenção’ esteja distribuída de uma dada maneira, etc. Este é, ao mesmo tempo, o sistema que detém a chave do movimento voluntário. Descreveremos o sistema que está por trás dele como ‘o inconsciente’, pois este não tem acesso à consciência senão através do pré-consciente, ao passar pelo qual seu processo excitatório é obrigado a submeter-se a modificações.” E ainda a nota de rodapé que se segue, acrescentada em 1919: “Se tentássemos ir mais adiante com este quadro esquemático, no qual os sistemas se dispõem em sucessão linear, teríamos de nos haver com o fato de que o sistema seguinte ao Pcs. é aquele a que se deve atribuir a consciência, ou seja, que Pcpt. = Cs.” (Freud, 1900/1996, p. 571)

história, age, latente, o que comanda essa sintaxe, e a faz cada vez mais cerrada. Cerrada em relação a quê? – a que Freud, desde o começo de sua descrição da resistência psíquica, chama um núcleo. [...] O núcleo deve ser designado como da ordem do real [...] (Ibid., p. 70)

De acordo com o esquema do pente introduzido na *Interpretação dos sonhos*, pudemos apreender o que se coloca em questão na sintaxe do esquema dos “+” e “-”. Lacan, no *Seminário 2*, comenta que trata-se de ir no encalço de uma regularidade presumida que se furtaria ao sujeito, mas que poderia ser depreendida a partir de um pequeno desvio, evidenciado pela série resultante da articulação dos “+” e “-” com a das notações (Lacan, 1985a, p. 242). Tal regularidade presumida nos levaria aos significantes que aparecem como aqueles privilegiados, aqueles cuja relação com o núcleo se encontraria mais próxima, isto é, menos presa ao sentido, mas funcionando mais como marca indicativa das amarrações do sujeito ao real.

Com essa perspectiva de que o que se repete pelo viés da *tiquê* é a possibilidade de um encontro com o que não é passível de se representar, com aquilo que move as representações, insistindo, envelopado, por elas, mas não integralmente capturado, podemos passar a uma fórmula preciosa de Lacan: “a repetição demanda o novo” (Ibid., p. 62).

Lacan aponta aí a demanda das crianças em exigir a mesma história a ser contada pelos adultos a cada noite. Dado que é impossível repetir a mesma história, pois sempre algo diferente se colocará, o lúdico do jogo infantil neste caso não seria tanto a exatidão na narrativa da mesma história, mas o encontro do que nela se coloca como pequena variação da repetição. A repetição seria, assim, uma condição para que o imprevisto se manifeste. E esta espera está sempre coordenada pela estrutura, pelo significante, condição pela qual se manifesta a possibilidade de que haja repetição – no caso das crianças, o texto da história é que se dá como uma espécie de base para que o novo advenha.

Lacan logo depois comenta o *fort-da*, jogo no qual nos detemos brevemente nos capítulos precedentes em que a criança lança um carretel e o puxa de volta para recomeçar o mesmo movimento. Neste jogo não se trata de fazer reaparecer a mãe ou domesticar suas saídas, mas de visar a repetição de uma divisão introduzida no próprio sujeito. Essa divisão é fruto do que no Outro se coloca como podendo ser representado – a mãe como aquela que pode ir e vir pela operação que a constitui como significante. Mas há também a presença do que

vimos no sonho do filho morto como lugar tenente da representação. Como o simbólico falha ao situar de modo integral essa presença, a mãe não somente se inscreverá como significante, mas o jogo destacará um excedente que implica seu desejo em relação à criança. Esta poderá responder colocando-se como o objeto a completar esse desejo, como veremos a seguir, com o objeto *a*.

4.5

Um encontro impossível

Já abordamos alguns aspectos do encontro faltoso que está em questão na experiência da repetição. Trata-se de um encontro com o ponto cego das representações que, mesmo que se encarne furtivamente, não se pode tomar como sendo uma dentre elas.

Lacan nos dá notícias em seu *Seminário 7* de um encontro paradoxal deste tipo quando assinala a importância do *das Ding*, no *Projeto* de 1895 de Freud. Ficaremos com breves indicações acerca deste ponto, pois ele nos servirá como uma espécie de introdução ao que Lacan conceituará em um momento posterior de seus seminários, o objeto *a*.

Freud introduz *das Ding* quando infere, do aparelho psíquico que constrói neste texto de 1895, sua capacidade de conhecimento e julgamento dos objetos. É em torno de *das Ding* que é calcada a prova de realidade. A partir da apreensão da realidade pelo sujeito, aparta-se o que se coloca como estranho, como *Fremde*, algo que permanece “coeso como coisa”. “O complexo do objeto é dividido em duas partes, há divisão, diferença na abordagem do julgamento.” (cf. Lacan, 1988, p. 68). A experiência da realidade, portanto, se divide a partir da colocação de um objeto estranho no exterior, o primeiro exterior do sujeito, que se colocará no julgamento de cada objeto. *Das Ding* não participa da regulação prazer/desprazer, mas dita, de outro lugar, o julgamento da realidade de acordo com um reencontro paradoxal, pois *das Ding* lá estará como condição de percepção, mas não como encontro.

O *Ding* como *Fremde*, estranho e podendo mesmo ser hostil num dado momento, em todo caso como o primeiro exterior, é em torno do que se orienta todo o encaminhamento do sujeito. É sem dúvida alguma um encaminhamento de controle, de referência, em relação a que? – ao mundo de seus desejos. Ele faz a prova de que alguma coisa, afinal, encontra-se justamente aí, que, até um certo ponto, pode servir. Servir a que? – a nada mais do que a referenciar, em relação a

esse mundo de anseios e de espera orientado em direção ao que servirá, quando for o caso, para atingir *das Ding*. Esse objeto estará aí quando todas as condições forem preenchidas, no final das contas – evidentemente, é claro que o que se trata de encontrar não pode ser reencontrado. É por sua natureza que o objeto é perdido como tal. Jamais ele será reencontrado. Alguma coisa está aí esperando algo melhor, ou esperando algo pior, mas esperando. (Ibid., p. 69)

Assim, são as coordenadas de *das Ding* que são encontradas, e não este objeto em si, posto que ele só existe como uma espécie de “alucinação fundamental”. Lacan a nomeia também como “coisa muda”, já marcada pela incidência do simbólico, coisa que é nada, que “[...] se distingue como ausente, alheia” (Lacan, 1988, p. 82).

A tentativa deste reencontro será pautada pela organização das cadeias que salientamos em nosso primeiro capítulo, isto é, através do que as *Bahnungen* inauguraram como trilhamentos, facilitações das redes associativas que constituem a memória.

4.6

Um encontro com o impossível

Como dissemos, *das Ding*, como impossível que traça os contornos do que se acha na realidade, está destinada a nunca ser encontrada. Entretanto, de acordo com as teorizações ulteriores de Lacan, há um impossível que se dá ao encontro, que se encarna. Trata-se do objeto *a*.

Ao falar das neuroses traumáticas, uma das situações escolhidas por Freud na virada de 1920, Lacan se detém, como vimos, nos sonhos traumáticos. Se, com relação ao trauma, trata-se de um encontro para o qual todos somos chamados, configurando um encontro essencial, na neurose traumática, o sujeito se depara com o real “apresentado na forma do que nele há de inassimilável” (Lacan, 1985b, p. 57). Trata-se de um encontro com uma presença radical. Com a conceituação do objeto *a* podemos situar as coordenadas desse encontro.

Lacan teoriza, na primeira década em que ministrou seus seminários, o objeto diretamente tributário do simbólico, vinculando o desejo a um deslizamento metonímico cujos pontos de parada circunscreviam o encontro de objetos parciais prontos a impulsionar, mais uma vez, a circuito ao infinito (Millot, 1989, p. 57). É assim que, nos primeiros tempos, Lacan apontava para a morte como encarnação última do ponto impossível das representações:

[...] atrás daquilo que é nomeado, o que existe é inominável. É justamente por ser inominável, com todas as ressonâncias que possam dar a este nome, que isto se aparenta ao inominável por excelência, isto é, a morte. (Lacan, op. cit., p. 266)

De um encontro com a alteridade – que, em nosso texto recebe alguns nomes, tais como traumático, sexual, núcleo patogênico – há o resquício de uma presença que está na base da formação da própria realidade psíquica, o real. Vimos que dentre a conformação, sob a incidência do simbólico, das cadeias associativas (a rede de significantes) há um resto impossível de apreensão integral onde reina a palavra. E Lacan chega a ilustrar esse resto sob o prisma do próprio corpo, nomeando-o como “libra de carne” (Lacan, 2005, p. 139) o elemento empenhado para que aí se entre no registro do símbolo. Isso indica que nesse encontro houve um resto:

O resto que faz obstáculos à dialética e à lógica do significante, no sentido em que esse resto permanece insolúvel, não se pode resolvê-lo nem dissolvê-lo. (Miller, 2005b, p. 16)

O que era até então teorizado através de um objeto sempre em falta, situando-se nos confins do mundo, onde o próprio mundo e suas representações parecem pouco a pouco se esgarçar, passa a comportar uma estranha corporeidade. Até então a via de apreensão de Lacan do real, do que está encarnado por esse objeto, era a do significante.

O que Lacan chama de resto ganha esse nome, como vimos, por salientar um resíduo da operação significante que não pôde se estabelecer integralmente neste registro, assinalando um outro tipo de presença⁸.

Se sua função é comparecer aí, onde se situa uma espécie de *ponto zero* da realidade psíquica, o desvelamento desse objeto não é percebido senão como traumático. Esse elemento que sustenta a cena, articulação entre palco e bastidores, é para um limite da cena que ele não só aponta como apresenta quando nela aparece (Vieira, 2005).

Estamos, justamente, no limite quando situamos o aparecimento desse *a mais*, isto é o que Lacan parece assinalar. Por isso a formalização desse objeto em

⁸ “Na análise, às vezes existe o que é anterior a tudo o que podemos elaborar ou compreender. Chamarei a isso presença do Outro (A), com A maiúsculo.” (Lacan, 2005, p. 31)

sua teorização aparece em um momento preciso, momento no qual ele está a tratar da angústia⁹.

Na falta de algo que represente completamente o sujeito no simbólico, posto que esse resto fica de fora, um resto irrepresentável, libra de carne para que passe ao mundo da cultura, para que faça laço com o Outro, sua âncora torna-se este objeto. É ele que pode designar ao sujeito seu desejo, dando uma consistência onde haveria puro vazio do simbólico.

Esse resto é o resto de toda simbolização, o resíduo irreduzível da operação simbólica do surgimento do sujeito no lugar do Outro: a hegemonia do simbólico não é absoluta. O lugar do Outro, como lugar do significante, compreende, no cerne de sua estrutura, o Outro que não ele mesmo, a saber, um ponto real que se define como ponto de aversão em relação ao simbólico. Tudo se passa como se a alteridade do lugar do simbólico, ou seja, a própria existência de uma alteridade, não tivesse como garantia senão um ponto de real que o objeto (a) teria por função suportar. (Milot, 1989, p. 59)

Trata-se, portanto, de um resto que se encarna tanto quando uma representação do simbólico falha em recobrir totalmente o sujeito, falha quanto a incidência do desejo do Outro sobre ele, quanto a um resto que causa o simbólico, pois justamente pela impossibilidade de tudo recobrir é que as cadeias prosseguem. O simbólico é causado por uma falta de significante que lhe é central (Loc. cit.). Isso, no entanto, que se coloca como central, com o objeto *a*, ganha existência. Não se trata mais de puro vazio, mas objeto que pode encarná-lo. Diante dele, se coloca uma espécie de ponto de parada, de limite do deslizamento da cadeia.

O paradoxo, a impossibilidade, a perda que se coloca quando falamos desse objeto remete a faceta “libra de carne” a ser ofertada ao Outro. O objeto *a* encarna a perda, mas de forma sexuada pois, não se tratando nem de algo do sujeito nem do Outro (está antes que essa diferenciação possa ser feita, e é através dele também que ela é colocada), é direcionado a ele no sentido de suprir a falta do simbólico, aquela que diz respeito ao lugar do sujeito no desejo do Outro.

⁹ “Este real fundamental da angústia é, ao mesmo tempo, aquilo que motiva o desejo, pois encarna a zona obscura do mundo, o segredo dos homens. Dessa forma, desde que recoberto por um véu, ele causa desejo em vez de angústia. Quero a mulher que esconde alguma coisa e me afasto daquela que parece exhibir descaradamente seu sexo. Para dar conta dessa incidência paradoxal do desejo, Lacan formula o conceito de objeto *a*, justamente a partir da angústia. Trata-se de um objeto que incorpora o paradoxo acima e representa, no campo do sentido, o seu furo, seu limite.” (Vieira, 2001, p. 10)

Pergunta que não encontra resposta em termos simbólicos, mas encontra a possibilidade de produção desse lugar do sujeito no Outro.

Essa breve e insuficiente tentativa de circundar o objeto *a* demonstra um claro limite em alcançá-lo. Registramos que se trata de algo a ser produzido, a ser deslindado em uma análise de modo a poder ser, depois de um percurso, encarnado na figura do próprio analista – o qual, para surpresa de Freud, servia justamente como testemunha para as atuações dos pacientes naquilo que eles tinham de mais sintomático. O objeto *a* como produto de uma análise demonstra que o analista não é só testemunha, mas também precisa servir de suporte para esse estranho que o simbólico não comporta¹⁰. Essa produção

[...] necessita que a história do sujeito, de seu caráter, de seus hábitos, de suas fantasias, seja esgotada pela análise, o objeto (*a*) sendo localizado a partir do sulco a que sempre nos leva o disco arranhado do discurso do paciente. (Milot, 1989, p. 63)

4.7

De soslaio

Verifica-se a existência de um objeto que não se coloca como os outros, posto que, como indica o comentário de Lacan no *Seminário 11*, trata-se de uma “perda imajada”. Isso é, algo que se coloca na imagem, mas que se traduz nela como falha, como o que se dá a ver de soslaio, justamente o ponto que era preciso que ficasse velado para que a imagem se estruturasse como tal, permitindo a “normalidade do campo visual” (Miller, 2005b, p. 73).

Para oferecer uma ilustração que possa se colocar a altura de tal hipótese, Zizek recorre a uma cena de um romance de ficção científica. Trata-se de um livro de Robert Heinlein intitulado *The unpleasant profession of Jonathan Hoag*. Nesta passagem, Hoag, um dos artistas mandados de tempos em tempos para

¹⁰ “Nesse *Seminário* [*Seminário 11*], a repetição não é somente repetição automática dos significantes, tendo também o valor de evitação do real como sexual. Quanto à repetição assim definida, a transferência é a colocação em ato da realidade sexual, de tal forma que aparece como *tykhé* da repetição. O que a repetição está destinada a falhar sempiternamente se encontraria posto em ato na transferência. A disjunção entre repetição e transferência, valorizada na lita dos quatro conceitos, dissimula uma conjunção mais secreta, celebrada por Lacan sob o aspecto do objeto *a*. A repetição implica o contínuo decepcionar-se com o encontro com o objeto *a*, ao passo que a transferência o presentifica.” (Miller, 2005a, p. 168)

empreender pequenos ajustes na realidade, criada por um grande artista, recomenda a seu colega de trabalho que não abra a janela durante a volta de um passeio. Ele e a mulher voltavam então deste passeio com Hoag, e, enquanto este estivesse consertando algumas das pequenas falhas que de vez em quando ocorriam, não deveriam baixar os vidros do carro. Após testemunharem o atropelamento de uma criança, Randall e Cynthia, ao avistarem um guarda, param o carro tentando contar o acontecido. Quando Cynthia baixa o vidro, um grito: sem guardas, nem estrada, nem crianças, o que se via era somente uma névoa acinzentada e disforme, imagem amorfa, sem que se pudesse notar nenhum resquício de movimento. Rapidamente Randall grita a Cynthia que suba novamente o vidro, mas esta não consegue mover seu braço, já afetado pela inércia que vinha da cena de fora do carro. Ele consegue fechar a janela e a cena anterior se reconstitui perante os vidros.

Dessa cena chocante podemos depreender que não estaremos mais perto do real quanto mais estivermos às voltas com cenas traumáticas e violentas. O choque da cena não se dá, por exemplo, com o atropelamento do menino, mas quando há a confrontação com o que é pura deformidade sem movimento. O real terá valor como incidência em um determinado ponto da cena. Impossível tomá-la inteira, pois o registro da realidade é feito da concatenação do real junto ao simbólico e o imaginário, o que Zizek também aponta e o detalhe por onde o real pode se materializar, isto é, neste caso, através da janela do carro (Zizek, 1998, p. 14-15)¹¹.

A realidade, assim, seria uma espécie de montagem precária. A aproximação de suas bordas resultaria em prazer¹². Entretanto, chegar um pouco mais perto pode ser prenúncio do trauma, como no caso da cena comentada por Zizek.

Podemos dizer que determinada aproximação das bordas traduz-se em prazer por encontrar-se em uma localização específica desenhada pelas cadeias significantes. A presença de uma espécie de véu encobre a face potencialmente

¹¹ Recentemente o anúncio de um carro também nos colocou a questão desta fronteira: um famoso ator e sua bonita acompanhante rodavam pelas ruas vazias da cidade. Estranho como em um dia normal não se via viva alma. Ele decide baixar o vidro e o estrondo da cidade irrompe em seu carro. Basta levantar o vidro novamente e a cena exterior se apaga, só restando a boa companhia da moça, assim como a comodidade do carro anunciado.

¹² Como nas zonas erógenas delimitadas por Freud e retomadas por Lacan.

traumática de seu aparecimento. A repetição, em seu viés significante, também não deixa de desenhar essa proximidade com tal área. Contornando-a, obtém-se prazer.

Já uma aproximação de certa forma mais descortinada implica na própria mobilização dessas cadeias que desenham o lugar do real. Se ele é, como nos símiles freudianos de 1895, o centro organizador das cadeias, aproximar-se deste centro as mobilizaria. É isso o que Freud aponta quando, por exemplo, assinala que em certas regiões os fios lógicos encontram pontos nodais e buscam outras vias. Ao longo dos desvios do que seria um encontro de ordem mais traumática, coloca-se no discurso do paciente um percurso sulcado. Deste se depreenderia um desenho sulcado, como assinalou Millot, desenho que delinea o próprio “núcleo patogênico”. Para tanto, é preciso fazer valer a repetição em seus dois aspectos. Vamos a este ponto.

4.8

A repetição na experiência de uma análise

Desde nosso primeiro capítulo estamos às voltas com as circularidades da cadeia significante. Um automatismo dos significantes – o que Lacan toma em paralelo ao funcionamento de uma máquina – se dá de forma pré-subjetiva e formula a condição do próprio sujeito do inconsciente¹³, aquele que se situa entre dois significantes e que se faz representar de um a outro. Tal funcionamento, aproximado a uma máquina, pode ser exemplificado pelas séries que Lacan delineou em seu *Seminário 2*, da qual tratamos em nosso segundo capítulo. Com os “+” e “-” se proliferando¹⁴ e as notações automaticamente se colocando a cada combinação possível, pode-se entrever o movimento do automatismo do qual nos fala Lacan, de um jogo simbólico que se desdobra indefinidamente em seu movimento *autômaton*, como vimos com a categoria aristotélica.

¹³ “O jogo do símbolo representa e organiza, em si mesmo, independentemente das particularidades de seu suporte humano, este algo que se chama um sujeito. O sujeito humano não fomenta este jogo, ele toma seu lugar e desempenha aí o papel dos pequenos mais e dos pequenos menos. Ele próprio é um elemento nesta cadeia que, logo que é desenrolada, se organiza segundo leis.” (Lacan, 1985a, p. 243)

¹⁴ “Enquanto o sujeito não está pensando nisto, os símbolos continuam acavalandose, copulando, proliferando, fecundando-se, trepando, rasgando-se. E quando vocês tiram um, podem projetar nele uma fala deste sujeito inconsciente do qual estamos falando.” (Lacan, 1985b, p. 233-234)

O significante, deste modo, anularia o objeto, retendo-o na cadeia e a satisfação adviria da própria repetição significante, satisfação coordenada pelo princípio do prazer. É nesse sentido que o grito, que vimos no aparelho psíquico do *Projeto*, surge em substituição ao objeto de desprazer com o qual o sujeito se depara. De forma bem breve, podemos supor que sendo o grito a saída encontrada para o desprazer sentido através da dor, ele eleva o foco do sujeito à presença do objeto, agora subvertida em significante. Sua retomada desenha, através da *Bahnung*, uma trilha de satisfação possível, o que impõe uma marca que se converterá em memória. Desta forma, obtêm-se inscrições na cadeia que se repetem por desembocar na sensação de satisfação para o sujeito.

E, quando [Lacan] se refere em termos explícitos ao automatismo de repetição, é para marcar que esse automatismo é, propriamente falando, o valor da memória freudiana, da rememoração somente concebível na ordem simbólica, ou seja, carregada de toda história do sujeito. (Miller, 2005a, p. 166)

Como vimos, entretanto, com o registro do real e sua encarnação com o objeto *a*, esse jogo, na análise, deverá ter um fim justamente calcado na presença do que pode aparecer sob um outro viés da repetição, o viés real.

Apesar da repetição tratar de uma anulação do objeto na primeira década do ensino de Lacan, no *Seminário 11* ele introduz a noção de repetição como encontro faltoso por visar a um real e falhar na tentativa de alcançá-lo. O trauma freudiano é por ele utilizado nesse ponto por assinalar o que há de inassimilável no simbólico, justamente o motor da repetição (Ibid, p. 167).

Entretanto, essa segunda hipótese repercute de maneira fundamental na prática analítica. Desde o *Seminário 7*, acompanhamos em Lacan a introdução de um centro em torno do qual girava a repetição. Se esse centro antes era tido como *das Ding*, objeto supostamente perdido porque nunca obtido, com o objeto *a* esse centro ganha corporeidade.

Com a teorização do objeto *a*, Lacan retomará no *Seminário 11* a repetição como um dos conceitos fundamentais da psicanálise. Se “nenhuma práxis, mais do que a análise, é orientada para aquilo que, no coração da experiência, é o núcleo do real” (Lacan, 1985b, p. 55), a repetição pode ser tida como conceito fundamental por ser uma das vias privilegiadas que o contornam. Como experiência que se dá “como por acaso”, ela erra sua mira, mas acerta no alvo. Escapando, ao mesmo tempo em dá mostras de sua existência.

É por uma conjunção entre estes dois aspectos da repetição que a análise não tende ao infinito, mas encontra sua bússola e seu limite¹⁵. Se é em torno de um eixo fixo, de um núcleo patogênico, como assinala Freud em 1895, que as cadeias se organizam, no fim dessa experiência, o que se encontra é este eixo não mais suposto, mas presentificado pelo objeto *a*. Tal presentificação tem o analista e sua aposta em topiar encarnar esse objeto como condição.

Nosso percurso procurou embrenhar-se por entre as vias da repetição, assinalando alguns pontos que acreditamos indicarem um norte à experiência de uma análise. Caso analista e paciente toquem a aposta, cada um de seu lado, céu e inferno tendem a se encarnar, agora de forma a colocar-se no caminho do sujeito de forma contingente e também ética.

¹⁵ “Nesse sentido, repetição de um mesmo circuito e evitação de um mesmo núcleo introduzem um limite à proliferação, uma vez que torna presente ‘o mesmo’.” (Brodsky, 2004, p. 204)

5

Considerações finais

Com a escolha em investigar alguns escritos iniciais de Freud em que se situam suas nascentes hipóteses com relação à memória, nossa tentativa foi primeiramente circunscrever a articulação das cadeias associativas. Com a premissa de que os histéricos sofriam de reminiscências, o interesse pelo passado ganha um traço metodológico: o passado se atualiza no sintoma. É com o que se coloca nesta atualização que tentamos tecer a linha de nosso percurso.

Já neste primeiro momento, há a preocupação de Freud em circunscrever o mecanismo das cadeias associativas. Para tanto, acompanhamos a criação de esquemas comparativos ao seu funcionamento. Especificamente três símiles freudianos de 1895 procuram esboçar o percurso e a rede tecida entre as cadeias. Elas se organizariam conforme um centro, o núcleo patogênico. Freud pontua a impossibilidade de colocá-lo em palavras. Impossível narrá-lo e, dessa constatação, surgem duas importantes conseqüências: a orientação de que o analista intervenha visando este núcleo, pois dele proviria alguma mudança em relação ao sintoma; e a hipótese da defesa, força que atuaria na direção oposta à aproximação do núcleo. Contemporânea a tais hipóteses, Freud inicia suas considerações acerca da transferência. É manejando-a que o analista tem a chance de mobilizar o núcleo patogênico e, justamente por encontrar-se nesse lugar, é preciso lidar com a defesa – que está em questão quando se trata desse núcleo, espécie de ponto avesso.

Mas, que ponto seria esse? Apostamos que ele guardaria uma proximidade com a repetição. Esta surge no texto freudiano a partir da transferência, fato que já indica alguma proximidade entre repetição e núcleo patogênico; a transferência faria a ligação entre um e outro. Se a repetição para Freud surge no contexto transferencial, como vimos em uma passagem no “Pós-escrito” ao caso Dora em nosso primeiro capítulo, e a transferência se coloca a partir de uma relação especial ao núcleo patogênico, a repetição talvez seja um dos modos pelos quais podemos nos aproximar dele.

Passamos brevemente pelo aparelho psíquico freudiano do *Projeto para uma psicologia científica*, também datado de 1895. A partir dele, pudemos situar a memória regida pelo princípio do prazer como possibilidade de permanência de uma marca no tecido nervoso a partir da passagem de excitações. De um escoamento da excitação por caminhos feitos e retomados, marcas seriam traçadas, trilhamentos: as *Bahnungen*.

Lacan nos esclarece quanto a tais hipóteses freudianas. No *Seminário 7*, a partir das *Bahnungen*, ele assinala que no aparelho freudiano a memória seria feita de marcas que constituem oposições, os primórdios de um sistema de oposições que podem ser ilustradas no esquema que usamos no segundo capítulo, o esquema dos “+” e dos “-”. Haveria então as repetições desses trajetos marcados pelo escoamento de excitação – o que se coloca como possível, de acordo com o princípio do prazer¹. Como se trata da intervenção do simbólico sulcando o aparelho psíquico, podemos mais uma vez aproximar este esquema daquele dos “+” e dos “-”: a série de notações determina as possibilidades de combinações. Segundo elas, a série resultante da articulação das notações com a série dos “+” e dos “-” seria ilimitada, e Lacan aproxima esse funcionamento ao de uma máquina, funcionamento acéfalo no sentido de que, uma vez estabelecida a articulação entre a série dos “+” e dos “-” junto à das notações, os símbolos continuam infinitamente copulando, se proliferando (Lacan, 1985b, p. 233 et. seq.) e a série seguirá sem ponto de parada. Ainda no *Seminário 2*, Lacan indica a inércia simbólica posta em ação nesta montagem. O pré-subjetivo, acéfalo e inerte estaria então vinculado ao princípio do prazer, no sentido de que garantiria um escoamento de acordo com as mesmas vias já impressas. É pelo prazer resultante desse funcionamento que ele permanece, e não por uma questão de hábito ou de facilidade, como vimos com Lacan.

Pois bem. Aproximando essa cadeia da cadeia associativa do paciente, feita também de símbolos copulando-se, podemos ver na clínica com os pacientes que em suas sessões podem narrar com a maior precisão acontecimentos atuais ou do passado em seus mínimos detalhes o que Lacan aproxima da rememoração: “[...] agrupamento e sucessão de acontecimentos simbolicamente definidos, puro

¹ Princípio do prazer como “[...] princípio de regulação que permite inscrever, num sistema coerente de formulações simbólicas, o funcionamento concreto do homem considerado como máquina.” (Lacan, 1985a, p. 83)

símbolo a engendrar por sua vez uma sucessão.” (Lacan, 1985a, p. 234; cf. 1985b, p. 41). Qual seria o ponto de basta para um discurso que, de certa forma, se automatiza, no sentido de que ele imprime um ritmo próprio que poderia se alongar indefinidamente? Podemos nos lembrar de Freud em “Psicoterapia da histeria” assinalando que, enquanto o paciente cuida para não se aproximar do núcleo, enquanto segue com suas narrativas e histórias, é preciso que o analista vise, como já pontuamos aqui, a articulação dessas narrativas com o núcleo patogênico. Neste mesmo texto, ele nos fala de um certo trabalho de edição do paciente e é preciso estar atento para as interrupções e remendas deste texto (Freud, 1895a/1996, p. 305).

Em alguns pontos da cadeia, há corte, há descontinuidade. Chegou-se mais perto do núcleo, é a leitura de Freud. O que vai se colocando pouco a pouco em sua experiência e em seus escritos é que há fenômenos que também indicam uma certa proximidade em relação a esse núcleo e um deles é a repetição de experiências desagradáveis, que não estariam vinculadas a obtenção de prazer visando o escoamento da excitação. Ou ainda, não visariam a obtenção de prazer com as premissas de um conflito psíquico, em que, pelos mecanismos de condensação e deslocamento, a introdução do recalcado na cadeia traria algum prazer. Lacan retoma a questão de Freud da seguinte forma:

[...] o próprio fenômeno sobre o qual se acha fundada a análise é o seguinte – ao visarmos à lembrança, e quer a encontremos ou não, damos com a reprodução sob a forma de transferência de algo que pertence de maneira manifesta ao outro sistema. (Lacan, 1985a, p. 84)

Tomemos o outro sistema como outra forma de funcionamento que não através do princípio do prazer.

Temos então, de um lado, a repetição do mesmo, a tendência a um automatismo da cadeia que, segundo as mesmas combinações, como no esquema dos “+” e dos “-”, tende a se repetir de forma ilimitada; e, de outro, a experiência de uma repetição (a reprodução na transferência, os sonhos traumáticos, por exemplo) que engendra corte na cadeia, que nos remete para o que parece ser uma aproximação do núcleo patogênico de Freud.

Freud se pergunta o que significa, do ponto de vista do princípio do prazer, o caráter inescotável desta reprodução. Será que ela se dá por haver algo de desregulado ou será que ela obedece a um princípio diferente mais fundamental? Será que [esse princípio mais fundamental] é assimilável, redutível, simbolizável?

Será que ele é algo? Ou bem será que ele não pode ser nem nomeado, nem apreendido, mas apenas estruturado? (Lacan, 1985a, p. 84-85)

Seguimos com essa indicação de Lacan: coloca-se em algumas experiências algo para além do símbolo, mas que se estrutura, se articula a ele, nessas situações paradoxais que não seguiriam a lógica do princípio do prazer.

Para tanto, evocamos alguns nomes possíveis para evidenciar o caráter do que Freud situa em um primeiro momento como núcleo patogênico: núcleo traumático, sexual, pulsão de morte, real. Decidimos elencar esses nomes em prol de podermos nos aproximar disso que se coloca de forma excedente na experiência do sujeito. As conceituações que envolvem cada um desses nomes/conceitos têm suas especificidades. No entanto, o que intentamos salientar é o funcionamento de algo que se dá como um resto da incidência do simbólico e que remete a tais nomes. Assim, encontramos de maneira mais precisa um segundo viés da repetição.

Retomando: em sua face significante, a repetição aponta para a cadeia associativa, aquela que se tece como fios lógicos zigzagueantes no símile freudiano, e seus “arquivos” temáticos, imagem que Freud nos traz para ilustrá-la. Essa face traz a tona o funcionamento de retorno aos significantes que Lacan no *Seminário II* indica, com Aristóteles, tratar-se do *autômaton*.

Entretanto, com a hipótese da pulsão de morte que surge em 1920 em “Além do princípio do prazer”, há a teorização de uma outra face da experiência repetitiva, esta que se colocava desde, por exemplo, o texto “Recordar, repetir e elaborar”, de 1914. Essa outra face da repetição, Lacan a chama *tiquê*. Trata-se de um encontro faltoso que abordamos com o sonho de Irma e o do “Pai não vê que estou queimando” em nosso último capítulo. Faltoso porque visa para não encontrar; justamente delineia em seu cerne o que não é da ordem do simbólico, mas que se introduz nele.

Quisemos, no desenvolvimento deste percurso, tratar dessas duas faces da repetição. Não se tratam de dois tipos distintos de repetições, mas de dois aspectos que nela se colocam. Para contornar o objeto faltoso, é preciso que a cadeia significante desenhe seus pontos de corte. Para isso, é preciso retornar, é preciso perfazer novamente, narrar de novo para que esses pontos se delineiem. A partir deles, se sulcam marcas no discurso, marcas que delimitam o objeto a ser reencontrado para ser novamente perdido.

Vimos com os comentários de Lacan sobre o *das Ding* freudiano do *Projeto* como, em um primeiro momento, tratava-se de um objeto impossível e não encarnado, posto que remete a um ponto limite do simbólico, ao que ele não captura por não ser da ordem do símbolo. Em seguida, a conceituação do objeto *a* apresenta uma exterioridade que tem lugar no simbólico, algo que se presentifica como externo e interno a ele ao mesmo tempo, e que ganha encarnação objetual.

É na repetição em um percurso de análise de um encontro com algo a ser sempre perdido que se pode delimitar o objeto *a*, essa substância que define o impossível com o qual convive o sujeito e que lhe poderá conferir uma mudança em seus possíveis.

Referências bibliográficas

ANDRADE, C. D. de. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ASSOUN, P.-L. **Introdução à epistemologia freudiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

BORGES, J. L. **Os conjurados**. Madri: Editora Três, 1985.

BARROS, R. R. **Sintoma e repetição**. EBP-Rio, 2005. Seminário inédito.

BRODSKY, G. **Short story**: os princípios do ato analítico. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

COSTA-MOURA, F. “‘Pai, não vês que estou queimando?’ – encontro com o real entre o sonho e o despertar”. Disponível em:

<http://www.tempofreudiano.com.br/artigos/detalhe.asp?cod=34>. Acesso em 8 de dezembro de 2007.

BREUER, J.; FREUD, S. [1893] “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar”. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. II.

_____. [1895a] “A psicoterapia da histeria”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. II.

FREUD, S. [1895b] “Projeto para uma psicologia científica”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. I.

_____. [1898] “O mecanismo psíquico do esquecimento”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. III.

_____. [1898] “Lembranças encobridoras”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. III.

_____. [1900] “Interpretação dos sonhos” (Parte I). In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. IV.

_____. [1900] “Interpretação dos sonhos” (Parte II). In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. V.

_____. [(1901)1905] “Fragmento da análise de um caso de histeria”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. VII.

_____. [1909] “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. X.

_____. [1910] “Cinco lições de psicanálise”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XI.

_____. [1911] “Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico”. In: **Obras Psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2004, v. I.

_____. [1914] “Recordar, repetir e elaborar”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XII.

_____. [1915] “Pulsões e destinos da pulsão”. In: **Obras Psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2004, v. I.

_____. [1919] “O estranho”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XVII.

_____. [1920] “Além do princípio do prazer”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XVIII.

FINK, B. “A causa real da repetição”. In: FELDSTEIN, R.; FINK, B.; JAANUS, M. **Para ler o Seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

GARCIA-ROZA, L. A. **Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, v. 1.

HANNS, L. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005b.

_____. [1953/1954] **O Seminário – livro 1: os escritos técnicos de Freud.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

_____. [1954/1955] **O Seminário – livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985a.

_____. [1955/1956] **O Seminário – livro 3: as psicoses.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985c.

_____. [1956/1957] **O Seminário – livro 4: a relação de objeto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

_____. [1957/1958] **O Seminário – livro 5: as formações do inconsciente.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. [1958/1959] **O Seminário – livro 6: o desejo e sua interpretação.** Seminário inédito.

_____. [1959/1960] **O Seminário – livro 7: a ética da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

_____. [1962/1963] **O Seminário – livro 10: a angústia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005a.

_____. [1964] **O Seminário – livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985b.

_____. [1964/1965] **O Seminário – livro 12: problemas cruciais para a psicanálise.** Seminário inédito.

_____. [1965/1966] **O Seminário – livro 13: o objeto da psicanálise.** Seminário inédito.

_____. [1967/1968] **O Seminário – livro 15: o ato psicanalítico.** Seminário inédito.

_____. **Outros escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

MILLER, J-A. **Matemas II.** Buenos Aires: Manantial, 1989.

_____. **O osso de uma análise.** Salvador: Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Bahia, 1999.

_____. **Los usos del lapso.** Buenos Aires: Paidós, 2004.

_____. **Silet**: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005a.

_____. “Introdução à leitura do Seminário 10 da angústia de Jacques Lacan”. In: **Opção Lacaniana**, n. 43. São Paulo: Edições Eólia, 2005b.

MILLOT, C. **Nobodaddy**: a histeria no século. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1989.

MILNER, J-C. **A obra clara**: Lacan, a ciência, a filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

_____. **Os nomes indistintos**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

POE, E. A. **Assassinatos na rua Morgue**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

REIK, T. **Surprise and the psycho-analyst**: on the conjecture and comprehension of unconscious processes. London: Routledge, 1999.

RUDGE, A. M. **Pulsão e linguagem**: esboço de uma concepção psicanalítica do ato. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SANTIAGO, J. “O desejo do analista e sua cumplicidade aberta à surpresa”. In: **Correio**, n. 44. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, 2003, pp. 20-25.

SANTOS, L. G. **O conceito de repetição em Freud**. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: FUMEC, 2002.

VIEIRA, M. A. **A ética da paixão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. “Fazer análise: do fútil ao fato”. In: **Opção Lacaniana**, n. 40. São Paulo: Edições Eólia, 2004.

_____. “Objeto e desejo em tempos de overexposição”. In: **Revista Ágora**: Estudos em Teoria Psicanalítica. Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.

ZIZEK, S. **Enjoy your symptom!** New York: Routledge, 1992.

_____. **Looking awry**. Cambridge: MIT Press, 1998.